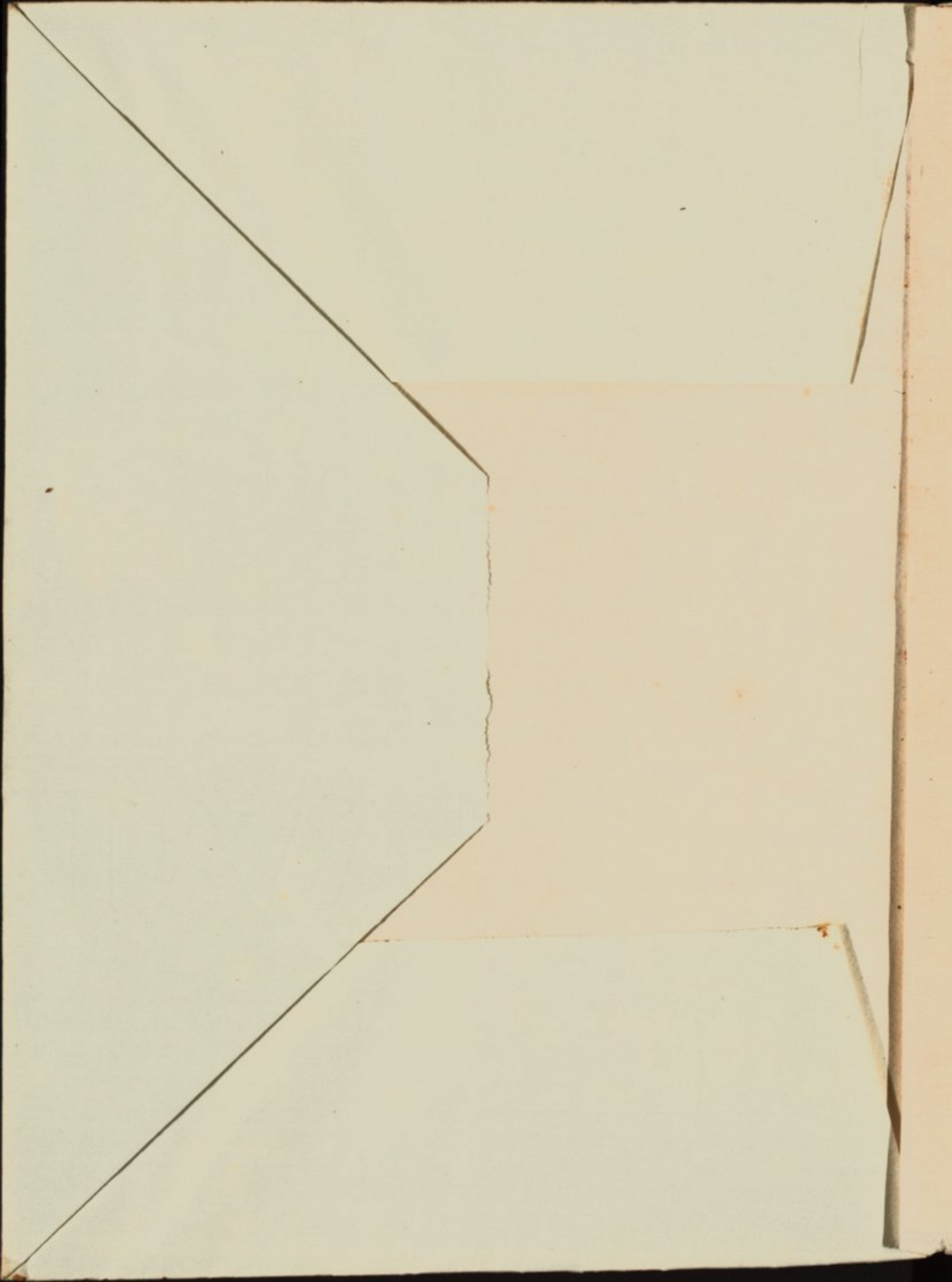
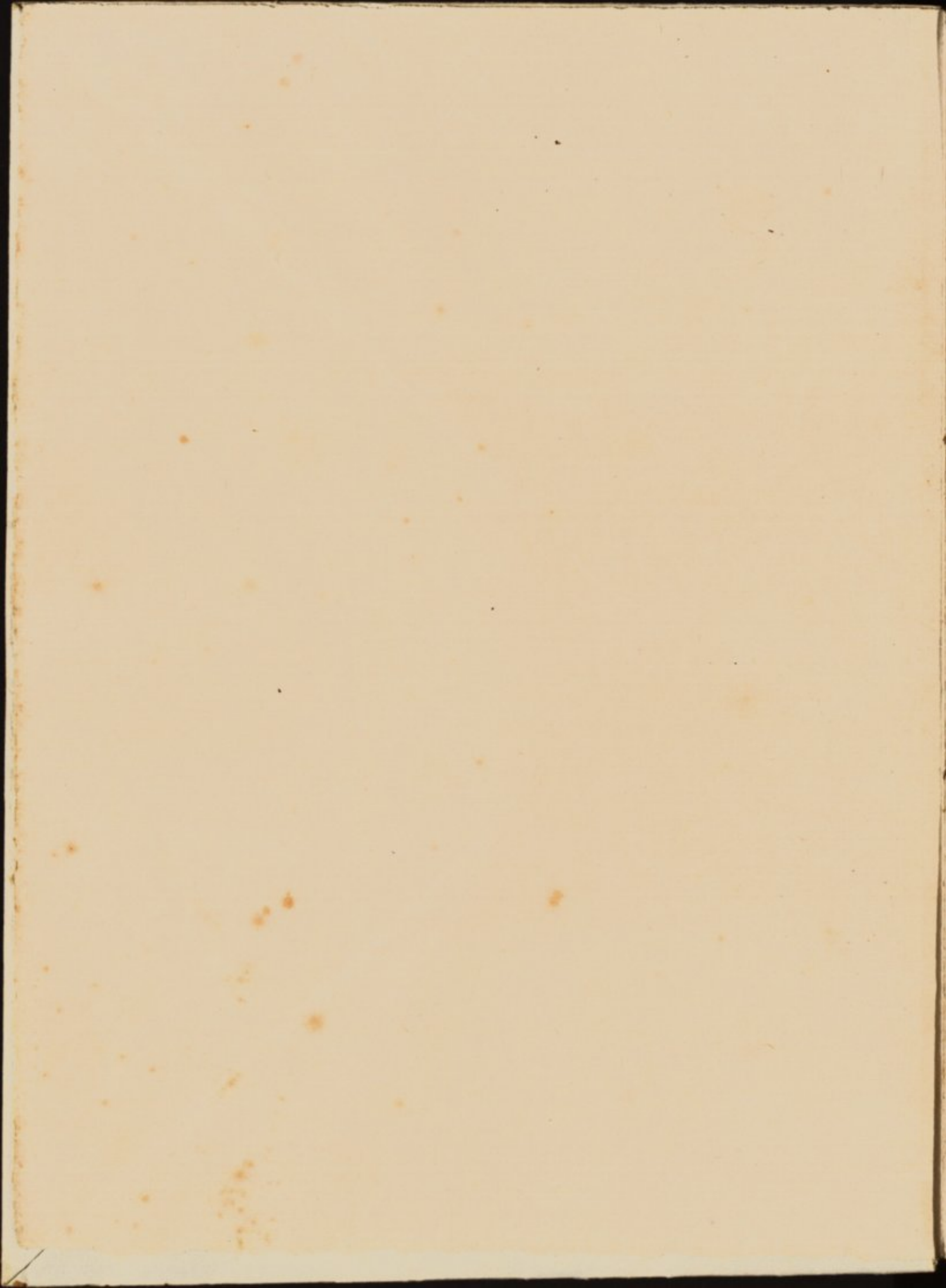


2





G Novo anno Historico, ou
Novo Diario Portuguez. Noticia
abreviada de gessoas grandes e cousas
notaveis de Portugal.

. Vol. III

Segunda Parte: gessoas grandes de
Portugal = {1.º Tomo} =

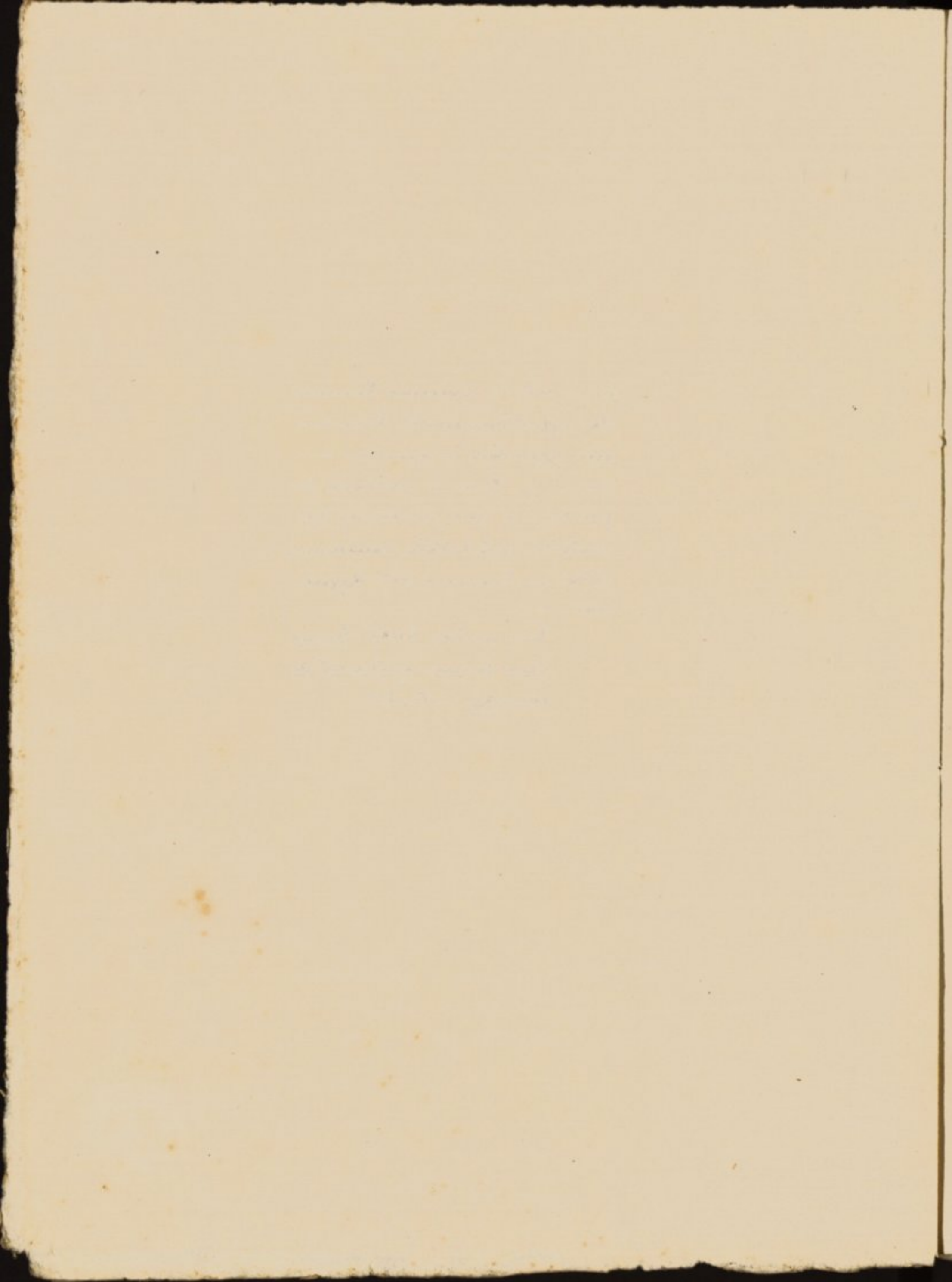
Escrito na cidade de Coimbra pelo autor
nos annos de Christo de MDCCCXV, MDCCC-
XVI e principios de MDCCCXVII. —————





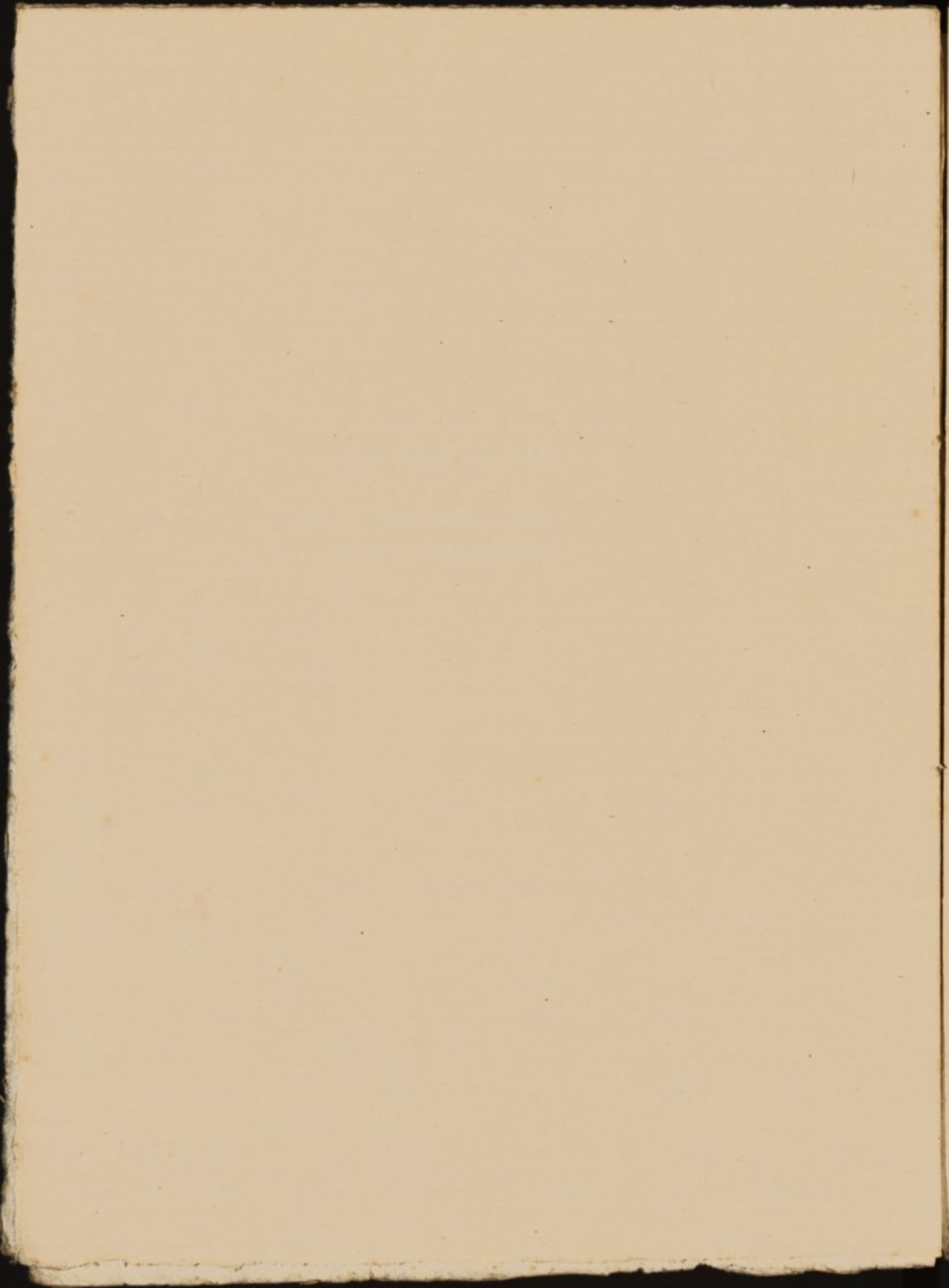
«... não ha grandes homens.
Ha, effectivamente, homens
que prezidem a grandes ac-
ções... Mas a verdade de-
finitiva é que, vistos ao pé,
medidos pelo litolo commun,
todos os homens são igua-
es.»

Fernandes Costa: Memó-
rias de um ajudante de
campo. - II, 209



... a História e' um museu.

Mário Barreto: Revista
de Portugal - n.º 1, p. 8.



I

9 de dezembro de 1854 = Morte de Il-
meida-Garrett -

... um jaqueta de mos-
côvia e collete cãr de
larola, que se chama
Garretas, ou Garétt, ou
que diabo é!...

Julio Dantas: A Se-
vera, I, scena 2^a

O facto que hoje celebramos e que muito
Laura a nosso modesto peccad é a morte
do immovente litterato que se chama
João-Baptista da Silva Leitão d'Ilmeida
Garrett.

Historiar - de a vida, descrevel - a misen-
ciosamente não cabe, de certo, nos estreitos
limites d'este artigo; o que nós queremos é

lembrar mais uma vez um nome que todos nós devemos conhecer e resgatar, o nome d'um homem que foi muito mais saiz que arte quasi nada, um homem cuja historicidade não jacta só a nós, Portuguezes, mas sim ao mundo inteiro.

Quando elle morreu, dizia-se que não haveria o primeiro anniversario da sua morte sem que Lisboa visse, de fé, um monumento a gergetual-o. Já lá são 49 annos e ainda está o monumento?...

Uma reacção se levantou ao tempo contra a indifferença em que havia caído o nome do autor de D. Branca; fez-se alguma coisa, escreveu-se, leu-se, discussão-se e no fim foram ajeitadas as pedras e os restos mortaes á sua jazida para os levarem ao monumento de Belem, como unica homenagem prestada pela patria a um dos seus filhos mais illustres...

Quando elle nasceu, o que era Portugal, sobre velho entregue nas mãos do regi-

3

meu absoluto e do clero? Quando a liberdade começou a abrir-lhe os olhos e a mostrar-lhe o que lá ia por fora, por essa transição revolucionária, Portugal, eulhoritico, mesmo, sentiu-se profundamente impresso-
nado: era muito para elle, corrupto, falso e falso...

A Liberdade lectur muito para que se te velho quiz que ainda deirava a el-rey D. João V entrasse no caminho da verdadeira luz.

Ora Garrett cresceu muito mais assim, e voltou do seu exilio para o mesmo mais. E aqui se vê a importância da sua alta influencia.

O Sr. Ramalho Ortigão diz⁽¹⁾ que nós eramos « uns bons velhotes, uns ginejas » e que foi elle que por meio dos seus livros nos veio obrigar a amar a Liberdade, a estimar a belleza, a comprehender as

⁽¹⁾ As Fargas - vol. 3º, cap. XX

4
as artes. E realmente, o que era o drama
entre nós, antes de Garrett? Diz Camillo
que era um suspirado gago do museu
Laguerlo e italiana e desgraciosas versões
do francez.⁽¹⁾

E Garrett criou o drama. O Frei Luis
de Sousa é um drama unico em todas
as litteraturas conhecidas.⁽²⁾

A poesia viria decaida e se não fosse
elle, o autor do Canções e do Retrato de Ve-
nus ainda Luiz Valves se fizessem odes pelo
methodo de Horacio como diz o Sr. Al.
berto de Oliveira.⁽³⁾

Ilhene quem o trocasse e o chamasse
ridiculo por usar chinó, pelos seus estojos
variados de perfumarias, pelos seus cele-
bres colletes de ramagens e pela sua pres-
cunçosa e fenezer rapaz, o tanto de
falsificar as datas das suas grimeiras com

⁽¹⁾ Um artigo a p. 138 do al.º Selecta Portugueses

⁽²⁾ Th. Braga: Os mod. ideias na litter. portug. - I, 40

⁽³⁾ Palavras Loucas - pag. IV

posições. Seria... mas o que é indiscu-
tível é que foi elle que com os seus livros
nos veio dar uma nova luz, que veio
crear o drama, a comedia e a tragedia, que
veio dar uma nova fórma á poesia e que
creou o romance, tornando-se, pe mal
fome bastardo, o nosso primeiro prosador.

Foi elle, enfim, que, como diz o Sr. Ra-
malho « vergastou as orbeas ao velho Muir
"do Portuquez e o obrigou a abrir a grivei-
"ra ganafa de Blaugague...»⁽¹⁾

====

{3-XII-23}

⁽¹⁾ Os Fargos - vol. 3º, cap. XX
Bibliographia: Ramalho Ortigão: Os Fargos
vol. 3º, cap. XX - Alberto d'Oliveira: Palae-
ographia Lusitana, cap. IV - Camillo Castello-
Branco: Almeida Garrett, artigo no Journal de
Lettres Portugaises, pp 138-140 - Theophilo Bra-
ga: Curso de Historia de Literatura Portu-
guesa.

II

26 de novembro de 1809 = Nascimento
 de José Estevam.

"Era preciso ver o suvir
 "aquella Louca e Zana
 "julgar gossineis os ra-
 "gões de inspiração pufe-
 "riar.

Bulhão Pato: José Es-
tevam.

O escriptor Gomes d'Alvarim nas me-
morias de Ganett queria derivar de José
 Estevam a gloria de ser elle o primeiro
 arador portuguez. «Lueu assim o quali-
 ficou aurio-o, mas parece que o não heu.»⁽¹⁾

Proveem isto do seu grande enthusiasmo
 pelo autor do Tr. Luis de Saense e justifi-
 ca-se com a falta de correção de linguagem

⁽¹⁾ Cit.º no Diccion.º Universal Portug., II, f. 1131

7

com a frouca fureza que se nota nos discursos do grande orador quando publicados no Diario, isto é — lidos.

É' talvez um facto; mas, diz o Sr. João Baptista Pato num seu antigo livro: «Tens lido oradores mais correctos, mais eruditos, mais profundos; mais exhortatorios, mais inspirados, nunca louve nenhum.»⁽¹⁾

Relullo da Silva seu contemporaneo chama-lhe «o primeiro orador»⁽²⁾ e Thomaz de Artigão chega mesmo a dizer que nunca Gamberella ou Castellar deram um tão grande interesse de arte⁽³⁾ aos extraordinarios trechos de eloquencia que elle dizia no meio do maior silencio de camara com a sua figura esculptural a que lhe dava realce o uniforme militar que lhe ficava

⁽¹⁾ Sob os ugressos — José Estevam — no Be-naculo, Revist. Contemporanea, etc — p. 117

⁽²⁾ José Estevam — na Revista Contemporanea de Portugal e Brasil — I. vol. — p. 49

⁽³⁾ Os Fugas — III, p. 143

dos seus quinquenta annos de militar.

E de facto José Estevam não sabia escrever os seus discursos; sabia-os — e isso melhor do que ninguém — sabia-os dizer. Por isso elle é lembrado pelo recibo d'ouro o maior orador dos nossos tempos.

O Sr. Raimundo Ortigão diz ⁽¹⁾ que com elle se dá uma circumstancia tocante: era, acima de tudo um bom rapaz e a sua vida agitada, sempre lutando pela liberdade e pelo progresso, como jornalista puro, de mistura com uma grande porção de engenharia, mostra bem quanto é justa aquella apreciação do escriptor que o admirava.

Desde novo lutar nas luctas civis, sendo um dos bravos defensores do constitucionalismo e do mais leaes; é conhecido de todos o seu arrojado na Flecha dos mortos quando, a cavallo mesmo fez d'artilleria queimou as barbas d'um official miigue.

⁽¹⁾ Os Farpas, III, p. 141

lista que derrama para que elle se recendes-
se! Valente, destemido, as suas accões le-
roicas passaram, atravez dos tempos como
simples anedotas que hoje se contam vul-
garmente.

Mas o que não passou como o echo do
seu valor, o seu alma generosa e candida, a
sua galante eloquente e forte que fazia tre-
mer quem quer que fosse.

Deois, veio o poço agreste da nova for-
ma de governo. Mas José Estevam não desan-
cou, não consentia que alguma coisa se fi-
zesse sem ser moldada na justiça e na li-
berdade por que elle se sacrificara.

Começou então o periodo da sua vida, em
que a sua galante era temida e respeitada,
em que o simples facto de elle se voltar pa-
ra o presidente e pedir a galante, era caso
para os mais fortes se acobardarem. Rodri-
go de Figueira, Ganett, Rebello de Silva e
outros grandes parlamentares não levá-
vam a malha com o excepcional tribuna

que conseguia dominar a bauras, com a sua esplendida figura, gesticulando, gesticulando, de cabeça erguida, altiva, « sobre um largo gesto á Danton »⁽¹⁾ e com uma « severidade triumphal »⁽²⁾ no voz que era surtida no meio do mais rigoroso e religioso silencio.

Na memoria dos que o ouviram, uma vez que fosse, ficou sempre gravada uma funda impressão d'assombro e de admiração.

Um dos seus melhores discursos, foi o discurso sobre as irmaes de caridade. A reacção em França crescia e olhos rivales com o dominio de alogolão III e as irmaes foram as missionarias a Portugal d'aquelle movimento. E' claro, no nosso seculo, foram aceites de braços abertos porque, diz o facto Bulhão Pato, « por debaixo do manto d'ar.

⁽¹⁾ Os Fardas, III, p. 143

⁽²⁾ Idem, III, p. 143

11

" mimto, das fardas de ministros e de creados.
" mães do Paço, Laria a noiveta Luemilde" ⁽¹⁾
do celebre santo Ignacio de Loyolla.

Mas, o coração de José Estevam — diz o
mesmo Jeta — « vibrou de colera » ⁽²⁾ e o dis-
curso que então proferiu foi das peças mais
brilhantes, mais emocionantes, mais assem-
brosas, o fulto de, a camara inteira, as gale-
rias se levantaram como que levadas por
um calor inextinguivel que silenciosamen-
te os obrigava a um grito de admiracao
por tão glorioso tribuno.

— « Sou inimigo das irruas de cari-
" dade porque as considero como um atten-
" tado ao principio de familia » ⁽³⁾ dizia elle, e
mal imaginaria que geradas algumas de-
zenas d'aquellas ellas andariam por ahi, li-
veramente, por essas ruas!

Por fim, em 1862, a 3 de novembro,

⁽¹⁾ José Estevam, Memorias, p. 146

⁽²⁾ Idem — idem — p. 146

⁽³⁾ Discurso transcrito em parte no Diario —

marreu o grande leuame, deixando um
lugar vago na triboena portugueza, e que se
não tornou a occupar.

Aquella inuicemente figura marcial,
ficou, sem duvida, insubstituivel, no nos-
so meio decadente.

E que lhe diria, a elle — o valeroso solda-
do do cerco do Porto, o defensor estremo do li-
beralismo — que, passados quarenta annos,
em flume regimen constitucional, ainda te-
ria que passar por subversivo e desordeiro!

==

{27-X-904}

uario universal portuguez, vol. VI, p. 1168.

Bibliographia: Diccionario universal por-
tuguez, vol. VI, artigo Magalhães — Trabalho de
Silva: José Estevam, no n.º 2 do Revista con-
temporanea para Portugal e Brazil, vol. I —
Bulhão Pató: Sob os cyrestes — Vida intima do
contemporaneo illustre — José Estevam, no
n.º 1 de beruculo — revista contemporanea de
litteratura portugueza — B. Artigos: Os For-
ços, vol. III, p. 141-144.

III.

21 de novembro de 1876 = Morte do
Marechal Duque de Saldaña -

" Veteranos . . . um clarão sur-

" gureo na face;

" - O nosso velho, diziam.

" No 19 de maio . . .

Filho d'Almeida: Can-

tos - A Truina, p. 28

Hoje ainda, se fallarmos a um d'esses
velhos referuados que esperam pacientemente,
resignadamente a hora final da
sua vida e lhe perguntarmos pelo Du-
que de Saldaña, e' quasi certo veremos as
lagrimas agredarem piciceras e sentidas
nos olhos d'esse veterano.

E' que o Duque, o glorioso Marechal,
foi na sua epocha o homem de mais alto
e elevado prestigio; o seu nome era temi-

do e admirado e a sua memoria passou á historia, d'envolta com o echo das suas façanhas, dando-lhe a fama dos heróis.

As lagrimas do veterano, velho com o favelado d'armas do marechal não são só o testemunho da sua gloria passada; são as lagrimas d'uma escha passada, que o tinha como idolo, como um heroe, como um deus, que nos campos da batalha levava gloriosamente um exercito á victoria, que nas suas reingenta fozes exglendido da sua brilhante figura, e que nas pallas, como ninguém, dançava e mais pingles dança.

Por isso um seu biographo, diz: « existam os tres elementos sociais: o soldado, a mulher e o govo. »⁽¹⁾ Por isso as lagrimas rebeitariam exglendadas nos olhos do velho reformado; « os laureos

⁽¹⁾ D. Antonio de Costa: Historia do marechal Saldanha - p 3

" que militaram com elle, não contaram
 " amigo mais fiel, camarada mais generoso
 " mais dedicado." (1)

Tinha nas veias o sangue forte e viril
 do grande Marquez de Pombal; João Car-
 los d'Oliveira e Daun era neto por parte
 da mãe, do grande estadista.

Do avô, talvez lhe viesse a energia ener-
 me, e a rija tenacidade de que era formado,
 porque a sua vida é uma serie consecutiva
 de trabalhos e d'acções gloriosas até aos ori-
 tentos e seis annos de idade que mostram
 bem que elle não era um homem vul-
 gar.

De facto, em 1805, aos quinze annos, (2)
 entrou para a guerra como cadete e fez em 1817
 como commandante dum regimento
 a campanha de Mantua onde foi fei-
 to brigadeiro e onde fez prodizios de he-

(1) Os Fargas - vol. 3º, p. 19

(2) Nasceu a 17 de novembro de 1790.

reicidade que elle lembrava, depois, em
velho, jubilosamente, por estas galanias
entremecidas:

— Aquella Memória de Deus! o que alli se
fez!...⁽¹⁾

Voltando a Portugal em 1822 começou
para elle a vida accidentada que lhe deu
o nome; era liberal convicto e enthusias-
ta e, diz um folheto anonymo que possu-
mos, publicado durante a lucta com o
conde de Thomar, « que nunca — nessas
" luctas liberaes — podia hesitar entre o de-
" rigo e o dever, entre o seu convencimen-
" to e o sacrificio. »⁽²⁾

Não cabe em tão pouco espaço narrar es-
te periodo; as suas acções foram tantas
que as suas biographias necessitam de per-
suas para serem exactas.

Bateu-se sempre valerosamente nas

⁽¹⁾ Hist. do marechal Saldanha — p. 88

⁽²⁾ O Duque de Saldanha e o conde de Tho-
mar, H. F.

Batalhas e acções em que entrou, e no cerco do Porto, ao lado de tanto valente, a sua fama ficou lendária e o seu prestigio começou a subir tão alto que o nome de Saldanha ficou gravado bem fundo na memoria dessa cidade « que em Portugal mais tem sabido compreender, amar, e defender a liberdade. »⁽¹⁾

Foi feito conde e gauco depois Marquez de Saldanha e quando em 1834 se estabeleceu o regimen liberal, já tinha, duas vezes, subido ao elevado cargo de ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra.⁽²⁾

A Batalha d'Almonester,⁽³⁾ ganha contra os miguelistas, veio tambem provar que contencia a arte da guerra fora das acções hericas em que predominava o seu va-

⁽¹⁾ Os Troços - 3º, p 23

⁽²⁾ A primeira foi em 21 d'agosto de 1825, a segunda em 1 de maio de 1827.

⁽³⁾ A 18 de fevereiro de 1834.

lar pessoal. Mas não ficou misto a sua carreira militar.

Nas luctas que se seguiram depois da implantação do liberalismo, Saldaña entrou sempre «ingénuo e bom.» Nunca o seu esgodo ficou no bairro quando era preciso sustentar a causa porque tantos e tantos se sacrificaram.

Durante as questões que antecederam a revolução de setembro, Saldaña, «era o homem do esgocho — diz o Sr. Mariage — e o alvo de todas as injunções e attentos; todos se voltavam para elle, como o unico capaz de salvar a situação.»⁽²⁾

Porque, e' preciso ~~de~~ que se diga: aquella figura marcial, tudo imaginaria ser um homem sem coração, afeito ás batalhas e á rudeza da guerra; mas não: aquella lo-memaria tinha uma bondade extrema, uma

(1) Os Fuzes - 3º, p. 19

(2) Sr. Mariage: Historia do Revolucion de setembro, I vol. p. 121.

grande ingenuidade, um esfeludido coiza-
ção, que o tornava, não só o heroe das ac-
ções guerreiras, mas tambem, como diz o
Sr. Artigão «o privilegiado para os triu-
phos das ruas e das pallas»⁽¹⁾

E, apesar da idade que lhe ia crescendo, a
sua energia era sempre a mesma. Foi mais
cinco vezes ministro da guerra⁽²⁾ e na ulti-
ma vez depois da conhecida revolta de meia-
noite, em maio de 1870, em que, octogená-
rio já, teve ainda forças para revoltar a
guarnição de Lisboa, dando lugar ao gover-
no dos cinco dias que tanto foram os dias
que governou o ministerio creado por elle.

Mas, acaba aqui a sua vida. Temendo-
o, o governo que lhe succedeu mandou-o
para nosso ministro em Londres; já fazia

(1) Os Farlas - 3^o, p. 19.

(2) Pela terceira vez a 26 de maio de 1835; ja-
la quarta a 26 de maio de 1845; pela quinta a 6
de outubro de 1845; pela sexta a 18 de dezem-
bro de 1847; pela sétima a 17 de maio de 1851;

muito logo o glorioso velho e era preciso afastar esse conspirador penitente, como de d. D. João Pedro Leal. ⁽¹⁾

Na Inglaterra casou segunda vez com uma senhora inglesa, provando assim o que diz o seu sobrinho e biographo D. Antonio de Costa « chegam a velho e as raparigas »
 « diziam do marechal: vale mais do que muito ⁽²⁾ »
 « os rapazes... »

Mas, pouco mais viveu. Aos oitenta e seis annos, o glorioso marechal, depois de uma vida accidentada e brilhante, cheia de aventuras e desilções, cheia de valor e bondade, de heroismo e ingenuidade, morreu aos 21 de novembro de 1876.

Embora deure ainda o prestigio que elle teve em vida, somos obrigados a medi-

zela oitavo e ultima vez a 19 de maio de 1870. Pelo 6.^o e 7.^o vez, foi interinamente. [Mullerusk militar, anno de 1864, p. 58-59]

⁽¹⁾ Portugal antigo e moderno - 8.^o, p. 338

⁽²⁾ Hist.^o do marechal Saldanha - p. 3

tar, depois de ler a sua historia, mesma
 phrase com que o mesmo escriptor começa
 um capitulo de sua biographia: «o que peria
 do mundo se não fosse a publicação?...»⁽¹⁾

==

{16-XI-204}

⁽¹⁾ Hist. cit. — p. 71

Bibliographia: D. Antonio de Costa: Historia do marechal Saldanha, I vol. — Revista do Artigão: Os Fuzes — vol. 3^o, cap. II — Pinho Leal: Portugal antigo e moderno, vol. 8^o, pp. 333-339 — José d'Almeida: Historia da Revolução de Setembro, I vol., liv. I, cap. II e V — Ilustrações militares, anno de 1904 —

IV.

3 de março de 1506 = Nascimento do
Infante D. Luis

«...foi verdadeiro exemplar
de príncipes perfeitos, illustre
equamente nos negocios da
paz e da guerra.»

Retratos e Elégias dos
Varoens e Damas de

No dia 3 de março de 1506, nasceu o in-
fante filho do rei D. Manuel, o infante D.
Luis a quem chamaram Delicias de Por-
tugal.

Era um tygo singular que sobressale
bastante do epocha em que viveu, isto é,
do seculo XVI, em que a nação portuguese
se sentia absorvida pela peduicção da India.

A singularidade do seu tygo, chega mes-
mo a ter qualques causas de excentricas;

o autor dos Elogios dos varsoes e damas,
 chama-lhe exemplar verdadeiro de grince-
 gos perfeitos. (1) D. Antonio Bastano de Sen-
 ra na sua Historia Genealogica faz-lhe altos
 louvores e assim, vemos bastante desfigu-
 rado o seu caracter pelas grossas pen criticas
 que se guardam em muito boas encader-
 nações, impressas em muito bom papel de
 linho.

O Infante D. Luis tinha duas feições dife-
 rentes: o espirito guerreiro e a prosecução
 litteraria e scientifica.

Filho d'um homem malicioso, com bas-
 ta dose de maldade, como foi o rei D. Ma-
 nuel, o infante tinha, contudo, ainda que
 de caracter dubio e um pouco confuso,
 uma certa superioridade que lhe dava a in-
 telligencia e a sciencia que cultivou com
 afincos e juventura sem proveito nem

(1) Citado e transcrito nas notas de Diogo
 Kofke, ao Porteiro de Goa e Din, de D. João
 de Castro.

utilidade. A esqda da sua educação era das melhores para se formar uma bella intelligencia: no corte os Laureus immunes des da esqda davam liççõs de sua especialidade e entre elles o celebre Pedro Nunes fez tomar gosto ao Infante, pelas mathematicas, mas em breve a educação dos jesuitas veio modificar o regimen do corte converteudo tudo em dominio da religião.

O Infante ficou sob a direcção do jesuita Diogo Mirão; "D'ahi sahuy o seu caracter indicioso, indistinto, seu uma forma bem nitida zelo qual o Jozannes Loje avalia com verdadeiro criterio.

O seu espirito guerreiro revelou-se com um certo caracter d'aventura. Quando Carlos V tentou destruir em 1535 o poder do celebre corsario Barbarossa reuniu em Barcelona uma armada poderosa «jac-

(1) Theophilo Braga: Canções e o pertencimento nacional, p. 13

25

"cáo mais celebre — diz o nosso Joacimtho
"Freire — zela victaria do que zela utilida-
"de." (1)

O Infante foi a bem contra vontade de D. João III e tanto que partiu secretamente. Na armada portugueza de socorro ia o celebre galeão S. João Baptista, o Bota-fogo de 366 bocas de bronze (2) e nelle, valerosamente, o infante perdeu zelo porto de Goleta, em Tunis defendido por uma enorme cadeia de resguardo.

O arrojio foi grande. Tinha havido varias acanellidas sem resultado e foi necessario que o galeão, vomitando fogo pelas 366 bocas dos canhões, cortasse a corrente que defendia o porto, e uma bella acanellida heroica, tal, que diz o chronicista Theodoro « de fogoito se fundam os olhos n'elle. » (3)
Entregou com isto a chave da victaria a

(1) Vida de D. João de Castro — p. 115

(2) Retratos e elogios cit. 2

(3) Chronica de D. João III, vol. 3º, p. 73

Carlos V e voltou a Portugal com a ar-
mada sem outra recompensa que os agra-
decimentos de Luizerador e um hypothetico
governo gravellido de ducado de Milão,
foi uma gelateria que succedera á entrada
do gelacio uma noite. (1)

O seu desejo de entrar em causas de guer-
ra foram sempre contrariadas pelo rei, as-
sim como, parece que de despez os casamen-
tos que tinha projectado ou que de Kinkam
propozto. O autor de Historia Genealogica
dig me mesmo: « todos os casamentos que se

(1)
« Recolhiam-se uma noite o Luizerador
" e o Infante e ao entrar do novo lorda po-
" bre qual havia de passar deante, glitaram
" ambos a cortesia querendo um que precedes-
" se o Hospede, entre a Magestade. O Luizerador,
" travando-lhe do braço, quasi for força o
" fez passar primeiro. Não querendo o Infan-
" te aceitar esta honra, sem gozando engei-
" tar, lançou mão a uma tocha que um ga-
" gão levava. Assim parece o Infante fazer
" -se tão senhor da vontade do Luizerador, que

27

"De impedimentis, fuerant obstaculo para a
" sua conclusão. »⁽¹⁾

Sempre zeloso, o rei D. João III!

A preocupação científica revelou-se n' elle de muito novo, o que era natural pelo meio em que vivia e pelos professores que tinha. D. João de Castro chega mesmo a dizer: « em sua Real casa, a sciencia de vos-
" magrãe mais floresca que noutra zar-
" te alguma desta redondeza que habitamos. »⁽²⁾

As mathematicas atrahião-no e pe o proueito para si não foi grande, pelo menos protegem os que a ellas se dedicávan e com vivia com elles em proueitoso convivio.

Foi tambem feita e algumas joias deixau que ficau consideradas. Em seu nome, diz o Sr. Theophilo Braga, au-

" teve resuelto dar-lhe o estado de Nilton, achau
" do n'elle qualidades para o merecer... » [Vide
de D. João de Castro, ff 9-10]

⁽¹⁾ Hist.ª Genealogica.

⁽²⁾ Estados de Goa e Dio, dedicatória, ff VII

dam alguns panetos de canções,⁽¹⁾ e entre
 elles o muito conhecido que começa: « ho-
 ras breves do meu contentamento. »⁽²⁾

Affezar de tudo isto, de ser poeta, homem
 de sciencia e militar com merecimento
 e alem d'isso, de ser « excellentissimo
 nos exercicios de ~~poet~~ ⁽³⁾ moutaria e torneios »
 e ainda considerado pelos honras doutos
 como o seu Mecenas,⁽⁴⁾ e assemlro de todos
 « por sua prudencia e valer, »⁽⁵⁾ affezar de tu-
 do isto, diziamos, o Lufante d' Luis agradece-

⁽¹⁾ Canções e o pertencimento nacional, p. 16

⁽²⁾ Diz o Sr. Theophilo Braga (ob. cit., p. 141):

Publicado pela primeira vez com o nome de
 canções, em Illegado, em 1605 nas Floras de
Pastas illustres, p. 129 v. de Pedro de Bzioso...
 Bemendes publicou-o como seu nas Floras do
Luis; agradece em diferentes manuscritos sob
 o nome de do de Miranda o do Lufante d' Luis.
 ... os poetas do fim do seculo XVI, gressa-
 ram no ... »

⁽³⁾ Retratos e elogios dos varões e damas, cit.º

⁽⁴⁾ Historia Genealogica.

⁽⁵⁾ Retratos e elogios cit.º

nos com uma nova luz sobre o seu caracte-
 ter, dando-nos a impressão d'um homem
 — embora circumstancias do seu vida o tor-
 nem um zanco excêntrico, — sem um car-
 rocter nitidamente claro e que seja dado á
 facilidade de simil-o com criterios.

Um romance ameroso do seu vida, fel-
 o — foi um singular acaso — foi do desven-
 turado e zanco escuruloso prior do broto,
 D. Henrique.⁽¹⁾

Não he bastar esta infelicidade. Morreu
 do em 27 de novembro de 1555 mal diria
 elle que, pouco e mais depois, fazendo-o
 subir á altura dos heros, um academico
 dos anonymos (e o nosso ven do saudeus)
 declamaris emphaticamente — referindo-
 se á anedota do tocha, á entrada do zaco
 com Carlos V, — as seguintes galarras
 que talvez o absolvam (ao Infante) de

(1) Veja-se a data de 25 de agosto: o zanco
de Alcantara, vol. , cap.

qualquer fozado: « não tem o entendimento
 " To accad que não seja ley, mas accas mi-
 " millantes á do nosso Herce, pad rayos do
 " entendimento... »⁽¹⁾

=====

{23-II-705}

(1)

(1)

Bibliographia: Theophilus Braga: Causes
e o sentimento nacional — Jacintho Freire
 d'Almeida: Vida de D. João de Castro, liv. I
 — Retratos e elogios dos varões e damas, na
 nota I ao Retrato de João o Div. de D. João de Cas-
 tro — Francisco d'Almeida: Chronica d'El
rey D. João III, vol. 3.º, pp. 15 — D. Antonio Cas-
 tano de Sousa: Historia Genealogica da Casa
real — Panorama, II vol., p. 320, artigo Gran-
deza da corte de Portugal —

V.

14 de maio de 1265 = Morte de S. Frey
Gil de Santarem.

«certo que nunca vereis ouvido
Frey Gil de Santarem...»

«Frey Gil!... ol volta-vo
Santiago!...»

Garrett: D. Perances, canto VIII, X.

«Quem viu nunca vaso de barro feito gada
"cos, deixis de regressado do fogo nas mais vis
"cozinhas do mundo, moído de novo, amas-
"pado, e fundido tornar á roda do oleiro: e
"palir de suas mãos mais bestross, mais foli-
"do e muito mais gerfeito do que era grime-
"no?»⁽¹⁾

Frey Luis de Sousa conuerga assim, n'
uma baixa conuerga, os tormentos ger

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos - vol. I, ff 185.

que passou Frei Gil de Santarém nas mãos do diabo até que pediu juizo e logo para as do seu Deus, o qual, numa conversação milagrosa entregou de vez a almas...

Grandes foram os tormentos porque grandes foram os compromissos. Mas — loure-lhe seja! — o diabo não levou a melhor e de pensar que era Torquemada escravo publicano do brexo português.

«..... Peça mais fina
«nunca tanto a grezou o fino diabo!»⁽¹⁾

São Frei Gil de Santarém, antes de ser frade e ser santo, tinha sido Gil Rodrigues de Valladares, filho de D. Rui Pires de Valladares, do conselho do rei D. Sancho I, seu mordomo-mór e alcaide-mór do castello e cidade de Coimbra.⁽²⁾

⁽¹⁾ Gamett: D. Branca, c. VIII, §.

⁽²⁾ Historia de S. Domingos, I, ff 185 — Silva Pinto: S. Frei Gil, cap. II — Portugal Antigo e Moderno, v. 8.º, ff 48.

Essa fortaleza de nobre estirpe « ao tempo —
 go — comumente o brilhante escriptor Sil-
 ve Pinto — em que a nobreza justificou a
 futura phrase Noblesse oblige ⁽¹⁾ » e como for-
 se dotado de fina intelligencia foi dedicar-se
 ao estudo de Humanidades no convento de
 Santa-Cruz de Coimbra que era entao um
 dos centros de saber e de estudos.

« O moço D. Gil » na phrase de Eça de
 Queiroz ⁽²⁾ começou logo a admirar todos os
 progressos da medicina — de as attenções e em que
 os progressos foram tantos que a sua foi
 conhecida pelo proprio rei Sancho II que, re-
 gando a expressão do Sr. Leffreyes Bran-
 das « gostou do traqueado do rapaz e surti-
 queceu-o. » ⁽³⁾

Deu-lhe tres conversas e dois priorados ⁽⁴⁾ e

(1) S. Frei Gil — p. 16

(2) Carta a Silva Pinto, transcrita no volume
S. Frei Gil, p. 12.

(3) Momumentos e Leendas do Santarem, 603.

(4) As conversas de Braga, Coimbra e Guan-

apesar de muito moço, vir-se rico, com
realimento, estimado, rezeitado, apesar da
sua lingua travessa, da sua fama de vicio-
so, de estnoira (como hoje se diria) o que fez
faltar a maledicencia.

Gil Rodrigues Loren, ambicioso
mais do que era e do que tinha; a sua ima-
ginacao ardente de rapaz representava-se-
lhe o mundo como um vasto campo onde
muito gloria havia para ganhar e muito lau-
ro para colher. Paris fascinava-o como
centro intellectual de primeira grandeza e
o desejo era tao grande de ser profundo na
medicina que, diz o chronicista dominicano:
" não falta quem diga que a razão de se af-
" glicar ao estudo da medicina inda que en-
" tão não era indigno de gente illustre fôra
" com fim pouco honesto de poder entrar em
" muitas casas e ganhar como medico au-
do, e os prioreiros de Santo Lúis de Santarem
e de Barucha (Historia de S. Domingo, vol. I,
pg. 187)

" de, como mancebo e sobre a chave tudo
" cerrado e trancado. »⁽¹⁾

E com o peso farras de viciosa e de talen-
to, fôrto o mesmo Doutor Fausto,⁽²⁾ for essas
estradas por Paris.

Começa entã a envolver-o a lenda, a
lenda que tem atravessado seculos e que
apresenta o fidalgo de D. Sancho I como o
bruxo emdiablado que conseguiu fazer
uma feiça, ao diabo em fôrça.

Ja um dia, já fôrça dentro, peguin-
do uma estrada; « á beira d'um rio claro,
" entre grandes arvares » descansou um
fôrço da fadiga « estendido na relva » seguin-
do a delicada carta d'Elc. de Luceiros.⁽³⁾

Nisto apparece uma figura humana que
« se fez encastradissa »⁽⁴⁾ e fingindo que seguia

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos, I v., p. 187

⁽²⁾ E' como Ganett de chamma nas Viagens ao
miudo Terra (cap. 39).

⁽³⁾ Carta citada.

⁽⁴⁾ Historia de S. Domingos - I v. p. 187

o mesmo caminho estabeleceu lógo relações estreitas d'amizade.

Essa figura luminosa encontradina peguindo o expressão do mesmo pensamento romancista « aqui entre nós, o' o diabo... »⁽¹⁾

O diabo empregou todas as suas artimanhas; « começou o combatal-o a duas mãos »⁽²⁾ e dentro em pouco entraram em ajustes...

O diabo aproveitara-se com uma sciencia maravilhosa o obter tudo quanto desejava; por grande, poderoso, ter o velimento dos reis, por sabio e o mesmo portuguez reduzido, encantado accitou o feito oferecido pelo extraordinário viajante.

O Sr. Tefernyo Brandão caminha esta situação é de tragedia de Goethe quando o Doutor Fausto pede avidamente a Mefisto. feles o que é preciso fazer, para voltar á mocidade, ardeudo em desejos:

⁽¹⁾ Canto citado

⁽²⁾ Historia de S. Domingos - I vol., p. 187.

Fausto: ⁽¹⁾

«Vá que exiges, espirito damnado?
Jergaminto? Gagel? manure? brause?
Letra de gema, de lenil, de ascôgro?
Escolhe.

Mefistopheles:

«H! que fecundia, que fogaços,
sem quê nem para quê! Basta um jarro
de gagel fino ou grosso, e uma gotinha
do sangue gogrio com que assigne em baixo»

Fy-se o gecto infame, inumundo, como
diriam os dramistas religiosos e Gil Rodri-
gues continuou o caminho para Paris onde
— com geral admiração — frequentou as
aulas de medicina e onde também se en-
tregou a uma vida desregrada.

Contudo, um dia, «deu-lhe Deus uma

(1) É traducção de Castilho. Transcritto a p. 65
dos Monumentos e lendas de Santarém.

"aldabada nas gortas da almea . . . agarece -
 "he um cavalleiro com lanca na mão bra.
 " dando - he :

" — Muda a vida, homem, muda a vida!⁽¹⁾
 Quiz ainda reagir contra o visado; mas
 não soube meio . . .

Gil Rodrigues queimou os livros, des-
 gressou a sciencia da medicina e a da mi-
 grancia, lembrou-se da patria e sil-
 ahí nem, demandando o terrão metal, pre-
 suroso, arrependido.

Ja em Hespanha, em Palencia, tomou o
 habitado de S. Domingos. Recorreu-se ao con-
 vento procurando demanchar o facto com
 o demonio que o agourentava de varias.

O demonio enraivecido não o queria
 deixar fugir. Foi uma luta enorme.

— O lar, trabalho, cansa - te — dizis - he
 Sotavia — derrama esse sangue almeiro.
 Meu lar - de ser sempre chorado, e gade.

(1) Monumentos e lendas de Santarem, 605.

cando: melhor se fizesse rindo e folgando...⁽¹⁾

Por fim Frei Gil teve artes de vencer o Lufeno e um dia conseguiu obter o fergaminho ainda assignara o gesto demoniaco.

Estava palvo! Vencera o Bem sobre o Lufeno: e misto acaba o lenda do Frei Gil.

Depois veio para o convento de S. Domingos de Santarem e ahi foi um prelado exemplar na virtude e no averiguar. Foi, e em deino de santidade morreu a 14 de maio de 1265 — no mesmo convento da velha cidade d'Alfama Henrique.

O culto historico de S. Frei Gil foi alguma tanto importante; tomou parte nas questoes de Sancho II com Affonso III, questoes em que se tomou notavel zela e integridade: talvez um das bases do futuro concilio... .

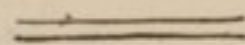
O Sr. Silva Pinto deixou-nos dito tudo do acerca do ponto breves no seu interesse.

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos, I, p. 196

pauda e credito livrinho. E hoje que vemos as causas de bem diferente maneira do que se via no seculo XIII, pergunto-nos a nós mesmos se não ha ali tanta gente que sem perbrezo nem panto não faz como Frei Gil — a respeito do qual o mesmo cavalleiro diz no cerco de Silves a D. Paio Pires barão, segundo refere Garrett:

« Peça mais fina
 « Nunca panto o gregan a fino diabo
 « de que o gabre Frei Gil. . . »⁽¹⁾

O autor da D. Branca tinha razão: ha tanta gente que grega cada peça a dois finos diabos!



{10-V-905}

⁽¹⁾ D. Branca, c. 8^o, X.

Bibliographia: Silva Pinto: S. Frei Gil (notas historicas) — Frei Luis de Sousa: Historia de D. Domingos, vol. I, liv. II, cap. 13-35 — Leffery no Brandão: Movimentos e lendas de São

VI

19 de março de 1434 = O Chronista-
nián (Fernão Lopes) -

«... uma notavel pessoa que
chamavam Fernão Lopes...»

Notas: Chron. de D. João

I - 3.º parte, cap. II.

No dia 19 de março de 1434,⁽¹⁾ o rei D. Duarte
de mandou por carta régia dar o cargo de
Chronista com o fim de «zer em carany-
ca as estórias dos reys»⁽²⁾ o seu antigo re-

Chron., cap. XI - Pinto Leal: Portugal Antigo
e moderno, vol. 8.º, p. 480 e vol. 12.º p. 2027 - Gar-
rett: A Branca, auto 8.º - Garrett: Diogenes
no mundo novo, cap. 37.º e seq.º

(1) Data apresentada por Luciano Cordeiro,
nas Dois Palavras e Chronico de D. Pedro por
Fernão Lopes.

(2) Palavras de carta régia, transcritas nas
Dois Palavras cit.º

secretario, ⁽¹⁾ Fernão Lopes, homem que, no
 dizer do seu admirador e sucessor Gomes
 Eanes de Azurara era de « commumal
 sciencia e grande autoridade » ⁽²⁾

O « commumal » quer dizer descommu-
 nal e de facto, o nosso primeiro historiador,
 « o pai da historia portuguesa » ⁽³⁾ apparece nos
 Lope, nos illustres tempos do seculo XX co-
 mo um homem que pertencia a sua epocha
 e que uns seculos antes faria ter gravado
 o verdadeiro modo de escrever a historia. E,
 dentro do seu tempo o seu consilio foi
 completo, pelo menos mostram cantecar

⁽¹⁾ « O oblado Barbosa e outros dizem que fo-
 ra secretario d'el-rey d. Duarte quando
 infante e de seu irmão d. Fernando... » (B.
 Herculanu: Fernão Lopes, no Papezario, III, p.
 126). « ... foi escrivão do juizado do infan-
 te d. Duarte Fernando... » (Azurara: Chroni-
 ca d'el-rey d. João I, I vol., cap. II) -

⁽²⁾ Azurara: Chronica cit. - I, cap. II.

⁽³⁾ B. Herculanu: Fernão Lopes, artigo cit. no
Papezario, III, p. 126

aquella regra do grego Luciano e que apresenta no seu Tratado: « a Listoria de-
 " ue estar separado e distante do elegio »⁽¹⁾
 regra esta que — quem sabe! — causou
 aquella phrase preventiva no começo do
 rethorico Portugal Restaurado: « uma das
 " maiores enfuzas do mundo é a resolu-
 " ção de escrever uma Listoria. »⁽²⁾

Fernão Lopes foi um vulto inconfundível
 de mesma epocha e um vulto distincto na
 nossa Listoria litteraria; nasceu quando o
 mestre d'Alviz allegrou a funda do movi-
 mento popular que o levou ao throno;⁽³⁾
 sua infancia devia ter sido passada no
 meio da memoria viva e forte d'esses accu-

(1) Sobre o modo de escrever a Listoria, tradu-
 sido por Custodio José d'Oliveira [Lisboa, 1771]

- p. 15

(2) Carta d'Ericcine: Portugal Restaurado —
 vol. I - p. 100.

(3) « Al epocha do seu nascimento ignorava-se;
 " mas parece que devia ser na do gloriosa revo-
 " lucão de 1380 ou alguns annos antes. » [Ibid.]

facinorosos gloriosos em que sobressale a
 figura. Servica do Bandestavel; cresceu e vi-
 veu em companhia d'essa generosa d'Infan-
 tes como entre mãe Louve; passou trin-
 ta e tres annos entre os archivos como
 guarda-mãe;⁽¹⁾ e assim, tudo se juntava
 para que fodesse ser chamado quatro pei-
 los deois, for Herculano, « como o mais
 " cabal elegio, o Honouro de grande esgloria
 " das glorias portuguezas. »⁽²⁾

Com effeito, as chronicas que Loje se co-
 nhecem d'elle; são a mais subido prova do
 seu valor; a gloriosa esgloria do mestre d'
 Ariz offerece-nos memos d'ellas — seu du-
 vida a mais notavel — descripta de tal
 maneira que Loje, temos de nos curvar
 com admiracão perante a critica com
 que acompanhando a narrativa dos factos, con-

culano: Fernão Lojes, artigo citado, no Pau-
 rama, III, p. 196

(1) Herculano: idem, idem.

(2) Herculano: idem, idem.

o commentario que colloca de pois, com a moralidade que colloca antes,⁽¹⁾ e a pura verdade com que descrevia tudo.

Nas chronicas d'elle, acrescenta Slerculano: « não ha só historia, ha poesia e drama⁽²⁾ » e tudo com um superior criterio, subordinado aquelle principio de justiça que diz, para encontrar razões, ser « laurada fama neste mundo e perduravel folgancia no outro.⁽³⁾ »

E não ha duvida que fez por isso, o nosso primeiro historiador.

Haverá atteste que « foi necessario andar por todas as partes do reino para haver completa (exata) informação do que havia de começar » e acrescenta: « despendeu muito tempo em andar pelos mosteiros e igrejas buscando os cartorios e os lettreiros

(1) « ... moralisava antes de entrar na narrativa ... » {Slerculano: artigo cit.^o no Panorama}

(2) Slerculano: idem, idem.

(3) Chron.^o de D. Pedro I — Prologo.

"d'ellas" ⁽¹⁾ Jorge mesmo, o rei D. Duarte
 não queria que se escrevesse os feitos de seu
 ego « senão muy verdadeiramente. » ⁽²⁾

Os « muy verdadeiramente » chegaram
 aos nossos tempos na chronica do nosso im-
 mortal Listeriador.

Nella, não nos algarece, dominando tū-
 do, como em outras, o rei, como centro
 de toda a machina; não, o rei algarece-nos
 nas devidas proporções junto com os Lo-
 meus da epocha gloriosa do advento de casa
 d'Aviz. Fernão Lopes não escreveu as suas
 obras nos degraus do throno como Gar-
 cia de Resende; conlucia a citada regra do
 escriptor grego: que a Listeria não deve
 andar de braço dado com o elogio, que é
 como quem diz, do pernilisimo...

Na chronica de D. João I vemos con-
 juntamente com a mesma verdade fla-

(1) Murara: Chronica de D. João I, 2ª parte,
 cap. II

(2) Idem - idem.

grande (como se diz hoje na litteratura da moda) o povo revoltado, o povo a defender-se nos muros de Lisboa e a combatter em Aljubarrota; o figura heroico de D. N. Affonso « a mais bella figura que a Estado-media portuguez nos deixou; » a maldade e a subtilidade do doutor Joao das Regras e tantos outros lemmes que deixaram o seu nome indelivelmente ligados a essa epocha memoravel e enfim, Joao irmos com o nosso grande Hercules, o chronista, « evocando inteiro o passado, e razeando o futuro em que jaz, com o golpe do genio da alma, vida e linguagem ao que era goz, morte e silencio. »

Trabalhou a vida inteira e julga-se que morreu octogenario (3) depois de ter for trinta e seis annos guardado o real archivo

(1) Oliv. Martius: Hist. de Portugal, I, p. 148
 (2) Hercules: Garcia de Resende, no vol. IV. do Panorama, p. 222
 (3) «... sabe-se que ainda vivia em 1658»

(desde 1418) e foi vinte annos ter sido o mais digno chronicista de Portugal.

E, como estava já tão velho e fraco « que por si não podia bem servir o dito officio » ⁽¹⁾ foi substituído por Aguiar deixando, com o cargo, uma fama de que o successor se admirava e respeitava com razão.

Morreu, quando findava a Era de Médi-
da: os tempos começaram a mudar e por consequencia o mundo a dar voltas.

As regras do bom Terceiro Loges começaram a esquecer-se e em pouco tempo, em lugar de se dizer o que elle disse quando affirmava que as suas obras eram « de pura certidão de verdade, deixando nos seus aguçamentos todo o fingido laudôr » ⁽²⁾ aconselhava-se, como o reformador dos frades crusios em 1755 que « quando for me-

{Herculano: Panorama, III, p. 156}

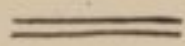
⁽¹⁾ Citado em Herculano: art.º cit.º no vol. III do Panorama.

⁽²⁾ Chron.º de D. João I — 1.ª parte, cap. I.

"cessario consultar as doutrinas de outros
 "escriptores deve-se fazer com tal circums-
 "specão que sem offensa d'alguem se clarifi-
 "que a verdade."⁽¹⁾

Tres peculos dezois, para aclarar a ver-
 dade, aconselhava-se que era bom jogar
 com um gão de dois bicos...

Ainda hoje é a mesma cousa.



{14-III-25}

(¹) Collecção das Cartas, e Leys, que o re-
verendissimo P. Geral reformador D. Francis-
co d'Humunciação, ordenou para esta Congre-
gação de Conegos Regulares Lateraneuses do
Reyno de Portugal . . . — [Lisboa, 1758] — Ley 3^a

Bibliographia: J. Herculano: Fernão Lopes,
 no 3^o vol. de Panorama — J. Herculano: Garcia
de Resende, no 4^o vol. de Panorama — Luciano
Bardeiro: Duas galaxias, introd.^o a Chron.^o de
D. Pedro I — Juráns: Chronica de D. João I
 cap. II — P. Blagos: Historia de Portugal, vol. II
 cap. 48 — Maia: Historia de Litteratura por-
tuguesa —

31 de maio de 1756 = O abade Paris.

«... C'est lui qui Alexandre
Dumas a mis en scène dans
Monte Christo et qui il fait mou-
rir au chateau d'If.»

Nouveau Larousse illus-
tré. - vol. 4^e

Souza gente Laverá ahí dentre todos os lei-
tores que não tenha lido o muito conhecido
romance O Conde de Monte Christo que fez
as delicias d'umas gerações e continua a fa-
zer na presente idade. Poucos de certo não
conhecem a obra e não se terá como movido
com as desgraças e misérias do abade Pa-
ris o desgraçado prisioneiro do castello d'If
que morreu sem ter conseguido alcançar o
celebre thesouro occulto.

Contudo, dentre todos, poucos ou quasi ne-

aluns serão os que sabem que esse desgraça-
do maniaço do romance de Dumas era um
portuguez, nascido em Bardez ⁽¹⁾ na Lúdia
Portuguesa.

Esse homem que nos faz magoa quando
nos offerecendo em cada anno decaffineiro
um milhão e mais de liberdade, que revé-
la ao camagueiro de grizão o lugar de gran-
des thesauros occultos, era filho d'um bralema
na da Lúdia portuguesa, Gaetano Victorino
de Faria, embora no romance, elle proprio
declare:

— Senhor, sou o abbade Faria. Nasci em
Roma... ⁽²⁾

O homem - no facilmente como italia-
no nem de elle ter ido em novo gaza Italia
com seu gae, e ter-se ordenado e doutorado
em Roma. As suas theses foram notaveis
e a sua intelligencia superiormente reco-

⁽¹⁾ Piubais Blagos: Migella de Litaria portu-
guesa: II, o abbade Faria, p 15

⁽²⁾ O Barão de Monte-Cristo, I vol. p 132

ultracida e voltou então a Lisboa onde o João go-
pava de certa reputação e tal que chegou a ser
confessor da rainha D. Maria I. ⁽¹⁾

O sangue fratricida, porém, fez-se causei-
rar o seu odio contra os Portuguezes e entrou
juntamente com o João na conjuração de 1787
conjuração que tinha por fim expulsar os Por-
tuguezes da Índia.

Mas, como acontece com todas as conjuri-
ções houve quem a denunciasse e João Por-
tugal veio uma relação de nomes de Jes-
uitas que deviam ser presas como implici-
das, e justamente, no movimento. Entre
esses nomes viudo o do João do padre ou ab-
bade de Paris e o Gregorio abbade, José Bus-
todio de Paris.

⁽¹⁾ « davam-se mal os seus Joões e Baetano
" Victorino que já tinha andado meunas vezes
" do caseiro não podendo aturar por mais tempo
" a vida que levava, resolveu fazer-se padre... »
e mais adiante: « José Custodio nasceu na
" constância do matrimonio contraído legal-
" mente pelo João antes de tomar andares re-

Este conseguiu fugir ás garras da justiça, mais feliz que o faz que foi preso no cimento dos Paulistas.

Sahir de Portugal e foi para França onde em breve ia começar esse esgafoso movimento que deu fundo abalo na Listeria da Humanidade. « Healy — diz Pinheiro B. Lagas num curioso trabalho — a vida do gregador e theologo e começa a vida do maguador e gregico, professor e revolucionario, sabio extraordinario, multo singular como tantos outros que appareceram no epocha da Revolucao franceza. »⁽¹⁾

Em Paris a sua fama deu brado; elle era o extraordinario magnetizador que foi posto em scena num vaudeville que andou em voga; elle era o gregico cujas experiencias arrojadas causavam assombro nesse agitada epocha; elle era o revolucionario que nada

« cras. » [P. Blagas: Mezetas de Listeria portugueza: O abbade Paris — p. 15]

⁽¹⁾ Idem — idem, p. 20.

desprezava fazer alguma espingarda e ir
para as barricadas, apesar do seu qualidade
de ecclesiastico, metralhar a fozão bouagar-
vista, como aconteceu a 10 vindimario.⁽¹⁾

O nome do abade Faria andou de en-
volta com tantos outros nomes singulares
de homens que appareceram nessa epocha uni-
ca da historia « em que caldeirões onde se
" agitavam os ingredientes mais diversos, ou
" de os theologos indios como o abade Faria
" se confundiam com os atões tentaculosos ca-
" mo *Amocansis bloody*. »⁽²⁾

Por fim, com a subida de Napoleão, o ab-
bade abandonou a vida agitada que levava
e foi para o sul da França onde se entregou
ao professorado; as suas experiencias com-

⁽¹⁾ «... eil... investido em revolucionario
" fegoso e terrorista, commandando uma
" das pecaes que no 10 vindimario marchá-
" ram sobre a convenção e a 13 foram metra-
" lhadadas por Bouagarte... » [*encyclopedie gatu-
" quera illustrada.*]

⁽²⁾ P. G. Lager: *est. cit.* - p. 20.

tinuavam a tornar-se notáveis e num dia de 1819 morreu d'uma apoplexia fulminante ⁽¹⁾ tendo 63 annos d'idade, pois nasceu a 31 de maio de 1756. ⁽²⁾

Disse o falecido Quintino Blagas que a sua mente não passou desapercebida; o Moniteur consagra-lhe a 1 e a 3 de outubro dois artigos ⁽³⁾ e o grande romantico G. Lebeau briaud nas suas Memorias de Alau da causa cita-o assim como outros escriptores — quer como sabio, quer como tygo extravagante.

Demas, Joreau, e' que lhe deu a maior celebridade. Prendendo-o no favoroso castello marsehez, fazendo-o grefurar facientemente os muros grossos de grizão, obrigando-o a tirar da sua fertil imaginação e profunda sciencia os recursos para tornar o mais suave possível o longo e inglorio

(1) P. Blagas: est.º cit.º - p 18

(2) Idem - p 19

(3) Idem - p 18

castiveiro, apresentau-o á nossa sentimentalidade benevola, sempre pronta para dar raras lagrimas enternecidas por uma desgraça sem razão de ser.

No entanto, mais que nenhum outro escriptor, Dumas popularisou-o, tornou-o conhecido, tornou-o celebre; e nós portugueses que mal conhecemos as nossas glorias, pouco capazes de — ao ler as desgraças do patrio italiano do romance — dizerem o mais vivo e mais sincero sentimento patriótico:

— D'estes romans não temos nós se!
 Isto é que são romans!...

E nesta commissão criminosa, nesta ignorancia desleixada, accitamos sempre de boa mente que nos também as nossas coisas fora de mais as importam como estrangeiras...

Abandonámos o obede Faria aos estrangeiros; importamos-o de mais nos romances do grande Alexandre Dumas,

como um simples producto italiano...

Fizemos ao abbade Faria o que hoje se
faz com a cortica alemtejana: use em
rimas enormes para fôr, para depois com
grammas rolas inglesas, francesas e alle-
mas...

==

{26-V-905}

Bibliographia: Piedade Blaga: Luiz das de
Historia Portugues: II - O abbade Faria - Al-
caudre Dumas: O conde de Monte-Cristo
- I vol.

VIII

18 de outubro de 1817 = Assassinato
do general James Freire d'Almeida.

« Em 1817, descobre-se ainda
por cima uma conjuração li-
beral, d'ão como implicado n'
ella, com provas de cá cá rá cá
um general muito estimado,
James Freire d'Almeida, de
quem diziam que Beresford ti-
nha ciúmes, e enforcam-n'o. »
Piedade Braga: Historia
de Portugal - 1157

A data de 18 d'outubro é sempre memo-
ravel. Quem for patriota lembre-a sempre
porque ella é das taes que não esquece facil-
mente.

E hoje que recebemos estranhamente
com gaudio nacional e feriados nas escolas
as esquadras britannicas, é que se não quer.

to pôde esquecer um insulto brutal em-
 ma roça de casida.

James Freire foi morto ha oitenta e oito
 annos⁽¹⁾; quem o matou foram os ingleses,
 por ordem da Inglaterra. Pois bem! Hoje du-
 do isso ha uae, tudo esquecer e James Freire
 e' apenas um pretexto para se esgotar annual-
 mente um pouco de rethorica.

Semante um pretexto e nada mais. Que
 de resto, e' mais commodo: enquanto não
 ganhamos da rethorica tudo não no melhor
 do mundo!...

Faz oitenta e oito annos agora; na esgle-
 nada do Terre de S. Julião de Bano, gendura-
 do da força infamante, balançaava o cargo do
 Tenente-general portuguez James Freire d'
 Andrade, vestido com a alva do enforcado,
 descalço, e a vista de tropas formadas em vol-
 ta e com a polidã immensa do mar em
 frente, apresentando-se ao seu olhar ago-

⁽¹⁾ Isto foi escripto a 12 d'outubro de 1865.

"misante." ⁽¹⁾ É muito longe, dentro do cida-
do, um grande lago ⁽²⁾ onde cadáveres be-
lucavam igualmente ao vento, de onde
martyres da independência da patria.

É que tinha lido uma conjuração,
uma tenebrosa conjuração! ⁽³⁾

O dominio despotico dos ingleses estava
em risco de ir abaixo. Beresford, o senhor
absoluto, quasi, do nosso paiz estava amea-
cado por mais d'uzia de patriotas generosos,
que embora concordassem ~~em~~ nos beneficios
que a Inglaterra nos podia trazer, viam com
tudo que o nosso paiz não se podia chamar
uma nação independente.

O rei estava no Brasil; quem manda-
va era a Inglaterra. O rei era Beresford;
D. Joao VI, um vice-rei...

⁽¹⁾ A conjuração de 1817 - artigo no vol. II,
cap. ...

⁽²⁾ No lago de Saint'Genevieve.

⁽³⁾ Ver o citado artigo A conjuração de 1817,
no vol. II

É o que tinha lido, tinha sido apenas
 uma generosa e sincera tentativa de in-
 dependência, a cuja frente estava o culto sym-
 bólico de Gomes Freire — o valente batel-
 lhador das campanhas da Rússia em 1788, o
 intelligente e consciencioso organisador da
 nossa defesa terrestre ⁽¹⁾ (a que alguem chamou
 sua... ⁽²⁾), o valeroso sub- chefe da Legião
Portuguesa, o bravo da campanha do Resur-
 silleu, culto prestigioso e adorado, e cujo
 caracter se impunha a todos pela nobreza
 de sentimentos e pela rectidão da sua cons-
 ciência.

Gomes Freire fasia pauzera. E a pauzera
 foi sempre uma causa muito má...

(1) Veja-se o seu livro notavel Ensaio sobre
o methodo de organizar em Portugal o exerci-
to, relativo á população, agricultura e defe-
sa do país (1806) —

(2) Veja-se a reforma do conselheiro Luis Au-
 gusto Dimental Pinto quando ministro da
 guerra, de 1900 a 1904. A reforma é de 28 de
 dezembro de 1904.

A pauleira foi a sua ruína; a consagração tenelrosa a causa próxima e determinante da sua morte.

Por isso de oitenta e oito annos não era o cargo de Gomes Freire que balancava no fôrca: era a pauleira!

Banagrade — como diz o Sr. Theophilo Braga — « for todos os chefes da arçia marcial que perturbem o curso do século XIX ⁽¹⁾ », condecorado pelo imperatriz de Russia Catarina II em faga da sua valentia, considerado pelo imperador Banagrade, Gomes Freire era grande de mais faga um fag tão pequeno...

Em Portugal nunca comberram grandes honras...

Tristemente, a faga militar que assistia á execuçã e que era o regimento n.º 19 d'infanteria, o havo faga esse chefe prestigioso, que antigamente levava á victoria os

⁽¹⁾ Gomes Freire d'Almeida — p. 57

seus antecessores nas fileiras; o tenente-co-
 ronel Bladdock é frente da tropa estava com-
 movido apesar de inglês; e madrugada rou-
 zia, friamente, mostrando o contorno esba-
 tido das colinas do Outra-Banda e um de-
 sembrado português achava-se cansado
 de vencer ⁽¹⁾ com Sir Archibald Campbell, go-
 vernador da fortaleza para que tirasse o te-
 nente-cornel Bladdock do commando da
 força com medo d'elle, fêz a requisição que
 fôrta fêz consentido, fazer alguma cou-
 ra em contrario ao que estava rigorosa-
 mente estabelecido.

Mas não. O vulto branco do suppliciado,
 via-se bem, degenarado na força infaman-
 te. Nem ao menos consentiram em fazer
 a sua ultima vontade: o ser fuzilado.

Era necessario que se mostrasse quanto
 se fodia, qual a força de que se desguenda.

(1) Eduardo de Vasconcelos: heroes e marty-
res, 2 ff 204

« Não queriam só a sua vida — dig' um
 " escriptor militar de actualidade ⁽¹⁾ — queriam
 " tambem a Loure da sua farda; era necessa-
 " rio que os dedos objectos do carrasco lhe ma-
 " culassem o corgo. »

« Mas, objecto o illustre escriptor tambem
 " militar, o Sr. Sousa Pinto, não foi com uma
 " sentença de morte que se amiguihou um
 " heroe. ⁽²⁾ »

D'aquelle vulto ali desenhado no céu azul
 é luz clara do mantle, germinou a genero-
 sa e alta idea do revolucion de 20. D'ali,
 d'aquelle pauleira que se pretendia amigui-
 lar — como se, amiguihando os heroes
 se amiguihasse as ideas — nasceu a pal-
 vadora luz que veio a brilhar jzados tres
 annos; e d'aquelle martyrio infamante af-
 jzou o estimulo que levantou por algum
 tempo, a raça decalida dos portuguezes.

(1) Eduardo de Waranda: idem, idem.

(2) Divagações historicas — p. 31.

James Freire quis fallar aos soldados que
 heu o conheciam; quis fallar a esse bravo
 regimento de bascaes que conquistara para a
 sua bandeira uma honra e uma fama il-
 lustre; mas os padres que o cercavam, Ly-
 gicamente, infamemente, fingindo rezar,
 fizeram tal barulho que nada se ouvia fora
 das batidas negras.

« Da mesma forma que os tambores abe-
 " faram a voz de Luiz XVI assim os padres
 " rezando em altos gritos as suas orações abe-
 " faram a voz de James Freire: Ah! ao menos
 " — exclama o fallecido D. Sebastião Braga —
 " ao menos os tambores não eram Lygocri-
 " tos e não invocavam Deus ao gesso que
 " estrangulavam a ultima palavra na gar-
 " ganta d'um moribundo! »⁽¹⁾

Depois, uma fogueira, liquidou tudo; o
 fogo, dando luz, afugentara a penumbra.

O auto de fe', como he chamado Silva

⁽¹⁾ Historia de Portugal - 8^o, p. 148

Gaio⁽¹⁾ durou até quasi á meia-noite.

Tres annos decorridos, dia por dia, o general Beresford pedia bannida, escollada, e agulso pelos Laureos de Vinte!

O acaso fez das suas... e o poeta Carvalho, evocando as cinsas do «proto-martyr»⁽²⁾ de liberdade portuguez «dizia com a melhor das ingenuidades:

«Tranquilla rejeitae, que ao vosso exemplo
E' finda a empresa grande que tentaste.
Sem cuidados jasei, que em terra nossa,
Firmou-se a liberdade!»⁽³⁾

Logo dizia Carvalho, no feliz anno de Christo, de 1820!

(1) Manic - p. 322

(2) Theophilus Braga: Games Freire d'Albuquerque,

p. 57

(3) Ode á morte de Games Freire d'Albuquerque.
{No 1.º vol.º das Novas Leveções Poeticas, ed.º
de 1905}

Bibliographia: Pimenta Braga: Historia de Portugal, 8.º, cap. VIII - Eduardo Nereus: Heroas e Martyres, cap. XV - Theophilus Braga:

Infelizmente, o grande tradutor de elle
 lieira e de Ovidio, não viu o domo de adri-
 uhar o futuro: em 1820 era tudo rosas!...

O Sr. Luiz Veiga...

Mãe!...

====

{12-X-205}

James Freire d'Almeida, fasc. VIII do vol. 2º do
Almancho Portuguez — Silva Gaijo: Maria,
 pag. 28 — Antonio Florencio de Sousa Pinto:
Divagações Historicas: James Freire d'Almeida,
 pp. 285-301 — Teixeira d'Almeida: Descrição ge-
 ral e Historica etc, II vol., p. 124

IX

10 de novembro de 1855 = Mausinho
d'Albuquerque.

« Honra de um só agradecer
D'um só resto e d'uma fé,
D'outros que leram que leram. »

Sa de Miranda: Carta e
D. João III

Ha quasi quatro annos, uma ordem do
exercito, lacronicamente, em um simples obri-
gato official dizia, no "obituario":

— Janeiro: 8 — Tenente coronel de caval-
laria Joaquim Augusto Mausinho d'Albu-
querque. ⁽¹⁾

Esta simples indicacao que attestava um
obito, no mais d'outras — em que no affa-
reiam nomes desconhecidos — tinha que

⁽¹⁾ Ordem do Exercito, 1852: n.º 5 da 2.ª serie

meu, que veio desfilar perante os meus olhos turvados o fúnebre cortejo do seu enterro, a triste significação de que marchava com o Tenente-coronel Mascuinho d'Albuquerque, um dos homens mais valerosos e mais honrados de Portugal.

Quanto mais se reflecte sobre esta maneira de agradecer o morto, a verdade é que é sincera e despretensiosamente pessoal. Eu, que vi do principio ao fim, o desfile agitado do funeral, que me descobri sinceramente commovido á passagem da carreta d'artilleria sobre a qual ia o corpo de Mascuinho. coberto pela bandeira azul e branca e que era ladeado por sargentos cobertos de medallas das acções em que entraram juntamente com elle, — posso dizer como disse pouco depois do seu fim tragico, que o seu caracter incomprehensivel de valente, de homem superior e de homem laureado, o levaram ao triste desenlace d'uma vida gloriosa

claus de actos que attestam como um ho-
mem se pôde injôr num mais decaden-
te, num mais degenerado, simplesmente
pela valor da sua esgoda e pela rectidão
do seu proceder.

Vi passar por deante de mim, seguido
pela turba multa de chapeus altos, de calças
tes emaguetadas, de bicornios enflumados
o caixão que conduria o corpo de Mansinho.
Havia um longo silencio pela sua cothada
de gente e de troupa; ao fundo o longo gortel
do cimiterio abria-se de jar em jar; e eu,
gorecia ver ainda esse morto, passar nas
ruas, com o seu agurmo pecco incanfundi-
vel, fare muito irritante, com um ar
sinceramente e desdenhoso, linto, quasi agres-
sivo » seguindo a expressao do Sr. João
Blagas, "quando sempre perennamente fare

(1) Julgamos por de João Blagas o excellen-
te artigo o danilino (assignado Sr. Thyrsos) e
que sahio no n.º 105 da Parodia, de 15 de janei-
ro de 1862, acerca do pomicidio de Mansinho.

a frente, de manoculo irónico, trocista, e
 com o grande agrucado a que lhe dava direito
 o triumpho com que o acolheram, naquelas
 mesmas ruas, quando entre os gardu-
 gueses se dizia já que ninguém teria forças e
 animo para desculhaintar com exito uma
 esgoda.

Leulirei então, sete annos antes, esses
 momentos em que Portugal vibrou intense-
 mente, de norte a sul, impregnado pelas
 victórias d' Africa — grata consolacão para
 quem estave ainda a dois annos das bru-
 taes aggressões inglesas e do triste descalace
 d' uma revoluçã.

À frente dessas figuras que vinham d'
 alem-mar coroadas de bravura, avillava
 aquella que deu um remate grandioso a to-
 do esse conjuncto de combates, d' accões, de
 sacrificios; á frente, como superior, a figura
 de Mansinho chegava até nós — sobre gen-
 te que não sabia o que queria — com a au-
 reola sagrada d' um heroe.

como Lerer o recabem Lisboa, como Lerer
o acclamam.

Os jornaes publicaram numerosos es-
cizos e estudou-se a sua genealogia — que
o Sr. visconde de Saucedos de Baena levou
até D. Aldemir Telha, amante d'el-rei D. Di-
niz⁽¹⁾ — e fizeram-lhe os maiores encomios.⁽²⁾

Mas... esse homem que a multidão ac-
clamou, tornou-se em breve aquillo a que
o já citado jornalista chamou — a primeira.
« É que as multidões não gerdoem á

⁽¹⁾ Mansinho d'Albuquerque — estudo genea-
logico do visconde de Saucedos de Baena —
no numero especial do Diario Illustrado, fe-
ta chegada de Mansinho a Lisboa.

⁽²⁾ Quando Mansinho, depois de zissão do
Quingentaria veio para Portugal, algumas
cidades fizeram-lhe grandes festas. O Porto,
por exemplo, excedeu-se a todas as outras.
Oré, quando se soube o dia em que Mansinho
fornaria para a cidade invicta, a academia
de boiunhos, reunido em assembleia geral
discidiu se devia ou não devia fazer-lhe uma
manifestação, para saudar o faz no

" creatura que um dia fôla ingloriosa barba-
 " ra e luminosa dos triumphos as domi-
 " nen au as fez ajoelhar de admiracão. Não
 " La fôza perturbar ius multidão como a
 " creatura que ella um dia acclamou » e fôza
 " sabo algum tempo essa mesma multidão

movimento de euerme pyuzotia fôlo
 glorioso official. Os opinões dividiram-se :
 d'um lado, os gtristas, em fôrase quente, que
 riam provar que Masciêto era heroe, que
 merecia as louças do triumpho ; do outro
 lado, os fessimistas afirmavam que Masci-
 êto não era heroe ... A assembleia estava
 assim, tumultuariamente dividida, quando
 fôdo a fôlaura o autão terceiravista (ne me
 não engano) de medicina Joaquim José Luis
 Fernandes, conhecido fôlo Fernandes da fô-
 da, « o qual — afirma o celebre Pad Lê {livro
 " de Di. Itis, p 86) — fôdo effectivamente
 " fôdo. » Com a pue ingerturbavel cara, fô-
 fôo o seguinte : " a Academia de Boimera,
 mandará um telegramme a Masciêto fô-
 guitando-lhe se elle, effectivamente é her-
 roe ; sendo-o, fô-ze-lhe a manifestacão, no
 caso contrario ... não ! "

Outro manar o caso, d'umso outro ma-

que abriu a bocca para pôlta rivas ao Lese, olhava de poltaio com ar desgrenador e máa para esse homem « desdenhoso, glorioso e forte »¹⁾ que ganhava, inconfundível, de mesmo.culo assestado sobre aquella gente toda que delirantemente o acclamára antes.

A ingreusa que o coroou de loiros, ganhado poucos annos chamau-lhe « ferro-nagem quasi historico cujos humos de Le-reisimo transformáram o espirito a gosto

meira: o mesmo Fernandes profasero que a academia o fosse congratular por meio de uma deputação, e he disse o seguinte, de entrada: « a academia de Coimbra, delegou em nós o honroso encargo de vir congratular V. Ex.^a ... caso seja heroe! »

Esta foi o poltaio que elle achou para a grande divergencia de opiniões no seio da academia. Pela grava resolveu-se a grande questáo. E afinal, a academia manifestou-se alguma zela sua congruencia no estacaõ onde pôlta uns rivas modestos, augurando que o grupo contrario deu rivas "a Soares Aubrés!"

1) Artigo citado no Parodia, emm como a Transcripção antecedente.

" de traicionar a causa d'aquelle que lhe con-
 " fideu a educação do filho amado »⁽¹⁾ e quasi
 unanimemente fedia ao rei de Portugal
 que retirasse o filho príncipe-herdeiro do thro-
 no das mãos visíveis « grosseiras e incivis »⁽²⁾
 do vencedor herico do potentado africano !

Mel também lançado tres meses sobre es-
 tas phrases odiosamente falsas, iurgiradas
 pelo zanga que lhe causava o seu desdenho,
 pelo rancor que lhe viuz de « ensanguen-
 " tar de sarcasmos as cerças aulicas do Pa-
 " co, »⁽³⁾ Meusinho, que vira alfin a verda-
 de d'aquelle penitencia d'um cartesão — tam-
 bém desdenhoso e altivo como elle — que
 foi o 1.º conde de Vimioso, e que dizia « onde
 " a rasão se não dá, dando e' quem se não
 " calla »⁽⁴⁾ — teve ainda a coragem que meu-

⁽¹⁾ Artigo no Primeiro de Janeiro (Parte) — de
 22 d'outubro de 1801

⁽²⁾ Artigo no mesmo jornal, de 24 de out.º de 1801

⁽³⁾ Artigo cit.º, no Paradiz.

⁽⁴⁾ Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.º con.

co de faltou na vida, para — sendo bem
a sua situação — susar fol-a de feitamen-
te a claro.

« Esse fallido glorioso — diz ainda o Sr.
" João Braga com uma lucida interpretação
" dos factos — teve a coragem supremo de se
" eliminar antes que o eliminassem, uma
" decisão forte, logica e raciocinada, como
" quem dá um passo natural e immediata-
" vel. »⁽¹⁾

E aqui, nesta modesta occasião, se ainda
é cedo para se fazer a biographia paja-me-
licito ao menos — commemorando o dia
em que fasso o anniversario do seu nas-
cimento — traçar estas lindas bandeas,
conscio de que fasso uma homenagem pui-
cra áquelle que — se foi para muitos

de do Simiao revistas e apreciadas por
Mendes dos Remedios [Boimbera, 1865] — p. 34

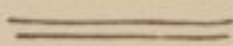
⁽¹⁾ Artigo cit.º no Parodia.

⁽²⁾ Isto foi publicado no Jornal Tarrajano
de 9 de novembro de 1865; no dia seguinte é

uma penhora má e indelével — Já
 não foi um homem que eu ainda ima-
 ginava capaz de — como desejava o Sr.
 Basilio Telles, no seu último livro ⁽¹⁾ — mor-
 rer como o cavalleiro excêntrico d'Alfar-
 robeira, de fé, a batallar!

De não morrer, já era, a batallar, fôde
 contudo dizer ao disgarar o revolver sal-
 vador:

— Fartai agora, villanagem!...



{1-XI-205}

que ganhava o anniversario do nascimento
 de Nausincho, já nascera a 10 de novembro
 de 1855.

(1) Refiro-me ao periodo seguinte: « Não
 era enmudecido e de roço que desejaria
 nos ver morrer o velho Portugal, descubrida
 infatigavel de mundos — mas, de fé, e bra-
 dando como Alvaro Bay d'Almeida, fazendo
 rosto á villanagem, sem dar nem fôdo qua-
 tel. » {Do Ultimatum ao 31 de janeiro, p. 447}

Bibliographia: Santos de Bacia: Nausi-
nchos d'Albuquerque, estudo genealogico — no

X

13 de outubro de 1666 = Morte de D.
Francisco Manuel de Mello.

«... foi na gloria e na desgraça, no successo e no infartu-
rio, sciencia d'isso tudo, o mais
reductor, o mais galante, o mais
discreto, o mais irresistivel
cortejador das damas.»

C. Matheiro Dias: Bastar
de Lisboa, 1ª serie, p. 150

Diz um escriptor moderno⁽¹⁾ que nada ha
mais meos proprio para estimular do
que as biographias: os honras no mundo
são todos os meos e se ha distincção en-
tre elles, e' motivada pelas circunstancias

Diario Illustrado, n.º especial — João Braga:
A Saubra, no n.º 105 (de 1822) do Parodie — 8.
Nasauha: Seres e Martyres, cf.

(1) Fernandes Costa: Memorias de um aju-

39

e zelos acontecimentos. Estamos certos d'isso e concordamos.

Centudo alguns da que gozarem por alguma causa sem a força das circunstancias os collocar á frente d'um acontecimento ou de os forçar a seguir um certo caminho.

D. Francisco Manuel de Mello, o escriptor de que nos occupamos e cuja morte succedeu a 13 de outubro de 1666, não entro n' aquelle numero. O que o tornou celebre não foi a guerra, ou a politica; foi o seu merito litterario que o collocou, na sua epocha, entre os honrados inventores nas lettras.

Camillo claus-de « enrique soldado, diplomata e escriptor »⁽¹⁾ e de facto o illustre D. Francisco Manuel foi um valeroso soldado, tanto como Labil diplomata, mas o que eleva o seu nome, incontestavelmente

dante de cargo - II vol., pag. XXXII

⁽¹⁾ No Prefacio á Carta de guia de casados, p. 7.

te, e o valor das suas obras litterarias, algumas tidas como obras perfectas e todas ellas notaveis.

Foi um homem de talento enorme, de «maravilhoso talento;»⁽¹⁾ escreveu em varios generos de litteratura e em todos elles o seu valor se revelou da mesma maneira, brilhante, e incuestionavelmente superior.

Foram-lhe familiares varias linguas e estava relacionado com as pessoas, ao tempo, mais illustres na Europa.⁽²⁾

Logo depois dedicou-se á carreira das armas; o seu genio, um genio aventureiro, tentava-o á parte das luctas e de facto entrou em algumas campanhas ao serviço de Hespanha e entre ellas, na guerra de Catalunha á cerca de qual escreveu uma Historia, que seguindo um escripto con-

⁽¹⁾ Mendes dos Remedios: Preficio ao Fidalgo aljendy - ff. X.

⁽²⁾ D. Hesulano: D. Francisco Manuel de Mello, est.º no Panorama, IV, ff. 179.

Temerarios é « uma obra prima de Luiz
 que Lersgandola. »⁽¹⁾

Foi então, quando valentemente combatia para subjugar a revoltada região e com o seu conselho auxiliava os chefes dos exercitos Lersgandolenses, que em Lisboa recebeu a conjuração dos quarenta fidalgos que levaram ao throno o Duque de Bragança: A sua vontade seria, como fidalgo, correr para auxiliar a sua patria numa inevitavel guerra; mas o grande cuidado fazer.

O conde-duque d'Alvares mandou-o prender e o illustre fidalgo por algum tempo depois conquistou a liberdade e grande vez offerer os seus serviços a Portugal « dando assim exemplo — como elle proprio disse — a que viessem outros. »

Passou pois a viver em Portugal e co-

⁽¹⁾ M. dos Remedios: Prefacio cit.º

⁽²⁾ No Memorial a El-rey d'El-rey d'El-rey IV d. S., publicado no integral no Prefacio de Baniello á Carta de Luiz de Casado.

mo era moço, gentil, galanteado, era festejado em todas as salvas nobres, em todas as festas fidalgas.

Metter-se d'amores com a condessa de Villa-Nova de Portimão que D. João IV tam-
bem requereu e estes amores foram a
causa da sua desgraça para o resto da vida.

Contava trinta annos, no furo da vida,
do talento; o ciúme e talvez um pouco de
 vaidade não admitiam um rival e.
uma noite esgrou, no furo do galacio, fa-
cientemente, de esgada em furo.

Alargou um vulto, desembainhou a
esgada: os dois começaram a esgrimir
e só quando a condessa, do alto da escada
mostrou uma luz, sobresaltada, é que os
dois fugiram cada um por seu lado.

O escandalo ficou ignorado, principal-
mente do marido « para, segundo refere
"Basilis, não desmentir o proverbio..." »

(1) Prefacio cit.º - p. 49

mas D. João IV não soude gerdoar. Com
o pretexto do assassinato d'um creado do
conde, que o espreitava, D. Francisco foi pre-
so e gerreguido infamemente pelo rei a
que o mesmo romancista chama « um
algôz carado... »⁽¹⁾

E assim, se mudou a vida do illustre
escriptor. Anos e annos soffreu uma
cruel perseguição no carcere e no dester-
ro.

Só com a morte do rei é que elle vol-
tou á liberdade e aos cincoenta e cinco
annos morreu em Lisboa, tendo gasto o
melhor tempo da sua vida, na dura vida
de encarcerado

Diz o nosso grande Herkulano, que
« os inimigos que pretendiam destruil-o
foram aquelles mesmos que contribui-
ram para que se combesse o que neste

(1) Prefacio cit.º - p.º 52

(2) Panorama - art.º cit.º - IV, p.º 179

" mundo mais grego e realis tem — o renome
 " e a immortalidade » porque as suas melho-
 " res obras farão escritas durante o capti-
 " veiro.

Terangeu varios generos o seu talento:

" « Listeria, jurisprudencia, moral, politica,
 " milicia e litteraria. » (1) Na Listeria, diz o Sr.
 " Theophilo Braga que « é o unico escriptor portuguez
 " centista que d'ella apresenta uma elevada
 " concepção » (2) e alem da Listeria acima referi-
 " da tem varias outras obras das quaes é
 " muito notavel a chamada Elegancias de
 " varia Listeria.

Os seus Dialogos Dialogues são uma
 obra perfeitissima que no opinion de Hercu-
 lano é a obra « que marca o gosto mais
 " alto a que subio o talento de D. Francisco
 " Manoel. » (3)

(1) Alexandre Herculano, art.º cit.º no Panor.
III - IV, p. 178

(2) Listeria de Litteratura - p. 323

(3) Art.º cit.º no Panorama. - IV, 178.

tem fim, que não citar uma vez, di-
 remos que todas ellas, notavel, não a prova
 mais evidente do valor extraordinário de tão
 insignificante escriptor; e a sua desgraça mostra
 bem quanto gode o odio seu a maldade d'um
 rei que, pela singular covardia que pechou n'
 aquelle duello nocturno e escandaloso, fez
 passar pela mais injusta e preguiçosa
 dos escriptos mais lucidos da epocha, e prefe-
 rir a quantos fidalgos he Lusitano — por uma
 injustiça do acaso, — a corôa na sua pobre
 cabeça escaudoada.

=====

[6-X-204]

Bibliographia: Alexandre Herkulano: D.
 Francisco Manuel de Mello, no Panorama, IV
 p. 175 e 294 — Camillo Castello-Branco: Prefe-
cio á Carta de Guia de Casados — Mandos dos
 Remedios: Prefeção ao Auto do Fidalgo alreino
 — Theophilo Braga: Curso de Historia da Li-
teratura Portuguesa — Rodrigues de Azevedo:
Notas ás Saudades do Terra, do Doutor Gas.
 de Fructuoso, p. 376 e seq.^{tes} — C. M. Heins-
 Dias: Cartas de Lisboa, 1.^a parte.

XI

20 de outubro de 1570 = Morte de
João de Barros.

... Historiador quasi sempre ex-
tíssimo...

Inocencio: Diccionario
bibliografico.

Diz Jeronymo Soares Barbosa na sua
notavel Grammatica philosophica que a nos-
sa lingua teve uma grammatica devida a
João de Barros « ainda antes que outros na-
ções civilizadas tivessem uma na sua lin-
gua. »⁽¹⁾

A primeira vista, quem só conhecer es-
te nome como o do autor das Decadas
cujos trechos nem traduzidos em toda

⁽¹⁾ Grammatica - p. XI.

a. parte, extranhará que o mesmo nome
 ainda ligado a uma grammatica e anterior
 a qualquer outra; mas é certo que o douto
 e severo Listeriador não foi só dedicado ao
 ao grave estudo da Listeria: o seu talento
 levou-o ao trabalho noutros ramos bem
 diferentes e d'elles se pode dizer como
 Lameru bastante superior.

Atta Severim de Taria que «traba-
 "lheu toda a vida por illustrar a patria e
 "deixar de seus naturaes gloriosa memoria"⁽¹⁾
 e sem duvida, foi homem que com pouco
 esforço e uma grande cultura conseguiu
 fazer ao seu pais uma obra que quasi é
 um monumento e outras de maior vulto
 mas ainda o seu valor é comprovado bri-
 llantemente.

Nascido nos fins do seculo XV⁽²⁾, viveu
 durante os tres primeiros quartéis do seculo

⁽¹⁾ Discurso vario politico - p. 23

⁽²⁾ Veja-se o Tratado de critica das datas
das viagens ... - p. 23

lo XVI, d'envolta com o grande movimen-
to intellectual e material do Renascimento;
espirito lucido e fino, conseguiu alliar ao
espirito antigo que resurgia o espirito de
patriota o que levou o fellecido Ribeiro de
jes, no seu entusiastico zelo Lusiadas, a
dizer que Joao de Barros foi o architecto dos
Lusiadas.⁽¹⁾

Pode parecer exagero mas talvez o não se-
ja. Barros foi, positivamente um inves-
tigador eulbar a critica temta muitas vezes
que se pedir contas; revolveu os archivos e
deixou zelas mãos muitos documentos, em
quasi todos, o que e attestado por Simoes
quando diz que foi «um Lusiadas
quasi sempre exactissimo»⁽²⁾ e escrevendo a
Historia das feautas Portuguesas no Orien-
te e zelas costas d'Affrica, veio trazer a lu-
me uma enorme fonte de inspiração e de

⁽¹⁾ As decadas — art.º no Archiv. Pitagorico —
IX, p. 211

⁽²⁾ Dicc.º Bibliographico

camões naturalmente se inspirou para
começar a sua obra immortal.

« A Listoria poetica e grande po' a gloria
" fazer no seculo XVI, um escriptor mandando
" os nossos feitos »⁽¹⁾ e de facto, Barros, come-
çando por Listoriar as viagens engrandidas
fizo perante D. Henrique quando mandou co-
lonisar a Madeira e Porto-Santo, entreou de-
pois propriamente na Listoria das grandes fa-
cundas e aventuras que deram a Portugal um
nome e um renome tão extraordinarios por
essas epochas.

O valor desta grande obra e' celebrado por
todos; Baudido Lusitano diz que se não fosse
as Decadidas não appareceria no tempo obra
« que merecesse ser lida com aproveitamen-
" to e gosto. »⁽²⁾ Barbosa Machado afirma
que n'ella « se veem religiosamente obser-
" vadas todas as leis integrantes da Listo-

⁽¹⁾ Fideiros Blogas: artigo cit.º

⁽²⁾ Reflexões sobre a lingua portugueza - no

"ria" ⁽¹⁾ e como estes, para não citar mais, todos tuas galanuras de justo afresco para o pe-
 uero e douto Historiador que alcançou com
 justiça o título de Vitio Livio portuguez.

E além d'isto a sua linguagem e o seu es-
 tylo que lhe valerão tambem «o justo tí-
 tulo de primeiro mestre da linguagem portu-
 guesa» ⁽²⁾ são uma das causas que mais re-
 alçam as suas narrações, as suas descrip-
 ções onde se vê, clara, a forma simples e ás
 vezes fugitiva para a poesia, empregando aqui
 e ali uma ou outra metaphora, correctã e
 cheia de propriedade, num conjuncto que
 agrada ao mais rigoroso jurista e que, sem
 duvida, pela superioridade da intenção está
 á altura dos grandes feitos e heroicidades
 que apresentem em publico e que legem ás
 gerações futuras.

Logares selectos de Pedro Figueiredo

⁽¹⁾ Diogo Barbosa Machado: Bibliotheca Lusitana.

⁽²⁾ Caudão Lusitano: obs. cit. ²

Não admira pois que se dissesse que elle, Barros, fôra o architecto dos Luziadas.

« São — diz ainda Pinheiro Chagas — o arco de l'Étoile dos nossos exercitos do Oriente. »⁽¹⁾ e não é immerecida a laurea de Camões ter ido brilhar elementos a São celebre obra para a sua obra immortal.

O Papa Pio IV, condecorado do seu merecimento mandou collocar seu effigie Chalcid. como o seu retrato se busto⁽²⁾ junto com o de Ptolomeu, o geographo da antiguidade, tal como Francisco I mandando pôr na sua galeria d'Armes o retrato de Alvaris de Silveira, o vencedor do primeiro cerco de Diu.

Foi, sem duvida merecida, um culto grandioso na historia de nossa litteratura e que está juntamente ligado as nossas glorias do seculo XVI; dotado « d'uma grande

⁽¹⁾ Historia de Portugal - IV - pp 476

⁽²⁾ veja-se a herizuesca e critica das datas...

"qualidade, o bom senso, qualidade rara em
"todos os tempos" João de Barros soube vi-
ver na sua época e soube uma coisa difi-
cilíssima — o ser cordato.

Grammatico, philozopho, Historiador e
poeta, cumgre-nos a nós, que nos admi-
ramos de — neste século XX — ver uma
só destas qualidades num homem, lembrar
um nome glorioso que muita gente bo-
condica quer ver a narração do tomada
de Malaca, nos Logares selectos do Padre Fi-
gueiredo quando fez exame do Lyceu...

==

[14-X-204]

¹⁾ P. Blagos: Historia de Portugal - IV, 477
Bibliographia: P. Blagos: Os Decadas, arti-
go no Archivo Bibliographico, vol. IX, p. 211 e seg.^{tes}
P. Blagos: Historia de Portugal, IV, p. 476 —
Investigação e critica das datas das viagens...
p. 46 — J. Soares Barbosa: Grammatica philo-
sophica, advert.^o

XII

15 de setembro de 1765 = Nascimento
do de Manuel Maria Barbosa do Bocage.

«... a nossa paudocia não deve
 ser alguma dirigida ao mais bri-
 lhante dos paudistas que teve o
 século XVIII — mas também a
 ciência de tudo ao mais fidalgo
 dos mendigos que tem tido
 Portugal!»

Julio Dantas: Bocage
mendigo. {Rev.ª litteraria
scientifico e artist.ª do se-
culo, 172}

1º

D'entre a gloriada de Lourens que en-
 cham o periodo litterario dos fins do século
XVIII e começo do XIX, sem duvida Boca-
ge, destaca-se não só como o facto mais
 folular, mas indubitavelmente como o de
 mais valor.

sem duvida, o seu nome ficou para sempre consagrado, infelizmente não pelo verdadeiro merito mas pelo popularidade que adquiriu e pelas innumerables anedotas que se lhe ligam ao nome.

« O Sr. Gouveia só conhece o nome de dois poetas: Camões e Bocage »⁽¹⁾ e se a um liga a ideia grandiosa da nossa gloria e do nosso poder, ao outro liga a falsa ideia da gloria engracada e ficante.

E dizemos falsa, porque, realmente, se a primeira impressao Manuel Maria Barbosa de Bocage nos afferece em cima da mesa dos botegueses ingloriosando, fazendo rir ás gargalhadas os assistentes, respondendo gravito, rafigido, á qualquer objeccao intencional, ou se o conhecemos só por ver as suas obras em volumes que não andam em todas as estantes, a

⁽¹⁾ Theophilus Braga: Bocage, sua vida e obra litteraria - p. 5.

ideias que ficamos fazendo de zoeira e' erradissimas.

Bocage não foi isto.

Bocage, o zoeira contecido no Arcadio foi Blumano Sabino foi uma cousa muito inferior a um improvisador vulgar; foi um zoeira muito maior que um ri-mador de cousas zarcas...

Elle effeito era má zara o seu genio inferior e d'elle se resentiu immenso o seu talento de zoeira que nunca fadado zara cousas muito maiores. No abatimento em que estava a nossa sociedade, os echos da revolução franceza eram uma cousa de terror e de medo; as ideias modernas um zorigo terrivel mas um estimulo zara quem, como Blumano tinha uma alma nobre, um coração generoso e altivo, umas aspirações justas de liberdade e de egualdade.

Nas suas primeiras zoesias viu-se que nelle andava um zanco e chama revo-

leisnaria e a Inquisição ainda não
 tinha sido de todo extinta; foi por conse-
 quencia ferido.

Os Portuguezes, pelas ruas, era accla-
 mado; todos queriam ouvir o portuguez
 que até um dia, purificado por
 uma penitencia que lhe agoutou a alma
 elle teve o sangue frio para se portugui-
 zar uma quadra que ainda ali de boca
 em boca.

Foi esta, e nisso ver, a causa de sua
 desgraça; levado por essa falsa gloria, pe-
 las acclamações do povo que nelle só via
 o augurado, o fiadista, Bocage desen-
 ran muito da cultura que necessitava
 para a sua intelligencia e não produzio
 o que o seu talento era capaz e tinha obri-
 gação de produzir.

A Nova Invidia foi a causa d'umas
 interminaveis luctas que sustentou
 no campo litterario com os poetas do
 tempo e nestas questões desferiu elle

suavemente feita do seu talento que fode-
ria por melhor aproveitado.

Não queremos dizer que nessas luctas
as suas confissões não tivessem valor;
tem até algumas d'alto merecimento co-
mo a Penha de Talião a que Rebello da
Silva chamou a « sátira mais brilhante »⁽¹⁾
e muitos outros que são confissões sa-
tyricas d'alto valor mas muito mais ge-
neraria a nossa litteratura e o seu nome
de poeta se fossem feitas com outra inten-
ção e com sangue frio.

O seu genio inflexivel e volubel deu
á sua poesia a feição curiosa e caracteris-
tica que todos nós lhe conhecemos e como
que representa bem a sua vida que foi,
positivamente, uma vida desgraçada.

Carreu mundo, perseguido, miseravel;
fzssou fome e faze não morrer teve de

(1) Rebello da Silva: Manuel Maria Barbosa
do Bocage - no Panorama - X, p. 338.

traduzir, traduzir, traduzir... embora
as suas traduções sejam modelos.

No fim da vida, novo ainda, confesseu
bem quanto tinha ajudado mal na sua
carreira pelo mundo. Chegou a dizer que
alguma coisa teria feito « se um raio de
"raião peguisse fogo" ⁽¹⁾ mas o que é certo
é que « era verdadeira a pauidade que sen-
"tia e era sincero o coração como que chara-
"na » ⁽²⁾ como diz no seu elegante lingua-
gem Rebello de Silva.

Por fim, a 21 de dezembro de 1805 aca-
bou-se aquella vida gasta — gemitta-se a
expressão — ás mãos cecias, sem um mi-
co calculo, quando estava em todo o seu
vigor pois tinha nascido a 15 de setembro
de 1755.

Em sua casa, alguma o carinho de uma
irmã lhe assistiu aos ultimos momentos;

⁽¹⁾ Sanctos — n.º

⁽²⁾ Est.º cit.º — f.º 90, Panorama, vol. X

o aclamado nas ruas e o victoriado nos cafés acabava ali, miseravelmente, sem uma lagrima de pândade.

Poderia ter sido um grande. Assim, como diz o Sr. Theophilus Braga & em vez de
 "representar uma aspiração humana, tem
 "algumas o lugar que se dá, não a arte, mas
 "o ter agradado a uma sociedade extinta e o
 "ter sido o poeta césario do antigo regimen."⁽¹⁾

==

{10-X-86}

(1) Theophilus Braga: Bocage, sua vida e effe-
cto litterario, p. 8.

Bibliographia: T. Braga: Bocage, sua vida
e effecto litterario (ed. de 1876) — Rebello da
 Silva: Manuel Maria Barbosa do Bocage, no
Panorama, vol. X

2º.

Bocage ⁽¹⁾

(no quinquagesimo centenario da sua morte)

« Está quasi esquecido este nome ga-
nico » dizia Camillo ha trinta annos. ⁽²⁾

Hoje, dia em que seisa o seu quinquagesimo centenario, o seu nome e' logo menos um nome mais fallado.

— Bocage?...

E depois de fazermos um movimento rapido de cabeça, como de quem tem uma recordação rubra, dizemos:

— Ah! sim... Bocage...

E com um sorriso maroto, clamamos-

(1) Publicado no dia 21 de dezembro, comemorando o 1º centenario da morte do poeta, em 1905.

(2) No Lancionheiro alegre, II, p. 45. E' Franço

nos, por causa da esposa, das filhas, das irmãs... Pelo nosso espirito faz-se uma revolta de anedotas frescas, de versos que se escondem por demasiado indiscretos e o quadro de uma vida excessivamente dissoluta que é bom esconder de nossos filhos, para os não contaminar com maus exemplos.

Assim, e só assim, todos nós, a grande massa, nos lembramos hoje de Bocage.

O pai centenário veio pacificar um pouco do zó do esquecimento o pai nome glorioso e pyrolythico; o pai centenário veio reccordar cousas esquecidas dos nossos tempos de rapaz; veio obrigar a imprensa a publicar-lhe o retrato e a historia do cavalé insigne-dor, mas não veio fazer mais nada.

O esquecimento e a indiferença que perseguem o nome de Blumano continuarão a perseguil-o enquanto não destenar-nos

origem do Curso de Literatura Portugues —
[ed. de 1876].



o velho gresceito — honesto valha a verdade mas fundamentalmente larvo — de que o poeta foi sempre autor d'uns versos « que não se vendiam a mezinhas de quinze annos — diz ainda Camillo — sem ellas as mandarem buscar golas criadas. »⁽¹⁾

Na maior parte, o publico assim julga Bocage eternamente.

E mesmo, se exigirmos com fundamento apreciar o poeta que enceta de graça, de injurias mordazes, de « mordentissima galhofa »⁽²⁾ o longo reinado de D. Maria I devemos partir « de que elle gozaria ter sido — seguindo o Sr. Theophilo Braga — para não ser injusto julgando sempre o que elle foi. »⁽³⁾

Mas não. O nome de Bocage, garran como tudo garran desde que não deixe um rasgo

⁽¹⁾ Bancianeiro alegre — II, p. 45

⁽²⁾ Ibidem — II, p. 68

⁽³⁾ Bocage, sua vida e obra litteraria (ed. de 1875) — p. 8.

tro de tal modo luminoso que o correr dos
seculos não afague. E esse poeta illustre
que em 1851 — segundo disse o seu ele-
gante e distinto biographo — ainda vivia
na memoria de todos, ⁽¹⁾ em tão mais seculo
passado, tem-se ido afagando successiva-
mente, ligando-se-lhe algumas a a falsa ideia
"do poeta engracado e gigante." ⁽²⁾

De facto, Bocage não foi o que devia ter
sido. O seu grande talento tinha obrigação
de deixar á nossa litteratura obras de mais
valor; o seu talento illustre — que não era
dos seus que Lya de Seneiro nos ridicularisou
na gossa do illustre e talentoso Pacheco —
tinha obrigação de ter legado á litteratura de
essa uma feição que não legou, e uma ou-
tra orientação que não conseguiu seguir,
produzindo algumas, foi entre os seus con-

(1) Herculano de Silva: Manuel Maria Barbosa
do Bocage — publicado no Panorama —
Vol. X, p. 90

(2) Veja-se neste volume, p. 94 (art. anterior).

Vulgares — segundo Castilho — « fa-
 " licantes de estregidos versos, recheados
 " de nada.»⁽¹⁾

Toda foi, na verdade, a influencia d'Alena-
 no. Tendo uma alma de poeta, um grande
 talento de poeta, o seu espirito inquieto,
 indomavel nunca sujeito á « tímida re-
 " flexão »⁽²⁾ como com certa justiça disse José
 Agostinho de Macedo, espirito este que era
 agravado pela sua ignorancia — pois nun-
 ca se subordinou a um estudo methodico e
 fructuoso — fizeram d'elle, que devia ter
 sido um grande, apenas um poeta de
 quem nos restam obras brilhantes, mas
 que nada representam no conjunto de

⁽¹⁾ Enrico, o Presbytero, nos Vivos e mortos
 vol. VII, p. 24

⁽²⁾ Dil-o nos versos

«..... alma
 « nunca á tímida reflexão sujeita »

{Os Burros, canto I, vers 642}.

uma listaria litteraria. Os seus poemas,
 «forma gentilissima e magistral da sua in-
 "dole"»⁽¹⁾ não são como metaveis; as suas tra-
 duções são modelares o grande de — a res-
 peito das traduções d'Orvidio — Castilho, o
 modelo dos tradutores, dizer que bem se go-
 dia naturalisar portuguez o grande poeta ro-
 mano; as suas satyras são brilhantes e
 entre ellas uma, a Rei de Talia foi zelo
 illustre Rebello da Silva chamada «a saty.
 "a mais brilhante"»⁽²⁾ mas tudo isto sem
 um flauto, sem colerao, sem lagar e que o re-
 ferido padre seu eterno e inflacavel ini-
 migo dissesse depois:⁽³⁾

«..... a natureza
 Algum genio he deus; mas só fainas

(1) Camillo: Cancioneiro alegre, II, p. 46

(2) Prologo á traducção das "Metamorphoses"
de Orvidio, nos Vivos e mortos, volume II, 42

(3) Manuel Maria Barbosa de Bocage, no Pa-
 norama, X, p. 338

(4) Os Burros, I acto, versos 638-41

Dizergas, soltas»

Faram, na verdade faiscas de genio, dizergas, soltas, as suas produccoes.

Ero no fundo um verdadeiro poeta e «tanto mais assombroso — assevera Casti-
lho — quanto era em todas as sciencias
" ignorante e ignorantissimo »⁽¹⁾ mas o seu
" espirito indomavel « muito amante de
" sua liberdade e fidalgo inimigo de escravi-
" dao » segundo o dizer do seu contemporane-
" o Bunge⁽²⁾, augmentou esse genio supe-
" rior da poesia que se é bem sabido quando
" a eloqua era contraria ás manifestações d'
" um espirito como aquelle que nem me puz
" hes phrase o velho poeta nos retratos com
" exatidão.

Seu poeta com a eloqua e agrada a sua

⁽¹⁾ Bocage e o seu latim — nos Diros e lousos, vol. II, p. 148

⁽²⁾ Cit. em Geogh. Braga : Bocage — [no Plutarcho Portuguez, I, p. 73].

nique e a Inquisição era o maior dos in-
 grossos neste abençoado reinado de D.
 Maria I; e incalçavelmente como era de regular a
 sua vida, não se sujeitando a vontade al-
 guém estranha, Bocage viu-se na necessi-
 dade, para ganhar dinheiro de traduzir, o que
 levou José Agostinho a dizer:

«... os doze livros do Talmud hebraico,
 Venter, vender, verter... vender em verso!»⁽¹⁾

A miséria, infelizmente para elle, for-
 que gressou necessidades, fez com que mos-
 trasse mais uma manifestação do seu ta-
 lento; Castilho enquadrou algumas d'el-
 las — as de Ovidio — na sua traducção
 das Metamorphoses e é o prologo que de-
 clara que Bocage... não sabia latim!⁽²⁾

⁽¹⁾ Os Burros — canto I, v. 245-6

⁽²⁾ «O seu e meu amigo morgado de Assen-
 diz me tem affirmado que Bocage não sabia
 o latim...» {Prologo ás Metamorphoses, no
 vol. II. dos Vivos e mortos — vide p. 42}

« Por conveniências das phrases gabem-
 " tao rastajava e desencantava o sentido do
 " autor. Ha mais gbanda talento e greguino
 " admirar? »⁽¹⁾

Assim affirmou Castilho Guimarães tra-
 duzendo como tem gancos lauve e como me-
 ndum la.

Candido, está quasi esquecido — dizia
 Bauillo la trinta annos.

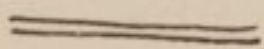
É é um facto. É uma grous de quanto
 a epocha influe nos espiritos que, como o
 de Boage, não tem uma vantade forte
 que os gnie. A epocha inutilisa o goba.

O contuário gano agora no meio da
 geral indifferença.

Quem fôr, gais, gartuguez de caracal,
 que leia as suas obras que todos godaem ler
 e que tenha golo goba a puygathia que
 nos merece todo aquelle que não teve deu-

⁽¹⁾ Prologo cit.º — no mesmo vol. dos livros
e manhos — pp 42.

tro de si a verdade — dominadora e forte — que ao serviço d'um génio acima da crueza vulgar faz dos haueus alguma coisa e que consegue através de todas as epochas e de todas as convulsões das sociedades, deixar de si um monumento perduravel.



{12 - XII - 25}

Bibliographia: Theophilo Braga: Bocage, sua vida e epocha litteraria (ed. 2.ª de 1876) — Theophilo Braga: Bocage, fasciculo X, do Platão Portuguez, vol. I — Luis Augusto Rebello da Silva: Manuel Maria Barbosa de Bocage, no vol. 2.º X do Panorama — Camillo Castello Branco: Baucoeiros alegres, vol. 2.º II — Basticho: Vivos e mortos: Prologo á tradução das Metamorphoses de Ovidio, no vol. 2.º II, pag. X; Bocage e o seu latim, carta á "Revista Universal Lisboense", no vol. 2.º II, pag. XXVIII (pg. 143); — Revista litteraria, artistica e scientifica do Seculo, n.º 172; a Revista Lusitana (Lisboa) n.º 1065; o Diario de Noticias, n.º 14:393; etc, etc.

XIII

28 de abril de 1397 = Marté de D. Lau-
reço, arcebisgo de Braga.

«Um sacerdote vê brandindo a erga-
da . . . »

Camões: Lusiadas, VIII, 19.

No notavel periodo da nossa historia em
que a monarchia portuguesa querendo des-
ligar-se de toda e qualquer tutela, preten-
deu ser uma monarchia livre sob a mão
regua do Mestre d'Aviz, um dos vultos
epicoticos que conhecemos é o do arce-
bisgo de Braga D. Laureço, o « arcebis-
go soldado. »

Não é uma figura brilhante que sobri-
radia no meio da gloriada de Godalhadares
que venceu com o bandeirante o reino de
Castella; mas é de certo um ~~o~~ vulto al-

Também singular e que merece toda a
 attenção foy que, sendo ecclesiastico, não
 duvidou largar o seu foyço de Braga e des-
 fir os seus trajos para converger as foy-
 das armaduras e ir combatter como quel-
 quer cavalleiro.

É tanto é mais foy notar que vemos
 vulgarmente não ser esta a indole de clas-
 se a que o arcebisgo pertenceu. Trocar o ba-
 culo pelo manto, tirar a mitra para
 foyr na cabeça, um elmo enfileirado é
 um facto que haure sobrenado a sua me-
 moria.

Portugal então precisava de todos os au-
 filios; Castella ameaçava-a terrivelmente
 e o Mestre d'Ariz a breços com tanto di-
 ficuldade ia resolvendo de vez. Via-se foy-
 quem deante de tanta causa: o reino divi-
 dido e o seu cabeça era a grimeira e rolar
 no cadafalso se não venesse.

A situação era grave e «como aquelle
 que era discreto e congnido de toda a ben-

«dade»⁽¹⁾ tentou fugir para Inglaterra onde
 lhe parecia que estaria mais seguro do que
 na inquietada Lisboa que o queria para rei
 a toda a força.

Felizmente para o reino não o deixá-
 ram ir embora; e o Mestre desde então,
 dedicou-se exclusivamente à defesa do
 país de que em breve ia ser um dos mais
 nobres e gloriosos monarcas. D. N. Al-
 vares ia batendo a grandes golpes de man-
 toas os alicerces do throno do novo dynas-
 tia e o Mestre esqueceu os seus desejos de
 fugir para se lembrar que tinha sob a
 sua mão um reino forte e decidido de
 que elle tinha de ser o rei.

Um dos entusiastas da independencia
 foi o archbispo de Braga.

Houve de bom conselho, experiente
 pelo estado, e sua galanteria tinha valimento
 e o seu exemplo era bom e honesto.

⁽¹⁾ Fernão Lopes: Chron. de D. João I, 1.^o 2.^o, XVIII.

Quando se começaram a juntar hordas para resistir a Castella, depois da derrota do cerco de Lisboa em 1384, o arcebispo foi um dos primeiros que veio apresentar o seu braço forte á direção do futuro monarca depois de ter mostrado nas celebres cartas de Coimbra a sua decisão pela dynastia que começava.

Haveria valoroso era elle, de certo, que deixou o seu poço de gelado d'uma boa diocese para o trocar pelo escandalamento, pelos combates, pela vida ariscada e irregular que ha sempre na guerra! Bem e bem exemplo deu elle aquelles que fugiram para Castella e aquelles que esperavam — para não decidir — que a balança pendesse para um ou outro lado.

Quando, no dia memoravel d'Aljubarrota os dois exercitos se encontraram para resolverem o destino que devia ter este pequeno paiz, o arcebispo andava pela frente dos nossos, de cruz de grã leve.

tada, aquella « com que costumava visi-
 tar as egrejas » ⁽¹⁾ incansavel, animando os
 combatentes, absolvendo-os em nome de
 Urbano VI e mostrando-lhes que a nossa
 inferioridade numerica não seria a razão
 de se não vencer.

Os soldados ouviam-no, consolando-se
 com os gestos e animando-se com as
 suas palavras e a verdade é que a felleja
 feriu-se rijs e forte não parecendo que
 houvesse uma tão grande differença numeri-
 ca. O benditoavel, cheio d'alegria, corria
 d'um a outro lado, onde fosse necessario
 o seu montante e em pouco Castella
 viu-se derrotada.

O arcebispo no mais duro do refraga
 agarrava uma ferida na cara; mas, con-
 tento, dizia elle, dose dias depois, ao cele-
 bre abbade d'Alcobaca, D. Joan d'Ornel-
 las: « ja darei e bwarei outra fella

⁽¹⁾ Fernan Lopes: Chronica, 2º tomo, cap 52.

mesma requesta.» ⁽¹⁾ Uns, o que vulgarmente se se diz, um homem às direitas.

E quando o throno ficou firme, quando o Mestre, já rei de Portugal, subiu os seus degrãos com firmeza para dar começo a um grande periodo da nossa historia, o arcebispo D. Lourenço voltou aos seus laços de Braga e, deixando o laço e a rija armadura d'aco, vestiu novamente as suas severas vestes ecclesiasticas e continuou a ser o mesmo fidalgo que fôra antes da guerra.

Quando mandou fazer o túmulo, o esculptor não lhe fez no busto, o gibroz que tinha no rosto e de que elle se honrava tanto e a primeira vez que o viu «deu mostras de estar malcontente» ⁽²⁾ e com uma esgrada, contou um esculptor no Panorama, ⁽³⁾ abriu elle mesmo na pedra o gibroz que ele

⁽¹⁾ Carta, que vem no 7.º vol.º, p.º 46, de Chronica et.º, de Fernão Lopes

⁽²⁾ Panorama - I, p.º 115

⁽³⁾ I, p.º 115.

le agardava ufadamente, como uma reli-
quia gloriosa.

O tumulo, Jorem, esteve pouco tempo na
sua. A 28 de abril de 1397 morreu o valen-
te arcebispo que foi uma das melhores figu-
ras d'essa epocha forte e heroica em que po-
tensate a esplendida figura d'um moço no-
bre e pauto que em breve devia ser o pauto
bandeiral.

==

{22-IV-24}

Bibliographia: Fernão Lopes: Chronica d'
el-rey d. Joao I — Pauzama, I vol., p 115,
{artigo anonymo}.

XIV

31 de dezembro de 1830 = Nascimento
de José Elias Garcia.

É sempre farrigoso fallar-se d'homens
que desapareceram La Gouco. As suas indi-
vidualidades são ainda recentes e na me-
moria de todos vive, de certo, uma recorda-
ção, por alguma que seja.

A critica ainda não pode dizer tudo; a
historia ainda não pode dizer nada...

As grandes arvores precisam ser derri-
badas por terra para se medirem; e quando
se erguem sobranceiras para o céu não
se lhes mede a altura. Dejeis, um dia,
cahem; mas a sua cãma enorme precisa
reccar-se, é preciso que as suas folhas vão
cahindo secas, uma a uma, que as foguei-
ras hastes desapareçam, para que fique

só o traço só. E então parece que nos
deve bastar uma simples fôr métrica...

Succede o mesmo com os romanos: a
sua individualidade grega desaparece da
memoria dos vivos para que a critica comece
friamente o seu officio perverso.

Dr. Elias Garcia, não foi, e certo, um
grande homem; não é uma figura que mais
que uma epocha ou um periodo na nossa
Historia. Mas o que é, sem duvida, é uma
individualidade que se impõe pelo seu caracte-
r, pelo seu talento, pela superioridade que
sempre conservou na nossa sociedade, pela
orientação que teve na politica, e que deso-
zou ha pouco tempo ainda para que d'
elle se possa fallar desassombradamente.

Não foi um grande homem, mas a
sua morte não mostra, de longe, o seu
valor. Já ha mais de sessenta annos e
a sua figura destaca-se mais nitidamente
e assim irá, á medida que o tempo for
correndo.

Era republicano e morreu republicano; todos o sabem. Mas nós aqui não o celebramos como tal; nós viemos lembrar um nome illustre: um nome d'um homem que foi um liberal convinto, um jornalista vigoroso, um militar distinto e um professor erudito.

Deixemos a sua politica de que tanto o tem accusado; fallemos simplesmente do liberal, do professor, do jornalista. Ainda se discute muito o seu papel na politica, e nós não somos politicos...

Elías Garcia era official d'engenheiros e como tal regou a 6.^a cadeira na Escola de Exercito e ainda hoje o seu nome é fallado com respeito.

Em 1875, entrou para a vereação do Conselho Municipal de Lisboa tomando conta do zeloso d'instrucção e para se ver o cuidado que se merecia a instrucção popular, basta dizer que, quando elle entrou para o Municipio havia duas escolas municipaes

em Lisboa; quando elle sahiu, em 1881, deixára dous escolas. E quando morreu, sob a sua influencia, existiam 22 escolas centrais, 3 espezias e 40 parochias.

Pode-se dizer que Elias Garcia trabalhava activamente pelos seus meios de propaganda; na instrucção via elle — e justamente — uma maneira de difundir a ideia republicana e de combater um certo poder occulto d'ideias bem gerigosas e de consequencias bem funestas.

Esperito liberal sincero, Elias Garcia, entrou para o mundo moço, como haueem que uae resolvido a trabalhar, e subindo de grãos, tal importancia adquiriu o seu caracter firme e a sua honestidade rara que quando falleceu o celebre chimico Antonio Augusto d'Albuquerque, que era Grã-mestre do Moçoarario Portuguez, foi Elias Garcia elevado a este alto cargo onde deixou uma falta enorme de que hoje ainda se falla aueudadas vezes.

Como Grão-mestre de Macassarã, fôz
 tão grande as potencias masonicas contra
 o ultimatum de 11 de janeiro e tão elo-
 quente e justo era esse protesto que obri-
 gou no estrangeiro um certo numero de
 jornaes a fallarem de nós, defendendo-nos
 quando todos nos accusavam.

Como jornalista foi um escriptor bom
 e vigoroso. Escreveu em varios jornaes re-
 publicanos e por fim no Democracia onde
 deitou artigos que foram bem fallados e
 commentados.

Quando morreu era coronel d'engenha-
 ria; e sua morte ⁽¹⁾ causou grande tristeza
 e depois d'ella se viu a sua enorme falta.
 E, passados quatro annos, um grupo d'amis-
 gos erigio-lhe um monumento; e sua
 inauguração contou quasi Lisboa inteira
 para ouvir fallar do morto e ver o seu
 tombo das faces da columna.

(1)
 • 21 d'abril de 1891.

Houve quem, nessa occasião, dissesse, n' um eloquente discurso ⁽¹⁾ que Elias Garcia tinha sido, dentro do republicanismos, um grande conservador e ainda ha pouco surrimos dizer que a monarchia o não terminaria nada, mesmo como militar.

Não discutimos; tal causa não nos cabe. Deixamos a quem nos ler a liberdade de fazer qualquer juizo a respeito do mundo illustre.

Elle ha tanto de trator por esse mundo!

O que nós notamos, contudo, em Elias Garcia é que foi sempre um homem de caracter serio; que a sua honestidade foi sempre, recalcada; que o seu talento e o seu valor como professor foram sempre verdadeiramente reconhecidos; que foi rejeitado como jornalista e como tribuna, e

⁽¹⁾ Gomes de Silva, no discurso que fez representando a Monarchia.

⁽²⁾ No artigo Francisco Manuel Flannery Christo.

nós, a quem não exalta a politica e as revoluções, temol-o considerado sempre como um homem que poucas vezes se encontra no nosso desgraçado meio..

Foi um conservador? Foi um republicano que transigiu?...?

Seria!...

Mas, quem hoje passar no cimiterio do Alto de S. João e lá ver o monumento pinguete, encimado pela estrella symbolica de cinco pontas, que um grupo d'amigos levantou⁽¹⁾, lembre-se que ali repousa um homem que foi um justo, um caracter serio e immaculado e que — como disse o fallecido Estêvão Coelho⁽²⁾ — andou por tantos annos na vida politica activa, num.

⁽¹⁾ Este monumento foi levantado pela influencia de Graciano Luritano e inaugurado a 21 d'abril de 1895. Tem a forma de obelisco e me de 9 metros d'altura.

⁽²⁾ Citado num artigo do Occidente, de abril de 1895.

ca o lado que se acumula la tanto tengo
estas paldas escaleras gunde muscular a
caudidez de sus toga de tribunos.



[23-XII-203]

XV

13 de maio de 1698 = Nascimento do
Marquez de Pombal.

«... mas agora apparecia o
salvador, na pessoa do mar-
quez de Pombal...»

D. Martius: Historia de
Portugal - II, p. 158

O celebre D. Luis da Cunha, quando, em
uma carta que escreveu a D. José, ainda
príncipe, a respeito dos negocios do faz
que iam em grave desordem, se referia ao
grande Marquez, dizia: «temarei o atrevi-
mento de lhe indicar para o (ministro) do
reino Sebastião José de Carvalho e Mello, cu-
jo genio faciente e arpegulativo ainda que
sem vicio, em jogos de fuso, se accorda

(1) Carta publicada no Portugal Pitoresco, de

"com o do maçã." Logo dizia-se em tempos do rei D. João V.

É o que é verdade é que, quando D. Jo. se' puz ao throno elevou a seu primeiro ministro esse homem que depois foi um dos maiores homens que a nossa historia gode agantar sem receio de mentir.

O Marquez de Pombal foi aquillo que os seus admiradores lhe chamam: um homem.

Diz-se que era cruel, que era máo. Seria; mas com o que devemos concordar é que elle foi um dos poucos homens que se agantam como bons administradores e a quem Portugal, sem o saber, deveu o inicio das futuras revoluções liberaes.

O Grinceze de Matherwick disse a seu respeito: "o Marquez de Pombal foi um dos homens mais notaveis do seculo; só commetter um erro: o fazer adiantar a liberdade."

Ferdinand Denis - vol. 3º, p. 283.

⁽¹⁾ Citado em D. Heitor de Lobo: Historia

de.» Fosse como fosse, o que não podemos deixar de ver é que elle veio num periodo terrivel de decadencia em que a governa era uma causa assombrosa por esse quiz, em que o jesuita era peuhar de quasi tudo, em que a nação, enfim, tinha na agarencia um brilho enorme que de vinda do euro do Brazil mas que no indiano estava corroida terrivelmente.

Dalpis, para maior desgraça, veio o terremoto. (1) Lisboa, de cima e baixo ficou destruida; enormes riquezas desapareceram e os animos agaverados iam á mercê da grimaina invasão. Agareceu neste altura o marquez: as forças levantaram-se logo e n'ellas foram prendurados os ladroses e os assassinos; a fome foi attenuada um pouco e o povo, tremulo ainda de medo, admirou esse homem que se não abtemarizou com

do Quintessenz de Agulhas - p. 102

(1) Ver neste Annuaire Historico, o vol. II, p. 122

a catastrophe, que teve o animo peremo, no meio de tão grande desgraça.

O povo curvou-se e Portugal mudou, em tão, de reino.

O marquez começou a sua obra e a sua mão forte e segura, segurou com gerência o leme desta « mão do estado » velha e cansada para lhe dar um outro caminho melhor, prospero e feliz.

Conseguiu-o em parte; a sua obra terminou com a sua vida. O seu reinado foi verdadeiramente um segundo terremoto: "Lições realçaram com outros moldes, alinhada, manobrada e os costumes mudaram também.

A sua accção revelou-se até em causas frequentes: o marquez chegava a insinuar cassamentos, a indicar gadrinhos...

Mas, feita de duvida, mesmo sem enthusiasmo o que se vê é que a sua accção foi

(1) O. Martins: Historia de Portugal, II, 172.

boa, útil e de grande alcance. Portugal
remeçou, sentiu-se outro, comecou-se
de que alguma coisa valia e no estrangei-
ro admirava-se a nova energia e a nova
boa administração.⁽¹⁾

Portugal chegou a ser alguma coisa...

É tudo feito sob a direcção d'um só ho-
mem, que tinha uma vontade indomável
uma energia enorme, a gosto de enfrear
der o amigalhamento do jesuita Godoso,
do Inquisição⁽²⁾, de reungir com a Santa-Sé,
de reungir com a Inglaterra!

O jesuita era tudo; o Marquez teve de re-
ingir a curia romana, ameaçá-la, e n'
esta gendarmia não ceder, e o jesuita foi.

⁽¹⁾ « A administração de Pombal é um d'es-
" res raros períodos de juizo e habilidade a que
" fizemos acima allusão... » [Basilio Telles:
" Do Ultimatum ao 31 de Janeiro, p. 217]

⁽²⁾ « Quanto as suas gendarmadas gendarmias
" (do Marquez) mostrei de releance (no Perfil do
" Marquez de Pombal) e mostrei grolizamen-
" te se quizerem, que os seus orculos foram

exgulso, mas exgulso a valer, como cum-
pria á vontade do grande ministro e não fi-
zidamente.

O jesuíta era um mal, o jesuíta era um
obstáculo ao progresso; subjugava as cons-
ciências e corria os costumes; por isso a
sua expulsão foi um bem, mas um emer-
me bem, d'uma alta vantagem.

A Inquisição ingerava igualmente ao
lado do jesuíta, sempre rival, disputando a
parte das desgraçadas gentes. O marquez
não a extinguiu, mas emmudeceu-a. A
Inquisição deixou de ser o que era, de
ter o valor que tinha.

O marquez não os temeu; no seu cam-
p

" D. Luis de Buita, em tudo que respeita ao
" Santo Officio, fez carta ao Príncipe em Testa-
" mento politico ;
" Que o author collaborador nas referencias in-
" quizitorias foi o cavalleiro de Oliveira . . . »
[Francisco Castello Branco: Saberes, Boas e
Malas — no volume Bohemia de Portugal, N.
272.]

nho recto, seguindo sempre o seu gl'ano gran-
dioso, elle seguiu sempre irregular, não re-
cuando nunca, quebrando zela força —
quantas vezes cruel! — os obstáculos que
se lhe oppunham.

O puzgicio da nobreza em Belem foi
uma crueldade, sem duvida, mas o mar-
quez olhando aos resultados era cego mui-
tas vezes nas suas decisões.

Conduzido, o zovo sempre docil, habitua-
do ao jugo bem e não se revoltar,
dizia depois, comencido

— mal por mal, antes Pambal!...⁽¹⁾

E nesta frase ingenua do zovo vemos
nós um elogio; era duro, ás vezes cruel,
mas o zovo preferia-o ao dominio frades-
co e jesuita que se seguiu até 1820.

(1)
«Talvez que um vislumbre de verdadei-
ra luz raia-se já no cerebro nacional, quando,
ao observar a restauração das cousas g'atras,
com a sua natural zachorra, o zovo diz de-
pois: mal por mal, melhor Pambal!» {Oli-

Tirou-o da pobreza em que D. João V o collocara, auxiliando a agricultura, fundando fabricas, abrindo escolas; e o erario scusava no fim do reinado de D. José muitos milhões, o mesmo que D. João V deixára nasio, sem um ceitil! ⁽¹⁾

Esta é que é a grande verdade. O general Lafayette disse que elle « fizera recuar

meira Martins: História de Portugal, II, 209

⁽¹⁾ Muito depois de escripto este esboço do Marquez, vi na Revista litteraria, scientifica e artistica do Seculo um artigo com o nome de Leudo desfeita, do Sr. Alberto Telles, e que começa: « Não é só de tradição, mas está estamugado em muitos livros que o Marquez de Pombal ao sair do governo em 14 de março de 1777 com vinte e sete annos incógnitos de uso e abuso do poder, deixou nos cofres do erario regio muitos milhões de cruzados que uns calcularam em 78 e outros em 80..... » E mais adiante: « ... ora esta leyda, que na realidade não é outra coisa, desfej-se como fumo ao mais ligeiro confronto com documentos officiaes, que vou aqui expôr..... » e de facto, citando documentos

" a liberdade." ⁽¹⁾ Errou o celebre general. A liberdade começou com elle, quando — embora despoticamente, deitou por terra a nobreza, o jesuita, o Inquisição; quando reformou a Universidade e auxiliou o commercio; quando fez prosperar o Brasil e augmentar as indústrias.

Elevar o poder absoluto, é certo; mas es- se devia cair em breve perante o progresso que avançava.

Por isso, hoje, nós, que vemos ahí o jesuita orgulho andar por essas ruas livremente, lembramos sempre com zena esse

entre os quaes, nos balancos do erario assigna- dos do zelo proprio Marquez conclue que o que havia em cobre no fim de 1776, era a modica quantia de 387:312:335 reis. E terminá: « E a isso em verdade, se reduzam os febulosos 78 a 80 milhões de cruzados ou sejam 31:200:000:000 ou 32:000:000:000 reis de tempo josephina ou Zambalina! » Fico zais, para commentaris, a nota. [Placido cit.º, n.º 153]

⁽¹⁾ Cit.º em D. Antonio de Costa: Historia do Inquisição — p. 102

grande homem, que sabia deitar vontades
indomáveis e fazer secuar inimigos fortes
e poderosos.

Se a «indença» e o «pensamento»⁽¹⁾
não foram grandes, a obra foi, de certo, ad-
mirável, d'um grande alcance e d'uma
grande utilidade.

==

{6-V-904}

(1) O. Martius: Historia de Portugal - II, p. 214
Bibliographia: Smith: Memorias do Marquez
de Saubal - Oliv. Martius: Historia de Por-
tugal, II, p. 173. - Rey. - P. de Leal: Portugal
Antigo e Moderno, IV, p. 329 - F. de Azevedo: Por-
tugal Pitagorico, III v. - D. Antonio de Gato:
Historia de Lustracao Popular, cap. V - Pa-
ramara, N. III, p. 105 (art.º ausangues) - Camil-
lo: Bohemia de Portugal, p. 269. - Rey.º

XVI

24 de dezembro de 1522 = Morte de Vasco da Gama.

«..... o forte capitão»
Lusíadas - I, 44.

Em geral, fallar-se de Vasco da Gama é fallar-se da viagem da Índia.

A este nome, glorioso para nós e para a civilização ainda sempre ligada aos esforços temerários pelo oceano em demanda do lendário rei e que é a empresa capital da nossa história.

Mas nós não vamos fallar só do seu arrojada viagem que o heróico levou ao fim; essa era demais e conhecida desde que, em Lisboa, o centenário fez erguer profusamente descrições mais ou menos exactas. Fallemos também do homem, desse que foi

conde de Vidigueira e almirante das Índias orientaes.

E seja-me licito, para isto, evocar um estudo do Sr. Visconde de Sanches de Baena, que muito me pôde valer.⁽¹⁾

Vasco da Gama era filho de Estevão da Gama, que tinha sido nomeado por D. Duarte creado do 1.º duque de Viseu e que depois foi alcaide-mór de Sines.⁽²⁾

Nasceu nesta villa segundo assevera o referido escriptor e durante a sua infancia parece que viveu bastante com o duque de Beja em casa dos avós de seu pai, até se darem as terríveis scenas de sangue entre D. João II e a nobresa.

O duque de Beja chamado a ver o cadá-

⁽¹⁾ Vasco da Gama - estudos biographico-genealogicos, no Diario Illustrado, num.º do Bem-Tamario (1898)

⁽²⁾ Ausencia dos antepassados de Vasco da Gama no livro de Luciano Cordeiro: Os Primeiros Gamas.

ner do irmão aguilalado, freuendo talvez
o futuro dourado de rei venturoso tinha
de dissimular e a conivencia amiga com
o filho de Estevam de Gama, desalgrecou para
não commoetter os seus olhos, a sua au-
licação.

E a verdade é que, quando o duque publico
ao throno, Vasco de Gama viu-se necessita-
do e o seu irmão Paulo andava no exilio
por ter aguilalado o juiz que se vendera a
D. João II para fazer aguilalar seu pai.

Causas terriveis que se ignoram e que é
bem ignorar...

Mas, resolverem recorrer ao rei e fallou-
lhe desassombadamente, como cumpria a
um homem de genio altivo e duro e a um
antigo camogandeiro d'infancia. D. Manuel
atendeu-o e deu o indulto a Paulo de Gama
e o que é facto tambem é que, quando re-
solverem mandar concluir a viagem que
Bartholomeu Dias começara, D. Manuel
mandou para o fazer esse mesmo homem

com quem brincára em criança e que (am-
néra o referido escritor) tinha tomado ar-
deus maneiras em 1480 juntamente com
seu irmão.

Foi a elle, o rei, que com desassombro,
Vasco da Gama tinha ido buscar a ingrati-
dão de tantos annos como se a corôa real
fizesse esquecer favores...

É discutível se realmente o Gama to-
mou ardeus maneiras, assim como é discu-
tível o anno em que nasceu. Não cabe aqui
a averiguação de tais factos por isso só os
afirmamos mas quer-nos parecer que até
hoje ainda não ha uma official segura e
exata.

A vida do notavel navegador o Gama
contada até ~~o~~ a sua chamada Gama o
commando da armada mas pouco incli-
nados a dizer que a sua mocidade não foi
passada em pratica em tirocinio de na-
vegação — e acreditamos em que a sa-
grada theologia de grande o seu espirito

juvenil antes do destino o vir avançar
 fare a gloria a fare o bem mesmo do seu
 sair.

Um dia veio, farem, em que foi necesá-
 rio chamar um homem que fosse capaz de
 levar ao Oriente uns tres pequenos barcos
 com uma cruz de Christo nas velas bran-
 cas. Estava, naquella grupo de barcos — a
 que geralmente se chamam «armada»
 — o nome de Portugal, e a ambicao da nossa
 gente, e a causa da nossa gloria.

Le Vasco da Gama, o antigo estudante de
 theologia foi o escolhido fare ir a esse Orien-
 te cheio de ouro. A «armada» partio e
 d'ahi a dois annos voltou: e assim ficou
 consummada a nossa maior façanha, a nos-
 sa principal empresa.

Portugal tinha de seguir o seu destino:
 estava traçado o seu caminho que tão cedo
 os portuguezes da India — seguindo a empresa
 d'Albuquerque — vieram tornar fructu-
 osos.

E Vasco de Gama, entrando triunfalmente em Lisboa foi acolhido com extraordinarias honras pelo monarca venturo.

Consumada, pois, a obra, ficou-nos o Oriente fascinador aberto á nossa cultura e á nossa ambição. O Oriente foi depois teatro de roubos e saques em nome de Christo.

Os nossos navegantes corriam á Índia: heróicos, é verdade, mas palteadores... O heróico andava aos encontros com a villosa.

E para isto é que Vasco de Gama conseguiu levar ao Malabar uns gózos navios, talvez com a consciencia d'umos los aciad.

A viagem foi difficil. Venceu-se o mar, o vento e os leuques; e tudo para correr adray d'um «absurdo idealismo»⁽¹⁾ como disse Thiers de Euental, idealismo que em breve succuberto gólos funos deu com

⁽¹⁾ O Infante D. Henrique — estudo no jornal

o nosso imperio na mais cruel das realidades. A viagem foi alegre; a volta desastrosa...

Vasco de Gama voltou á Índia segunda vez em fevereiro de 1502;⁽¹⁾ e passados 22 annos, quando a Índia estava assustada já o nosso «cargante» voltou novamente com o título de vice-rei.⁽²⁾

Estava já velho e cansado. A viagem em necessitou-lhe e na noite de 24 para 25 de dezembro de 1524, morreu esse homem que com o seu vontade de ferro e genio indomavel, conseguira a empresa de que a nossa historia se ufana e deixara aberta e cubica da sua gloria a enorme influencia do Oriente.

Walle e em Lameas, diz Latino Coelho,

O Académico, n.º 3 (boimbro, 1860)

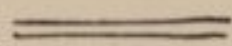
⁽¹⁾ Partiu a 10 de fevereiro, e chegou a Lisboa em 1 de setembro de 1503. (Teixeira d'Alagaes: Descrição geral e historica, III, 105)

⁽²⁾ Partiu a 9 d'abril de 1524; o seu governo cou-

está o nome de Portugal⁽¹⁾; se um de dar «
~~fora~~» o caminho para a riqueza o outro
 deu-lhe o caminho para a glória.

É infelizmente os dois funos de que fal-
 tou Albuquerque, mas foram um dito; fo-
 ram uma realidade.

« Portugal só foi viveado — como disse
 o referido poeta — « guerreiro altivo, nobre
 e fantástico, mes amirando involunta-
 riamente as suas propriedades para maior
 glória do seu absurdo idealismo. »⁽²⁾



{17-XII-903}

com a 6 de dezembro de 1534 e durou por vinte
 dias. Foi o 6º governador e o 2º visorrei. (Brazão:
 Oler. cit.º, III, 123)

⁽¹⁾ Luis de Camões — cap. I, 87.

⁽²⁾ Antero de Quental: cit.º cit.º

Bibliographia: Visconde de Saude de Baues:
Tareo de Camões (estudos biographico-genealogicos)
 no Diario Illustrado, n.º de outubro (1898) —
 Oliv. Martins: Hist.º de Portugal — Oliv. Mar-
 tins: Historia de Civilização Iberica — P. Ma-
 ges: Historia de Portugal —

XVII

26 de maio de 1874 = Morte de Joa-
quim Medeiros d'Alguiar.

« Joaquim Medeiros d'Alguiar
era, sobre tudo, um forte... »

Jornal Torrejanes, art.º no
n.º 1076.

Joaquim Medeiros d'Alguiar nasceu
em Coimbra a 24 d'agosto de 1792.

Esta cidade agreda-o como um dos seus
filhos mais illustres que apesar do seu nasci-
mento humilde soube elevar-se pelo seu
talento, zelo, seu caracter e soube legar o
seu nome á posteridade com obras boas,
uteis e de rara energia e decisao.

Os seus primeiros estudos foram interrom-
pidos pelas guerras com a Franca. Quando
concluiu os preparatorios commecçaram as lutas
que desde 1808 continuaram até á derrota de

Masena e Aguiar alistam-se no 1º batão acadêmico que tão bravamente se portou e onde elle affirmou a sua valentia pessoal ligada a um grande patriotismo.

Dezendo o gize, matriculou-se ainda na faculdade de leis onde obteve altas classificações e durante o curso mostrou bem quasi as suas ideias. Com toda a sinceridade e abertamente, elle mostrava quando se entusiasmava com as ideias liberaes o que foi motivo de desgostos e trabalhos e depois, quando concluiu o curso, e foi admittido ao magisterio, continuou na mesma.

O tempo, porém, e' que não se bem se pode mostrar tão liberal e Aguiar foi conseguido. Não podia deixar de ser: a inveja era grande e o merecimento d'elle era reconhecido por todos como muito grande.

Apesar de tudo continuou a exercer o seu lugar e quando a revolução de 1820 se levantou, pôde ainda livremente, desafortunadamente porém é desforçada dos revolucionários.

rios o seu gestuno todo, o seu vasto talento, a sua accao decisiva.

Le felizmente, a revolucan, como se sabe, não vingou e quando se restaurou o governo absoluto, Aguirre foi intimado para que deixasse o collegio de S. Pedro (antigo e Universidade) onde elle era professor. Abandonou, pois, Coimbra e refugiou-se no Porto.

Commeçou entao para Aguirre, uma outra vida.

A sua actividade foi enorme e onde elle fosse necessaria, elle lá estava para auxiliar a destrucan do velho regimen absoluto que estava tão arraigado e tão carcomido. D. Pedro IV, governou, foi aclamado em 1826 e Aguirre pôde entao gozar ainda um periodo perezado.

Foi nomeado lente da faculdade de leis onde fizeu um curso tão distincto e tomou assento na camara electiva onde, como orador, e como politico mais ajudou o

novo regimen que se pretendia estabelecer.

Mas, apesar de tudo, D. Miguel voltou; e em 1828 viu-se de novo obrigado a fugir e começou para elle um outro periodo máo da sua vida.

Fôra seguido da Universidade como o devia ser todo o liberal; mas a sua actividade não parou. Na emigração mostrou o que era e quando Saldaña formou a expedição á Terceira foi elle um dos que n'ella entrou com mais sinceridade e mais desprendimento.

A expedição não teve resultado; mas na segunda que foi tambem á Terceira, Aguiar lá estava, no cargo de voluntarios que com o resto da expedição foi desembarcar em 1832 na praia do Mindello para auxiliar a defesa do Porto.

A 15 de outubro de 1833, Joaquim Alberto d'Aguiar é chamado pela primeira vez para tomar conta d'uma pasta de ministros; foi primeiramente ministro do reino mas

seis meses depois tomou conta de Jasta de
justiça onde elle revelou bem a sua força e
a sua energia. ⁽¹⁾

Havia necessidade de muita coisa para
melhorar o Jazir e Aguiar dedicou-se com a
melhor boa-ventade a essas medidas que a
sua intelligencia viu como necessarias e a
que o seu espirito liberal o obrigava.

Entre ellas, ha uma celebre, a extincção
das ordens religiosas por decreto de 28 de

(2)
Depois de escrito este artigo vi na conti-
nuação de Historia de Portugal de Pinheiro Bla-
gas, feita pelo Sr. Barbosa Coler, a seguinte
agenciação de Aguiar feita por este ultimo pe-
rther: « Aguiar era, physicamente, o tygo cara-
" característico do conselheiro. Bastava vel-o ... para
" se sentir o impulso irresistivel a saudar sua
" excellencia! Alto gracia que os chafés, esse mo-
" rriante natural, para que o seu dano tivesse
" tempo de o levantar pelo alto, se erguiam de
" cabeça nem apanco decidido, no impaciencia
" do saudar sua excellencia! Alto, ventre aban-
" hulado pelo excesso, calças precocemente calvas,
" vestido sempre com sempre gravidade, d'um
" trato tao urbano que ... contava todas as ten-

maio de 1834. Foi um decreto acolhido geralmente com enthusiasmo e que lhe deu for assim dizer toda a sua celebridade, e

"Tão só familiaridade, feições d'uma harmonia que demonstrava até que junto a zozura naturosa não suscitava disparatar com quem desle o ventre materno vindo destinado aos conselhos da corôa...» E mais adiante: «Nelle homem tão bem educado... era um homem bastante malcreado.» E ainda adiante: «O que ninguém junta em duvida, nem elle zozuro... era a mais puerne honestidade da sua moral. Fasia d'ella ostentação. Foi o seu luxo constante. Puzha-a sempre em relevo nas suas cartas.» E ainda: «Bem o andar do tempo, mesmo os seus mais pueros esboços, occitavam, como materia de fe' dois merecimentos do ministro. Perante esses dois meritos sempre se inclinavam respeitosos: o grial era... o conhecimento aprofundado do direito romano, o immediato era... a sciencia complexa das tricas electoraes.» [Sleitario, 9.º p. 475.] Julguei curioso e interessante este transcritto do Sr. Coler. O Sr. Coler, dá-me a impressao, quando leio a sua historia, de que, impressionado por Oliveira Martins tomou, uma indigestão d'este illustre historio-

for cause do qual lhe chamáram o medo-jurado, nome for que ainda hoje é conhecido. ⁽¹⁾

Em 1836 entrou novamente para o ministério presidido pelo Duque de Terceira; em 1841 tornou a subir ao poder como presidente de conselho e ministro do reino, no ministério em que entrou também Rodrigo de Faria Magalhães. Voltou novamente em 1846 com o Duque de Palmella ao ministério que cahiu com a Maria de Fátima em outubro do mesmo anno; tornou a subir a presidencia

dão, em, para melhor frase, o mesmo autor do Portugal Contemporâneo de publico e celebre. Será ingenuidade minha? Não sei... O que é verdade parece, é que o Sr. Barbosa Coler, parece-me um moderado de critica, mais zelista que o Paiz; a irania com que trata a honestidade de J. N. d'Alguizar faz com que lembremos, com pena, a pouca honestidade com que o illustre jornalista das Novidades se vendeu para a guerra, para abacar a companhia do Tabaco e o governo do Sr. José Luciano. [Nota escrita a 21 de março de 1865]

⁽¹⁾ Desde muito que, no conselho, Alguizar, com

do conselho em 1860 e foi eleito em 1865
juntamente com o conde de Casal Tribeyro,
Fantes, Carvo, Barjeana e outros.

Foi como ministro, quer como delegado,
do, tornou-se sempre notavel pela sincerida-
de do seu caracter, pela justiça com que pro-
cedia e pelo seu desprendimento pelas vaidades
do mundo.

Foi um homem bom, honesto e quando
elle morreu viu-se a falta que elle fez ao
seu partido, que o considerava como um
dos seus membros melhores e mais illustres.

"
" tra a officina da imprensa, estava pela abolição
" dos conventos. No dia em que, em Evora-Monte,
" se assignava a convenção terminando a guer-
" ra, Aguiar voltou a insistir e tornou a ser ven-
" cido. D. Pedro, porém, reteve-o, depois da saída
" dos collegas e ordenou-lhe que lavasse o decreto.
" O ministro foi do lado da imprensa, ali redi-
" giu o decreto que se convoz e imprimiu em re-
" gado, á sua vista, e não sahio da imprensa so-
" nta quando o Diaris sahio tambem. Os collegas

Morreu a 26 de maio de 1876. E Coimbra, que lhe foi berço, agasça-o com certo orgulho.

No cemitério desta cidade lá está um pequeno túmulo, modesto, onde repousam os restos d'esse homem que foi tennido zela pela rectidão e energia.

Faz na terra um que nasceu. E quem lá passar, na rua principal do cemitério, á esquerda, zide dar a carteira de que ali está um homem que foi algumas vezes e que teve a alta qualidade de, como ministro, fazer cumprir as leis e decretos que assignava.

Assim fossem todos...

==

[20-V-1904]

" ponderaram, zais, zela zolla, do decisáo tomada, e
 " que, a não ser assim, nem se effectuaria. — Com-
 " muni. verbal de Duarte Nazareth que a humera do
 " Gregorio Aguiar. {O. Martins: Portugal Contemporâneo, II, p. 14} — Ver tambem a este respeito, este
Novo anno historico, II vol. - cap. IV

Bibliographia: Diccionario.

XVIII

21 de março de 1464 = Morte do con-
de D. Duarte de Meneses. -

«... mobilissimos cavalleiros...»

Fr. Francisco de S^{ta} Maria:

Memoria Historica.

O rei cavalleiro Affonso V, seguido de oitocentos dos seus melhores cavalleiros trans-
gredia as fortas fortificadas de Ceuta, a 20
de março, de 1464, em uma guerra, na di-
recção do sul.

Estava em Africa, pela segunda vez; au-
tava procurando estabelecer com seguran-
ça o nosso ingenio africano; mas temerá-
rio sempre, com o seu genio cavalleiresco
a estimulal-o, Affonso V deixava-se anas-
tar pelo primeiro impulso sem dar ouvi-
dos a conselhos.

Assim ia elle, a 20 de março de 1464, furdão esvoaçando ao vento, gloriando-se nos caméos de benta, peguido pela flor do seu exercito no desejo aguilhoante de desforra do desastre que sofrera ha pouco, em Tanger e, — accrescenta o pseudo conde da Terceira — « sem que a esgerança de gloria conresgundesse ao trabalho e fregio. »⁽¹⁾

De facto, era mais uma temeridade do rei cavalleiro que gloriava na certesa da victoria sem condecer a terra que ganhava e muito menos as fregiões dos inimigos.

Debalde D. Duarte de Meneses lhe dizia « com carequeime e tristese »⁽²⁾ que não fosse, que era um fregio, que morreriam...

Mas, como affonso V não admittia conrethos, lá foram, altivamente, soberanamente, pebiudo uma pena alcantilada, como um raio destruidor.

(1) Historia de Tangere - p. 30

(2) Uma : Chronica de D. Affonso V - cap. 156

O inimigo, Zorai, a maurisima espreitava a occasião e no dia seguinte que foi o de 21 de março, tendo corrido voz pela terra, os mouros juntaram-se em grande numero das aldeias vizinhas. O rei de Portugal estava ali, nas suas mãos; e — *Zor Allah!* — não sahira vivo dos alcantãs e fragos da montanha.

— Dizei ao vosso rei — beravam elles, d'um outro, á maneira de desafio — que hoje é o dia da nossa vingança!...⁽¹⁾

E arremetteram contra os christãos. Foi então, só, que Affonso V recatou a temeridade; só então, quando viu o caso mal gerado.

O estandarte real andou nunca dobadoi-
ra, das mãos dos portuguezes para as dos
mouros. Houve lançada rija e as circum-
stancias obrigaram o rei a chamar D. Duarte
de Bragança:

⁽¹⁾ Livro: Chronica — cap. 156.

— Conde, come candeais melhos, as
mandas dos moiros, acandellai esta miuda
gente... ⁽¹⁾

E mettem perra abaixo, com toda a sua
gente já desorganizada.

O conde D. Duarte fez rosto aos moiros;
e sua volta não havia nenhum cadáveres, mas
guardando a rectaguarda do fegreira hoste;
acandellando-a, via-se quasi posinho, quan-
do lhe mataram o cavallo. Acudiu o conde
de Monsanto com outro, mas — não lá
desviar a fatalidade! — como D. Duarte era
baixo, ao cavalgar não conseguiu logo pas-
sar a fegreira direita sobre a pella fegreira os
estribos estavam muito compridos e nesta
lesidada, ficou o cavallo com a espora.

O cavallo pendiu-se; levantou-se; de-
pois começou as coices e o conde cahiu no
chão, desamalgado. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Pina: Chronica, cap. 156

⁽²⁾ Pina: Chronica, cap. 156.

At d'usua do meuro, vociferando, viu
realizado o seu prometimento: mára o dia
do vingança! Cadirau sobre elle e desfize-
ram-no e o rei Affonso V, perra abaixo,
recobreu a benta, com mais uma devota fe-
ra attestar a sua lealdade em causas de
guerra. ⁽¹⁾

⁽¹⁾
No caminho para benta, depois da morte
de D. Henrique, mais ou menos p'ostentau a
rectaguarda o conde de Ville-Real e tão bravo
grece que foi, que o rei disse-lhe em benta:
« bento, a fe ficou hoje toda em vós » [Ruia:
Chronica, cap. 156]. E, accrescenta a isto o Sr.
Leffeyrico Brandão: « nem uma pequena parte
da fe ou fidelidade coube ao outro conde que
por elle perdeu a vida! » [Monumentos e Be-
las de Santarém, p. 39]. O Novo Historico, de
Fr. Francisco de Santa Maria, diz o este respei-
to: « ao meuro gódera e deuêre julgar a fe e
fidelidades repartidas em um e outro conde;
mas essa é uma das differenças entre os vivos
e mortos: — os vivos conservam-se na memo-
ria e os mortos, ainda antes de entregues
à terra já o estão no esquecimento... » Gra-
ce esta que o Sr. Leffeyrico Brandão enten-
dem dever copiar a p. 39 da citada obra: « E'

Com o conde D. Duarte de Meneses, ac-
tára um dos mais esforçados cavalleiros
portuguezes.

O seu nome encerra o periodo mais agi-
tado das nossas conquistas de Marrocos.

Tinha nascido em 1414⁽¹⁾, no anno ante-
rior ao da conquista de Ceuta, filho do cele-
bre D. Pedro de Meneses, 2.^o conde de Viana
o que foi o primeiro governador de Ceuta;
era filho natural mas legitimado em 1424⁽²⁾
e como mostrasse mais indole guerreira
que disposicão para a Igreja (como foram
os desejos do rei) este chamou-o a Ceuta

" que a differença entre os vivos e mortos con-
" siste em que dos ultimos raras vezes se fer-
" de a memoria e os primeiros, antes mes-
" mo de estarem entregues á terra, ja o estão
" no esquecimento... »

Das duas, uma: ou o Sr. Leophyrio Bran-
dão julga os seus leitores ignorantes, ou o
Ateneo Historico, uma velharia descaudada e
esquecida no zo' dos archivos...

⁽¹⁾ Portugal Antigo e Moderno - 8.^o v. - p. 296

⁽²⁾ a 15. de março { Portugal Antigo e Moderno

e ali o educou naquella escola valerosa, onde se iam trazer os nossos melhores cavalleiros.

Tinha tres annos ainda, quando, tendo se mostrado tao valeroso como forte galeja, seu pai arrouba-o cavalleiro daudo. He as galejas do estylo no proprio campo de batalla empunhando ao longe se via a brancas quejas, os albornozes brancos do mussulmano em fuga, ao gesso que, em volta, cadaveres de combatentes juncavam o solo.

Foi assim a educacao do valeroso D. Duarte; ja sua vida passou a ser uma successao de combates, de escaramuzas, de correrias, sempre immencivel, sempre o mesmo animo inquieto.

Na ausencia do Rei, ficou a governar Beata e quando galeja primeira vez, Affonso V tomou Alcacá - bezes, confiou-lhe o commando desta terra no qual per-

8.º v., ff 496 e Monumentos e Lendas, ff 36).

Veitão dois memoráveis cercos que foram
o esgardo e o terror de Marrocos.

Nestes cercos, diz Rey de Tena, os chris-
tãos « não ficaram nemos ledos e descane-
" zados do que ficaram leuados e louuados
" por toda a christandade »⁽¹⁾ mas acima de tudo,
fêlo seu valor e inquebrantável firmeza, o
nome de D. Duarte agrecia como um terror
para os inimigos e como uma segurança
para o nosso oscillante dominio marroqui-
no.

Era sempre auxiliar eficaz do rei, quan-
do este desembarcava em Africa para a
guerra. O seu nome era o geyho d'uma vi-
ctoria. As suas correrias eram de tal mol-
de que os mussulmanos nem se julgá-
vam seguros com tal visinho: D. Duarte
vivia como uma maldição, assolava, mata-
va, freudia e deixava desafarecia á rede-
volta, para dentro dos seus muros, mal

⁽¹⁾ Chronica - cap. 140.

dando tempo aos lobres mauros de voltarem
 a si do espanto que lhes causava a agonia.
 Hoje caia sobre uma aldeia; amanhã sobre
 uma terra fortificada; depois sobre uma co-
 lumbria de guerreiros arabes que transgros-
 se pousadamente os desfiladeiros das serras
 e assim, a região não dormia nem es-
 zada, com medo desse raio destruidor que
 vencio tudo, mesmo as agulhas dos moun-
 tes e os fraggedos das montanhas.

Nos intervallos das suas guerras d'Afri-
 ca, durante uns tempos que esteve em Por-
 tugal, combatten contra os infantes d'Ara-
 go; ajudou o conde de Medina Sidonia na
 conquista de Tarifa; e aqui nesta cidade,
 quando os mauros se entregaram vencidos
 exigiram como unico refugio, a palavra
 de D. Duarte de Meneses!

Singular cavalleiro era elle! A sua pa-
 laura era o requerissimo foyto que ex-
 traheiros e d'outra religião, exigiam fa-
 ra o cumprimento d'um contracto!

Mas o seu gosto, o seu verdadeiro gosto,
era em Africa!

Em Africa morreu, como viveu, glorio-
samente, pelo rei; e a cidade de esgosa en-
guen-be em levantar um mausoleu, (1) na
egreja de S. Francisco que lembra aos lo-
meus d'hoje quando o veem — que poucos
são! — a memoria gloriosa d'um homem, pe-
cificado pelo bravura d'um guerreiro que
embora valente, teve naquella momento o
amor á vida sufficiente para o perder á vida
dos seus cavalleiros...

... adiante!

==

{15 - III - 906}

(1) Pêcho Leal collocou o seu morto em 20 de ja-
neiro {Portugal Antigo e Moderno, 8.º, p. 496}

(2) Ver Monumentos e Lendas, cap. III

Bibliographia: Rey de Vico: Branco de d.
Alfonso V — Fr. Francisco de S.º Maria: Annuaire
Historico, I vol.º {no Panorama, v, 215} — Leffly-
rius Brandad: Monumentos e Lendas de San-
ta Elena, cap. III — P. Blazer: Historia de Portugal

XIX

9 de junho de 1597 = Morte do jesu-
ta José d'Alcibieda.

«... após contecido Lope no
mundo por tanto de santi-
dade, segundo Tasmaturgo de
maravilhas...»

P.^o Sebastião de Vasconcellos:
Bronica de Camargulio de Je-
su do Estado de Brasil - liv.
I, 135.

Depois da descoberta do Brasil, durante
o período ainda grande em que se procura-
va por todos os meios colonizar aquellas ri-
quissimas regiões e explorar os riquissi-
mos terrenos, uma das causas que mais
contribuiu para isso foi a Camargulio de Je-
su.

vol. , cap. 36 — Piolo Leal: Portugal Antigo e
Moderno, 8.^o, p. 496 — D. Duarte de Meneses, art.
anonymo no Guernano, V, 415

aus; e entre os filhos da *Baungaulia* um dos mais notáveis na historia da colonisação, foi o padre José de Azevedo.

A *Baungaulia* teve, sem duvida alguma, um papel importantissimo nos primeiros periodos da historia do florescente Brazil.⁽¹⁾ E a verdade manda que se diga que ella foi o maior auxiliar para a colonisação especifica daquelle parte d'America. Os nossos conquistadores eram portugueses; em geral levavam tudo a ferro e a *Baungaulia* protegendo-os, alcançaram em breve uma grande considerancia sobre os indios selvagens, no fundo doces e bondosos.

Este foi o seu papel, na America baixa e altamente pyrolythico; porém, se formos ver intimamente o fim desta bondade, vemos bem claro o odioso papel do jesuita.

Com muita razão diz Pineda Bages:

⁽¹⁾ Ver Sebastian de Vasconcellos: Chronica da Baungaulia de Jesus no Provincia do Brazil.

«a politica da sociedade era tão profunda,
 " que até fazia o bem, quando o bem lhe era
 " necessario.»⁽¹⁾

Protegia o selvagem, civilisava-o, mas
 tendo sempre em vista o seu plano terrivel;
 fazendo uma obra na America boa, elle, o
 jesuita, só alcançava vantagens para a Com-
 panhia.

Entre esses padres, sem duvida um dos
 mais notaveis, foi o padre Muckietz, ho-
 mem dotado d'uma grande intelligencia
 e, pegando se lê em livros, d'um grande
 saber e que alcançou o titulo de agostolo
 da America.

Era natural da ilha de Teneriffe⁽²⁾ e en-
 trou com 18 annos para a Compañia, ou
 de viram logo que nelle estava um fode-
 roso auxiliar. A sua intelligencia fez-se
 notar e as attencões dos superiores voltaram

⁽¹⁾ Historia do Portugal - IV, p. 132

⁽²⁾ Teixeira de Mello: Effemerides nacionaes,
 I, p. 370

na zona aquelle que devia ser, em breve, a
«trambeta do Evangelho, o prodigio de Gra-
ça»⁽¹⁾ como diz o Historiographo Lusitano no seu
gongarica linguagem.

No Brasil, porém, é que se revelou o
seu valor; chegou em 1553 e logo na Bahia
abriu um aula de latim «a primeira
que houve no Brasil!» diz com vaidade
um escritor brasileiro.⁽²⁾

Comecou a atrahir a si innumerados selva-
gens e os filhos dos colonos; a sua voz era ou-
vida respeitosa e como uma causa justa,
os seus conselhos seguidos como um or-
dem pagada e a sua influencia começou
a manifestar-se naquellas regiões desco-
nhecidas.

A frente contudo, dessa bandada que
he saltava dos labios, dessa docura que trans-
parecia nos seus gestos estava a bandeira de

⁽¹⁾ Citado nas Effemerides - I, 370

⁽²⁾ J. M. de Macedo: Annuaire biographico brasileiro
no. - II, p. 176.

de Loyola, cujos discipulos ambicionavam
avassalar o mundo. D'ahi viria a bondade
e a docura que elles empregavam para atra-
hir o selvagem, docil e bom; d'ahi todos os
processos publicos de que se serviam para do-
mar aquelles infinitos focos.

O Padre Mechieta, incansavel, sem duvi-
da, estudou a lingua tupy de que compoz
uma grammatica; lidava com os indigenas
das florestas virgens sem medo e sem pre-
caucau; compoz cantos religiosos que ensi-
nau aos catecumenos e compoz tambem
uns autos ⁽¹⁾ para elles representarem debai-
xo das arvores peculiares dessas agulbentissi-
mas florestas americanas!

Com este systema, Mechieta conseguiu
unzar-se ao resgato de toda aquella regio
onde o seu nome era conhecido e resgatado.
O politico da sociedade, era realmente pro-
fundo e sagaz!

⁽¹⁾ Anno biografico cit.^o - II, 176

Com a Leuitação, com a Sciencia, com
 seguis o seu fim. Aquelles que, no mundo
 então civilizado, zumbam e dezumbam
 reis nos thronos, que fizeram de Portugal
 um instrumento de baugaulia, queriam
 para maior gloria de Deus avassalar aquel-
 las preciosas regiões onde tinham os espi-
 ritos selvagens — terreno virgem ainda
 a bem, para a doutrina jeuista de Loyol-
 la.

Com uma vida trabalhosa, morreu por
 fim Archiep a 9 de junho de 1597 na sua
 aldeia de Barizilha; a sua morte foi sentida
 pelos selvagens que o respeitavam e pelos cam-
 paes de rauzeta que nelle perderam um
 dos melhores obreiros de baugaulia.

{ 3-VI-204 }

Bibliographia: P. Braga: Historia de Portugal,
 4.^o, cap. XIV — P.^o Sebastião de Vasconcellos: Chroni-
ca da Baugaulia de Jesus na Provincia de Brazil.
 — J. M. de Macedo: Anno Biographico Brasileiro
 vol.^o II. — Teixeira de Mello: Effemerides nacio-

XX

10 de setembro de 1741 = Nascimento
de Nicoláo Tolentino d'Almeida.

«At sua obra o Testifica. Pediu
sempre . . . »

Theodoro Braga: Falinto
Bluzio - VIII: Nicoláo To-
lentino

«Sempre sempre gozdas bem e mal mo-
rigrados, assim como o resto dos outros lo-
meus; porque lei barbara La. de fazer a Pa-
ria as pagueras de humanidade?»

Isso dizia o conhecido poeta Tolentino of-
ferecendo uns versos ao seu protector, o
marquez d'Almeida; dizia-o tristemente,

maes, I, p. 770 — P. Braga: Luizdas de Historia
Portuguesa, cap. V — O. Martins: O Brasil e as
colônias Portuguesas, liv. I —

⁽¹⁾ Obras poeticas de Nicoláo Tolentino d'Al-

magoadamente, como quem sentia por
experiencia quanto a Poesia faz neste
mundo as fraguezas da humanidade...

Vinte e seis o engraçado poeta; as let-
tras sempre foram um meio de se mover
à fome... Quando homens superiores não
vemos nós na nossa Litteraria que foram des-
gracados, pobres, tendo contudo um alto va-
lor intellectual! Tolentius entre neste nu-
mero; pobre nasceu a pobre, ou pouco menos
morreu; a sua vida é uma vida de trabalhos,
infeliz e mal remunerada.⁽¹⁾

Tolentius nasceu a 10 de setembro de 1740
e cursou direito em Coimbra; formou-se
com certo custo por falta de meios e di-
-

meida - I, p. 206 [ed. de 1801]

⁽¹⁾ Depois de publicado este artigo, comprei o
lucro do Sr. Theophilo Braga: Reliões Elysiis
e os desiderios de Arcadia, onde vi que acer-
ca da pobreza de Tolentius, tem uma affirmacão
diferente da que contecia noutros livros. Aqui
fica, como exemplo, algumas linhas, entre ou-
tras, que mostram a affirmacão: «... seria elle,

le que o gae, de Lisboa, quando lhe escrevia, só mandava «novas da sua saúde» e nada mais!

Al Zolera agormentou-o e quando voltou

" no realidade um necessitado, um protector de
" velado da familia, sacrificando. Do o talento gae-
" tico gae alcançar o valimento do mundo of-
" ficial. Não; elle mentia igualmente quan-
" do escrevia no Memorial ao Príncipe D. José:

" Entre flocos de Zolera

" Meus tristes gae me envolveram;

" Desde então em cruz enfiada

" bairra mine as mãos se deram

" A fortuna e a natureza.

" Todos os dados biographicos do gae ta colligidos e
" refazivelmente dos documentos autenticos
" que lhe dizem respeito, e são numerosos, estão
" em contradicção com os seus versos. Por esses do-
" cumentos reconstrue-se a sua vida e melhor
" ainda o seu caracter. » {Obr. cit. - pp 620-631} —
{nota feita a 29-III-206}

(1) Dig isto no Memorial ao Príncipe:

«...o bom gae, fulto de meios
Quanto mais de virtude.

a Lisboa, com a sua carta de acadêmico, teve de concorrer a uma cadeira de retórica, para gozar a vida.

E começou então para o poeta a frequência de publicar, de publicar muito, porque a luz de Góthica Tolentino era desregada, quasi de toda com que. D'aqui vem a serie enorme de memorias e cartas em verso que elle dirigia aos ministros, aos titulares, que tinham valimento, fazendo censuras, mandando muito...

Todas estas suas censuras, com este de feito; fazia, fazia descaradamente e diz o nho real: «abarcem zelo por caracter fedi-
"chão.»⁽¹⁾

Era contudo dotado d'uma boa lumieira extraordinaria e revelava em quasi toda a

Só mandava nos correios
Novas de sua pauda.»

(Nas Sadynas e Agistalas, p. 102)

⁽¹⁾ Portugal Antigo e Moderno - IV, p. 336.

uma obra que é alegre, quasi sempre satyrica, d'uma « jovialidade solida »⁽¹⁾ que lhe dá um lugar importante e original entre os poetas portuguezes. Era muito estimado pelo seu caracter e era recebido em muitas casas nobres onde achou bastante protecção.

É realmente, segundo descreve auctor,
 « é forçá d'empregar a poesia para obter posição mais rendosa »⁽²⁾ lá foi despedido para o lugar de official da secretaria d'estado dos negocios do reino⁽³⁾ lugar cujos rendimentos eram mais do que suficientes para o poeta e para a familia.

A familia contudo era grande e Volentino continuou a inventuar os seus projectos para conseguir melhores lugares, e collocar os irmãos.

. Volentino gedia sempre !

⁽¹⁾ Mais: História da Literatura - p. 196

⁽²⁾ Mais: História cit.^a - 196

⁽³⁾ a 21 de junho de 1781 { Satyras e Epigramas }
las, p. 4 }.

E' esta a sua principal feição. A sua ly-
ra foi quasi sempre empregada em lucto-
rios e assim envelheceu.

Quando quasi contava setenta annos, mor-
reu tristemente, depois d'uns quatro annos
de solidão aos 23 de junho de 1811. Os seus
antigos protectores tinham fugido com a fa-
milia real para o Brasil em 1807 e o poeta,
na sua casa aos bordões de Jesus passou o
resto da vida na companhia de sua irmã,
tristemente, perdendo a saúde e pouco a pouco
a sua antiga jovialidade.

O seu nome, Lorenzo, ficou e ficará. A
sua obra se não é a grimeira do seu elo-
quia não se pode dizer-se que é a mais ori-
ginal, a mais notavel de la satyra alegre e
discreta, dentre todos os poetas portuguezes.

Retratou com verdade os typos do seu
tempo; a vida de Lisboa, os seus costumes,
dando um relevo grande a tudo, mostrando
uma fina observação, uma notavel facilidade
de em escrever com graça.

« Quando se quer escrever uma comedia
 dos costumes deese tempo, disse Pinheiro Bla-
 gas, e indispensavel consultar Tolentinos⁽¹⁾
 e realmente, se lermos as suas obras, lo ve-
 mos, agalhados por gincel de mestre o cele-
 bre tygo do alibi, do gestacho de luterium,
 os tygos do frade e da freira de moda, uma
 galeria enfim que he bastava para gloria do
 seu nome de poeta.

A quintilha e a estrophe que mais usa-
 va; e se assim dizer, « a estrophe credibile
 de »⁽²⁾ e que elle usava como mingueu.

Escreveu tambem muitos sonetos, oitavas,
decimas, todas ellas mostrando a sua gran-
 de facilidade de metrificador e a notavel
 naturalidade do verso.

São notaveis a Furcaad, o Bitan, o Mem-
 tes, rodigas de primeira ordem; o Memorial
 ao juicefe regente que « e um grimoar de

⁽¹⁾ Diccionario folclor - I vol.

⁽²⁾ Maia: Historia cit. - 156

"narrativa humorística" ⁽¹⁾ e ainda outras que
 escusamos de citar porque toda a sua obra
 é digna de ser lida.

Bello conversador, contava-se d'elle in-
 numeras anedotas em que revelava o seu
 constante bom humor. E se alguma vez se
 se dizer d'elle é o de gostar o melhor da sua in-
 telligencia em fazer geditarios em verso, me-
 morias pretensas, em que exagerava pen-
 gre a sua goleria e que o levava a escrever
 numa carta a um cabelleireiro goeto, dissen-
 diendo-o de fazer versos:

«T'occiddeca do Poeta
 E' noble por natureza
 Mas todo o officio tem ossos
 E os d'este pão a goleria.» ⁽²⁾

[18-VI-204]

(1) Diccionario popular - I vol.

(2) Obras poeticas - I, p 97 (ed. de 1841)

Bibliographia: Maia: Historia da Literatura,
 p 196 - Pinho Leal: Portugal Antigo e Moderno,
 no, vol. IV, p 334.

29 de setembro de 1402 = Nascimento
do infante D. Fernando, o santo.

« O nosso coração, o nosso amor
e sympathia irresistível de nos-
sa alma não são para D. Fernando;
e, por grande que nos pareça a
accão dos herões, vale mais por
que é superior a tudo, a modestia
publímica dos martyres. Se a
vida humana consiste na ac-
cãõ, o heroismo, porém, não é
propriamente um fim: o fim
está na bondade augusta que
faz dos herões o combustível
que que arde a chama viva d'
essa alma etherea do universo.»

D. Martins: Os Filhos de D.
João I, — I, 306.

« Quasi per milagre » diz Frei Luis de
Saura nasceu em Santarem o filho ultimo
do glorioso mestre d'Alviz. nascera « quasi

ger milagre!» ⁽¹⁾ diz o cronista dominicano.

«D. Filipe acabou por gerar um santo, e
 la, em cujo ventre se formára a semente de
 tão grandes homens.» ⁽²⁾

Contava nelle a incllyta geração de que
 nos fella tantos generos que tanto illustrou
 uma epocha e encheu de gloria o nosso Portu-
 gal; ao mesmo celebramos o saber, a prudencia
 o valor, a lealdade, neste celebramos a
 triste parte que lhe dá direito á nossa sym-
 pathia, á nossa admiração, porque, victima d'
 uma vontade obstinada e d'uma ambición
 egoísta, entregou-se de boa mente ao sacrificio.

«Filho de donos e gerigos — diz ainda o
 mesmo cronista — e laido por orações,
 sahio em condições de creatura celestial» ⁽³⁾

Valente como as iruações, era contudo
 muito dado á solidão e ás orações, afastando

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos — vol. II, libro VII, cap.º

27 — ff 312

⁽²⁾ O. Martins: Os filhos de D. João I — I, ff 13

⁽³⁾ Hist.º de S. Domingos — idem, idem.

« muito da cante, vivendo retirado, procurando sempre conservar « a preciosa joia da castidade. »⁽¹⁾

A sua divisa era le bien me fait e realmente a sua vida mostrou que a divisa que tomára não era uma questão de luxo como os ingleses tinham inventado, com outras causas, mas sim uma espécie de formula legal a qual teria que reger os seus actos, todas as suas acções.

No entanto o sangue que lhe ficava do pai, levava-lhe ás vezes os pensamentos para a gloria, para o desejo de combater, de ser alguma coisa. Seus irmãos eram já homens, illustres já; um ia buscar a coroa, o outro corria o mundo, as pede-fantidas, outro em viagens procurava descobrir os segredos do oceano tenebroso e elle, como mais novo, uma criança, via-se inferior a todos.

Mas como era fraco, e seguindo o dro-

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos - II, p. 312

mista, de paude delicada ⁽¹⁾ nunca consentiam que elle sahisse do reino, para se aventurar em guerras.

Do depois da morte de seu pai, e que, quando D. Henrique, destinado com a conquista de Marrocos intentou tomar Tanger, o infante foi incumbido de tomar parte na expedição.

A ideia da expedição, foi, como se sabe, muito contrariada e o príncipe D. Fernando a reprovou; mas como o rei cedeu ás instancias do infante navegador, a armada concebeu a organizar-se e D. Fernando foi para a organização um bom auxiliar que «se mostrou tão polido na execução como antes se tinha mostrado guido no conselho.» ⁽²⁾

Por fim, lá foram!

Era a fatalidade a chamal-os irresistivelmente.

⁽¹⁾ Historia de S. Domingos - II, p. 313

⁽²⁾ D. Fernando de Meneses: Historia de Tanger - p. 16, n.º 23.

No dia 27 d'agosto de 1437 ⁽¹⁾ o infante D. Henrique fez a benta com a armada onde iriam uns 6.000 homens dos 14.000 com que elle contava e levando por as suas ordens o desgraçado irmao que ia ser « im- molado em Lolo causto ao genio quasi pemi- ta que nos injellia como genericos para a aventura dos mares. » ⁽²⁾

D. Henrique, obstinado como estava, resol- veu atacar Tanger.

Pôs-se cerco e começou a lucta; mas em breve viu como foi pouco o seu pouco poderio: cercado por todos os lados, com os seus homens desmados, com a multidão de mouros constantemente em combate, viu que só um milagre os salvaria.

O seu genio arde, contrariou-se, irritou-se; o seu coração duro, feriu, não lhe fa- ria ver as desgraças que occasionára e que

⁽¹⁾ Na Historia de Portugal de Braga - II, 136

⁽²⁾ Os filhos de D. João I - IV., p. 13.

circulo d'ellas fez com *salat-ben-salat* —
o chefe inimigo — o contrato que retiraria a
pão e salho entregando *beuta*, deixando em
refeio o infante D. Fernando.

Assim foi: D. Henrique embarcou, de co-
lunca caída, com a sua derrotada hoste, sem
voltar a cabeça porque o remorso de lá deixar
o irmão, atemorizaria de certo, o seu coração
inflexível, e iria ferir de morte o bondoso
irmão mais velho, a quem tinha de prestar
contas, o rei D. Duarte.

E o pobre infante preso, sobre um caval-
lo lasareado, ladeado pelos seus condegnheiros
de infamunio lá se sumiu pelos muros de
Tanger onde foi depois encerrado numa es-
cura prisão.⁽¹⁾

(1) Oliveira Martins conta a ida para Tey,
do infante, nestas comoveadoras e exaltan-
das linhas: « Mentado num pendeiro magro
e desferado, com a pella roba e os arcos desfe-
gados, com o feio atado por tamieas e na mão
uma vara, como Christo, quando o esgararam,
rei dos judeus, por mofo, nas ruas de Jerusalem.

Foi um castelheiro hereroso. Sofreu tudo com uma enorme resignação, com uma indiferença agradável que causava assemblis a todos enquanto que em Portugal se discutia o facto em conselhos em que o pobre rei, sem uma vontade que prevalecesse, deixava se

" Bem: assim o infante, resignadamente mar-
 " tyr, ia caminhando no deserto, cercado pelos
 " seus nove camagueiros que o seguiam a pé.
 " Vieram o confessor e o capellão; o secretario e o
 " camareiro, o physico e o aposentador, um re-
 " gosteiro, um conselheiro e o moço do fardo. Vieram
 " os destroços do grande naufragio de Tanger,
 " varados na praia ardente de Fez, perdidos no pais
 " da mourama hostil. Ao passarem nos jova-
 " dos, as gentes viam rebel-os com gritos al-
 " vorçados de exarame, poltando grandes vitu-
 " gérios, cobrindo-lhes as faces de escarros, perse-
 " guindo-os com pedradas. E assim foram leva-
 " dos até chegarem a Fez, onde com moveram pi-
 " gulamente a jovaçada amantada para os
 " ver, ansiosa por acabar com elles minus junis
 " de cannibae. Defendiam-nos os guardas que
 " os entregaram aos verdugos, para que tivesse
 " começo o mais cruel e o mais panto dos mar-
 " tyrios. de que a nossa historia resa. { Os filhos

por os dias nunca incerta e dolorosa. O golfo foi grande e ninguém teve força ou peadrenha para o curar.

E no castiveiro, entre selvagens, o pobre infante ia sofrendo tudo resignadamente, enquanto que dos socorros e dos conselhos pedidos para Roma, só vinham palavras de conforto, d'animo, e — como refere Rey de Sina — promessas « de rogarem a Deus por o bem e prospero fim da empresa. »⁽¹⁾

Sempre o eterno, o inextinguível egoísmo do homem!

Por fim, cinco annos volvidos, o Infante sentio aproximar-se a morte depois de perder a esperanza de ser salvo, sobre victima d'uma cega obstinação; tambem o rei D. Duarte morreu e encontrou o golpe da triste sorte de D. Fernando que elle, no testamento ordenára que se salvasse.

de D. João I — vol. I, p. 312]

⁽¹⁾ Chronica de D. Duarte — p. 143.

Que se entregasse banda: banda não valia a bondade enorme do irmão.

Bandado banda nunca se entregou; e a 5 de julho de 1443, depois de quinze meses em constante oração, pegando os cronistas, o Infante ~~menor~~ menor, mostrando ao mundo quanto é superior a tudo a bondade, a grandesa modesta d'um martyrio.

« O sobre infante, é o primeiro martyrio da nossa esglia; e se nos heuramos do muito que fizemos e agora o momento de deixar aqui uma lagrima de bondade e pena por esse infeliz gencuro do nosso infante. »⁽¹⁾

===== {20 - IX - 204}

⁽¹⁾ O. Martins: Historia de Portugal - I, p. 185
 Bibliographia: O. Martins: Os Filhos de D. João I - Frei Luis de Sousa: Historia de S. Dominguço, I, liv. VII, cap. 27-32 - Rey de Pina: Chronica de D. Duarte - P. Blazar: Historia de Portugal, II, cap. V e XII - D. Fernando de Azevedo: Historia de Tangere, liv. I, 23-33 - Fortunato d'

XXII

5 de maio de 1624 = Marta do Dou-
tor Antonio Honorem.

«... foi a ao. presente e' Hene-
ge, Agostada dogmatista de nos-
sa Santa Fé catholica, e por tal
Henege Agostada continuaz...»

Sentença da Inquisição
contra o Dr. Antonio Ho-
orem. —

Entre as victimas do terrivel tribunal
da Inquisição algumas ha que, pelo seu valor
intellectual chamam a pobre pi a attenção de
todos que se dedicam ao estudo do que tem
sido entre nós a intolerancia religiosa.

O doutor Antonio Honorem, entre no

Almeida: O Sepulchro de Sagres, cap. VII — Oli-
veira Martins: Historia de Portugal — I. v.

numero dos homens de grande valor que foram victimas da grande pacha dos terriveis inquisidores gortugueses.

Como alguns outros apparece-nos acima da grande multidão de condemnados que figuravam constantemente nos autos de fe em que se gortugava em publico o gortugador terrivel de que estovam investidos os ministros de uma religião que é toda de paz e de concordia.

O doutor Antonio Homem era lente da faculdade de canones, na Universidade de Coimbra que onde entrou a 22 de fevereiro de 1592⁽¹⁾; era homem de grande saber e intelligencia, considerado por todos como uma alta sagacidade, mas tinha um gortugoso de feito: era «christão novo...»

O seu grande saber, e sua grande intelligencia foram reduzidas a nada perante o monstruoso crime de ser judeu!

⁽¹⁾ O Boiense - n.º 5165

Em 1610 foi nomeado conego doutoral da Sé de Coimbra, nomeação de certo firmada no seu publico merecimento mas lá estava a terrível moda hereditária que difficil seria aggar. As suas agostilas eram agostadas como modelos mas que era isso em frente do zexigo que havia para a religião em existir um conego e leute christão-novo!

A intolerancia brutal tinha de se manifestar e manifestou-se.

Um dia, no anno de 1619, foi denunciado á Inquisição; o dr. Antonio Haumen entrou nos terríveis carcereos para pahir sómente a caminho da fogueira.

A denuncia é das causas mais interessantes que se me oferecem. O padre leute da Universidade era accusado de se reunir com os christãos-novos de Coimbra, nem das casas de rua de Moeda e de elebrar com elles as festas mosaicas, incluindo os jejuns! A denuncia entrou em

minúcias, a gosto de descrever a palla, as
 glorias dos celebrados e que o accusado fa-
 zia em geral de Summo-pacerdote, pentado
 numa cadeira d'esgaldá, e com uma mitra
 na cabeça com uma lamina d'ouro na
 parte superior. Em certas occasiões o deu-
 to Antonio Homem incensava uns retá-
 bulos onde se via a figura de Moysés e «to-
 "cava uma bacia em tão baixo falo de-
 "curso do dia algumas vezes» como diz a
 frolria pendente! ⁽¹⁾

Tudo isto se inventava, tudo isto se gro-
 vava, e por isto se levava á fogueira um ho-
 mem de alto valor intelectual, um lente de
 canoas, cargo de pé de boimbo.

Custa a crer como a intolerancia ia
 tão longe e tão cruel! A Inquisicao gro-
 va tudo quando lhe fosse necessário...

O processo pedido e o Dr. Antonio Ho-

⁽¹⁾ Tem publicado no Antiquário Bonimboi
ceano — n.º 3 e 4

meu esteve sendo de cinco annos nos car-
ceres mysteriosos sem se consentir na
sua innocencia.

Só em 1624 lhe foi lida a sentença. As
accusações eram varias, todas, e' claro, gro-
uadas e evidencia como cumpria ao pau-
to zelo dos frades inquisidores; e como cas-
tigo davam-lhe a fogueira infamante co-
mo realmente devia ter aquelle que era consi-
derado « herege, agostata e contumaz »⁽¹⁾

De facto, a 5 de maio de 1624, sahio em
Lista um auto-de-fé enorme com 84 pes-
soas (48 homens e 36 mulheres) direito ao ter-
reiro do Trigo, e ali, em frente da enorme
lacia do Tejo, a fogueira em que ardeu o dr.
Antonio Homem elevou os rolos de fumo
para o céu, serenamente, tranquilamente,
escondendo do vulgo estúpido e fanatico o
desfallecimento d'um alto espirito que se pe-
lta victima d'uma ignobil intolerancia.

(1) Sentença.

Diz a lista dos condemnados: « O padre
 Dr. Theotonio Homem, m. X. m. [mais cristão
 novo] sacerdote, lente de grama de canoas, co-
 nego doutoral da Sé de Coimbra e d'ella natu-
 ral. Negativo, dogmatista e zelo metaindo. Foi
 á fogueira com canocha. »⁽¹⁾

Depois, as casas em que os cristãos-novos
 se reuniam, em Coimbra, foram arrasadas
 e sobre o polo, lançados cestos de sal para se
 saber que aquelle lugar era maldito e que o
 bom cristão se devia horrorisar quando se
 lembrasse do que ali se fizera em vida do
 celebre rei.

Ficára assim patiffeito o zelo zedoso da
 Inquisição; do cathedraico illustre nada
 restava já e os frades do Santo Officio go-
 dham commegar a buscar novas victimas.

Um padre ficou a attestar no logar pel-
 gado o terrivel crime⁽²⁾ e a lembrar um

⁽¹⁾ do Commemorativo - n.º 5166

⁽²⁾ Bomfim de Figueiredo: Coimbra antiga e

nome que — diz Barbosa Machado ⁽¹⁾ — ficou conhecido pela sua pederastia, mas que é também horrroso e gostoso...

Sempre foi assim a intolerancia religiosa entre nós; a Inquisição perseguia e tudo gravava desde que fosse uma ignobil falsidade. O doutor Antonio Homem está no numero daquelles que — subire de alto me- recimento — exariaram o piunges crime de per neta de juden, como se a religião de Christo não acolhesse todo e qualquer mortal vivésse o paugue que tivesse!

=====

{28-IV-904}

moderna — p. 26.

⁽¹⁾ Bi.º no Comenbricense — p.º 5167

Bibliographia: O Comenbricense, n.º 5165 a 5167 — O Anuário Comenbricense, n.º 3 e 4 — Borges de Figueiredo: Comenbra antiga e moderna, cap. II — Camillo Castello Branco: O olho de vidro, p. 216-217.

XXIII

12 de julho de 1780 = Nascimento de
José Xavier Mansinho da Silveira.

«... Quanto a mim, servi com zelo nos tempos constitucionaes, servirei com zelo nestes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da gloria que governa, como do bem publico, governo ou em governar... »

Almeida Garrett: Memoria
Historica de J. Xavier Man-
sinho da Silveira.

Entre aquellas comparações do fallecido com o cithar Oliveira Martins, a que, com certa ironia barbaesca chamam allegorias nem me parece que haja com aquelle critico illustre,⁽¹⁾ encontramos esta na englobada obra Portu.

(1) Polémica acerca da interferencia dos jesuitas

gal Camões : « a D. Pedro IV, cabe, de
 " cento a herança do Mestre d'Alviz cujos defeitos
 " e qualidades herdou; Palmeira parece-se bastante
 " com Alvaro Paes; Salazar gide seu grande
 " esforço consideram-se o Nun'alvares; e Mansi-
 " nho é, sem duvida alguma, o grão-doctor, da
 " revolução dynastica do XIX século. »⁽¹⁾

O grão-doctor, isto é, o doctor João das Re-
 gras, o celebre decretalista que ajudou a levar
 ao throno o Mestre d'Alviz; e desde que arroja-
 damente (geralmente - se o adverbio) se compare
 o dador ao messias é justo que se leve a
 comparação aos seus legisladores e que o fim
 e arguto João das Regras, se compare ao mo-
 derno e orientado José Xavier Mansinho da
 Silveira.

na restauração de 1640. Veja-se a Bohemia do
Exército, ff 33 : « ... o gosto raro que o Sr. Oli-
 " veira Martes manifesta no genero allagorias,
 " sustentando-as com muito engenho, e descravi-
 " pando-se do jogo da historia gótica, ás vezes,
 " liberrimamente. »

⁽¹⁾ Vol. I, p 200.

Admitta-se pois, a allegoria e saiba-se quem era esse homem que mereceu do mesmo mais disolvente Listeriador (como ainda ha pouco lhe chamáramos⁽¹⁾) um tão cabal elogio.

Era um alentejano, de Castello de Vide, nascido a 12 de julho de 1780 e que passou a parte melhor da sua vida em cargos publicos. Formára-se em leis e foi juiz de fôra em Marvão e em Portalegre; depois foi governador nesta ultima cidade ao tempo da revolução de 1820 e em seguida director da alfandega de Lisboa.

Começa com a revolução de Vinte, o seu alto gorgol de politico; quando o grito de liberdade rebentou no Porto, Mourinho, no seu Alentejo esperou que d'elle viesse alguma cousa de bom e de util para o paiz aviado e que elle contecia bem; com o seu escripto principalmente politico diverso do dos

(1)

«... Oliveira Martins. A sua Historia do Portugal desde os de Tristese. Desnaturalisau-

homens que, com a revolução queriam levantar Portugal.

Com a mudança de systema politico veio para Lisboa ainda dentro de pouco tempo foi chamado para a pasta da fazenda; e Mauricio que concebera, certamente, nos seus quarenta annos de vida publica, o plano necessario para uma completa e profunda reorganisação social, viu com um olhar feudo quanto mais importante era para essas significativas visões de Verde, as estrondosas discussões nas câmaras, a intriga marquiada em as quichotescas tendencias com as nações estrangeiras.

No seu claro espirito, cheio de justiça e de bondade afigurou-se a revolução, a revolução como uma criança ingenua; não se imaginava a sua intelligencia e o seu cara-

nos! Herculano fez o mesmo... » [Palavras de Theophilo Braga, no artigo de Rodolpho Martins: Cinco annos de litteratura — no Illustração Portugueza, 2.^a serie, n.^o 1, (1866)]

estar com a personalidade que estivesse no
 throno ou com a chefia da nação; queria o
 bom governo, a piedade, a honestidade,
 como affirmou num memorial a D. João VI.
 «o homem de bem não cogita tanto da pes-
 " soa que governa como do bem publico, go-
 " verne quem governar.»⁽¹⁾

Por isso, talvez tivesse uma grandeza de
 consolação quando, com a reacção de 1823
 (a guerra de Villa-Franca) elle teve de entre-
 gar ao successor a pasta de ministro.

Consolação?... Sim, uma vaga e in-
 definida consolação que todo o homem tem
 vendo que não lhe comprehendem os pla-
 nos que a sua intelligencia concebeu
 com justiça e com honestidade, com o fim
 unico do bem dos outros, com a mira ex-
 clusiva no resurgimento d'um paiz cada-
 co. Voltou á alfândega, ao seu antigo e

⁽¹⁾ Cit.º em Garrett: memorias biograficas
 p. 86

sujeito a lagar; entregou as insígnias me-
conicas, abjurando e ordenou...

Os seus olhos passaram a triste serie de
acontecimentos desde então; a villa-franca
de nancara; a alvilada concluem a obra⁽¹⁾;
D. João VI manera; Carlos Joaquina de-
mora a si o filho exilado e o velho regimen
volta «como um protesto da nação unge-
nita contra as pretensões reformadoras»⁽²⁾.
Os olhos finos de Masciando tudo isto pas-
sam como mais uma prova incontestavel
da necessidade de remodelar Portugal; tu-
do passou pela sua frente como um espi-
culo a mais para a pratica do seu grandis-
so plano de reformador, mas, pentendo-se
só, não se ligando aos jacobinos por abstrac-
tos de mais; aos moderados por falta de con-
vicções e por irrem mais adiante d'uma ques-
tão dynastica do que d'uma questão de

(1) Ver a Alvilada no I vol.^o do Dono Tempo
Historico.

(2) Portugal Contemporaneo - I, 403

governo; e não se ligando também aos absolutistas por inextinguíveis e bem conhecidas incapacidades, viu que o único caminho era emigrar.

De facto emigrou para França quando em 28 o absolutismo voltou desenfreado; e começou na emigração a sua alta interferência na marcha dos acontecimentos, sendo a dignidade de D. Pedro e sua experiência e sciencia de 50 annos, e sua honestidade rara, e a sua indiferença — o que sua politica não é indiferente — glórias vaidades e glorias deste mundo.

Era um excêntrico, disse Oliveira Martins; ⁽¹⁾ isolava-se no meio das exaltações da emigração. Salvando, Palauella, a exedração aos Hcores, os funos de heroicidade do Imperador, era para elle o meio; por ali sim, é que conseguiria as suas reformas.

⁽¹⁾ Portugal Contemporaneo, I, 405.

Com elles vencendo, elle estiraria aos olhos de todos os seus galeis reformadores e ainda Portugal resurgiria, calcando os velhos preconceitos do antigo regimen para entrar num periodo novo gradico e justo; far de trás das canhoneiras dos expedicionarios elle expediria tambem as suas balas. Com glória e victoria os decretos seriam como trincheiras já tomadas: tudo iria de mistura para que não houvesse duvidas depois quando, com pocego, cada um reclamasse o seu quintão.⁽¹⁾

Assim, venciam elles — os da engada — e elle tambem, o que em galeis, de que

⁽¹⁾ "a... Mansinho, certo do resultado das me-
"taldas e obreyas reunidos, em folhas raliscadas
"no ventre de seu gasta de ministro... Algumas
"desembarcadas, na terceira grimeira, em
"Portugal depois, Mansinho sabia a gasta, im-
"primia decretos. Os camagueiros, confiando
"mais no nome do grimeiro ou na energia
"das engingardas, periam. Deixal-o! Pois
"não era extravagante estar assim a legis-
"lar para um reino que se não tinha? Se-

muitos se riram, reformára mais que todos os outros com sangue derramado entre iruaos.

A expedicao foi para a Terceira e foi d'ahi, dessas ilhas afastadas, que Mouzinho tendo chamado a si para o auxiliar o glorio-

"lar para um reino que se não tinha? Seria.
 "Mouzinho, porém, sabia que não teria jamais
 "se fariam depois da victoria quando todos
 "submissos teriam de vir beijar a mão do
 "vencedor, para conservar o respeito das
 "netas, rendosas grebas. E a victoria ficaria
 "em fumo.

"Assim não. Seria impossível desman-
 "dar o que estivesse feito: renegar o program-
 "ma, a bandeira, o juramento de uma guerra,
 "de qual a extravagancia de Mouzinho fo-
 "ria a revolução profunda de um país inteiro.
 "Tera isto de foderoso as idéas, quando habi-
 "tam um cerebro servido por um tempera-
 "mento excentrico: dá uns dias que ga-
 "nha laucras, e vence. Só os doídos fixe-
 "ram na terra coisas verdadeiramente gran-
 "des. . . . Por fim Mouzinho foi expulso do go-
 "verno. Bastava de laucras. . . » [Partu-
 gal Contemporaneo, I, 407-409]

o Almeida Garrett,⁽¹⁾ começou a emanar
 "decretos sobre decretos"⁽²⁾ dos quaes as leis de
 16 de maio, 30 de julho, e 13 de agosto pad, co-
 mo diz o historiador, «o nosso 89.»⁽³⁾

Almeida Garrett diz mesmo: «toda a
 "constituição material e social do reino foi
 "revolvida d'alto a baixo por essas leis formi-
 "daveis. São o termo onde verdadeiramente
 "se acaba o velho Portugal e de onde começa
 "o novo.»⁽⁴⁾

Estas leis foram as da abolição dos foraes;
 a da extinção do disimio, da divisão de auto-
 ridade «fiscal, administrativa e judicial.»
 Mas, vencida a guerra, exilso o monar-
 cha legitimo, os novos homens de libera-
 lismo não foram capazes de continuar
 a obra grandiosa do «grão-doctor» da

⁽¹⁾ Theophile Braga: Garrett e o romantismo,

p. 508

⁽²⁾ D. Martins: Hist. de Portugal, II, 290

⁽³⁾ Portugal contemporaneo, I, 408

⁽⁴⁾ Memorias biographicas, p. 91 e 92

ilha Terceira. Debalde a sua voz se levantava no parlamento contra o caminhar das novas causas; debalde protestava com a sua honestidade pingular contra os abusos.

A sua acção tinha terminado com a revolução de Pedro IV.

A sua originalidade fez com que o desdorassem uns, o abandonassem outros; a sua figura de velho misanthropo, de cabellos brancos como a sua alma, era aborrecida de quasi todos; a sua presença era de mais; e assim, Mansinho, o homem que « comprehendere a camêlida demolida do fassido »⁽¹⁾ viu-se obrigado a desapparecer da scena ainda não fôr comprehendido.

« Calam-se e puniu-se... »⁽²⁾

Em 1840 retirou-se da vida politica; contava sessenta annos e esses sessenta annos bem eram d'uma vida entregue

⁽¹⁾ Teixeira de Vasconcellos: Os Banturugos-raivos, p. 199

⁽²⁾ Paradizal Banturugos-raivos, 410

completamente ao bem, a utilidade do pau
 lizo, a gradica da justiça; e quando, em ves-
 tigas de morrer fez o seu testamento ainda
 diz com a constante preocupação da sua
 vida: «desejo sobre todas as cousas que meu
 filho prefira sempre a moral á riqueza...»⁽¹⁾

Morreu a 4 d'abril de 1848; e hoje esse
 homem glorioso é quasi esquecido.

«A gratia — diz Oliveira Martins — a
 quem elle deu a definição da sua vida mo-
 ra não teve gratidão bastante para contribui-
 r com os cobres necessários ao mem-
 morio que alguns se lembraram de pedir
 para o ministro de D. Pedro.»⁽²⁾

[29-III-906]

⁽¹⁾ Citado no Portugal Contemporaneo, I, 411

⁽²⁾ Ibidem — I, 410

Bibliographia: O. Martins: Portugal Contem-
 poraneo, I, liv. III, v — Garrett: Memorias bio-
 graphicas, p. 77 — Herculano: Mausinho de S. d.
 uca, no II vol. do Opusculo — Teixeira de
 Vasconcellos: Les. Contemporaneos, IX — Bar-

XIV

25 de fevereiro de 1813 = Morta de Fe-
linto Elycio.

«Um simples erudito, desda-
liado o celibato clerical com
a cultura de sociedades lit-
terarias...»

Theoph. Braga: Felinto Ely-
cio... - 187

Francisco Manuel do Nascimento, mais
vulgarmente conhecido pelo nome poético
de Felinto Elycio, nasceu em Lisboa, em
dezembro de 1734.

Dedicou-se á vida ecclesiastica e orde-
nou-se aos vinte annos; mas em breve de-

base bohem: Historia de Portugal, 9.º vol., p. 116 e
153 e vol. 10.º, p. 8 (nota) 117 e 207. — Theoph. Braga:
Garratt e o romantismo, p. 528 — Pinho Leal:
Portugal antigo e moderno, II, p. 181.

Dna, era liberal e de ideias avançadas.

Na França os encyclopedistas ergalhavam as suas doutrinas por todo o mundo iniciando o grande movimento que foi um dos maiores da historia da humanidade — a Revolução franceza; e ao velho Portugal essas ideias chegaram ajeas das fogueiras da Inquisição. Em todos os paizes ellas eram um objecto de terror e os livros de Voltaire livros impios e pediticosos.

Quando, houve alguma guerra, com o seu espirito avançado e liberal as camgre-lendesse e as adalhasse a guerra de per sacrificado; o nosso padre Francisco Manuel foi um destes: o seu entusiastico zelo doutrinas philosophicas dos encyclopedistas gerou-o e teve de extinguir-se.

Diz o Sr. Theophilo Braga ⁽¹⁾ que foi denunciado á inquisição pelo seu professor de latimidade; Innocencio diz que por

⁽¹⁾ Curso de Historia de Literatura Portugueza.

um clérigo de Braga, ⁽¹⁾ juntamente com
 tres congregateiros como « exercitados e
 " inodados na licção dos livros prohibidos,
 " digo de livros de philosophias modernas... » ⁽²⁾

Santo zelo o d'este denunciante!

Isto foi a 22 de junho de 1778. A Inquisição não podia guardar uma gansa dentro ardeu e os seus estirros foram para o grande, a 4 de julho. O ganso, ganso, era homem de grande sangue-frio e coragem; contou-se até como auedo este facto mas o que é verdade é que com os estirros em casa e com o seu chefe intravergente elle conseguiu evadir-se!

Fugiu primeiro para casa d'um diácono seu amigo e visinho e depois para casa do commerciante francez Verdier até que passados uns seis dias embarcou num

2a - ff 356

⁽¹⁾ Diccionario Bibliographico

⁽²⁾ lit.º no curso de Historia ... a ff 356.

{Processo do Santo Officio}

navio francez, desfrancado em meço de fretes.

E assim foi gado o exilio em Rouen
cujo unico crime era o ser um espirito
progressivo e que era inimigavel com o
telo dos padres do Santo-Officio.

Em France viveu-se varias vezes na mi-
péria. Traduzia para gantar o gão e chegou
a ensinar o portuguez o que com certeza
lhe não daria grandes lucros.

E assim passou uns 14 annos até que
o nosso embaixador na Haya, Antonio d'
Alvarez d'Almeida, conde de Barca, o cha-
mou e o nomeou seu secretario particu-
lar.

Viveu uns cinco annos na Haya e vol-
tou a Paris com o embaixador em 1797 e con-
tinou até a viver em France agindo d'es-
te seu protector de ter conseguido licença
para voltar a patria. Mas, como he não
restituia os bens confiscados elle conti-
nuou exilado até que morreu.

Em France relacionou-se com Lamas

Tinha e este dedicou-lhe uma ode no seu volume das Meditações; foi considerado, a ponto de escriptor francez d'aver publicas em volume muitas poesias suas, traducidas. É curioso que Felinto foi d'uma ingratidão enorme para com estes honras. Com o proprio protector Antonio d'Almeida tambem o foi!

É morreu pobre, em Paris, a 25 de janeiro de 1819, com 85 annos de idade, depois d'uma vida atribulada e cheia de desgostos. Era entao ministro em Paris o Marquez de Marialva que lhe mandou fazer as exequias á sua cresta.

O regalis tinha recebido algumas 12:000!

Felinto foi apreciado pela pureza e concisão da sua linguagem; Horacio foi o seu principal modelo e se os seus versos — diz o Sr. Theophilo Braga ⁽¹⁾ — não tem belleza, não contudo indigentemente para

⁽¹⁾ Curso de Historia cit.º — p. 357

quere quizer metrificar bem no mesmo lin-
gua. As suas traducções são correctissimas
quer em prosa quer em verso e cita-se no
numero d'estas pelo seu estylo «gracioso»
as Cartas d'Amor de Donna Marianna
Alcofarado.

Publicou as suas poesias em 1798 com
o nome de Verros de Felinto Elysio; tradu-
zio e publicou em 1802 o Oberon de Wie-
land, que é reputada a sua melhor tra-
duccão e em 1816 publicou a dos Martyres
de Chateaubriand.

Traduzio tambem a chronica De rebus
Emmanuelis de D. Jeronymo Osorio, bispo
de Sines.

Em qualquer destas traducções a sua
linguagem é de mesma correctão, de
mesma pureza, de mesmo valor. Era re-
putadissimo como mestre; Bocage até ex-

(1) Prefacio de Eugenia de Castro as Cartas
d'uma religiosa portuguesa.

clamava com um certo orgulho, quando Felinto, de Paris, lhe elogiou os seus versos: « zollos! zennui! Posteridade é minha! »⁽¹⁾

Hoje os seus restos mortaes estão no cimiterio do Alto de S. João; Rodrigo da Figueira quando ministro do reino fez os vir de França e entregou-os á Camara Municipal que em 1856 os trasladou para um monumento que mandou erigir naquella cimiterio.⁽²⁾

===== {18-2-104}

⁽¹⁾ Ode a Franc.^o M.^o de Nascimento (Obras poeticas, II, 104)

⁽²⁾ Ver Vivos e mortos, de Cardillo

Bibliographia: Theophilo Braga: Curso de Historia de Literatura Portuguesea — Pinho Leal: Portugal antigo e moderno, IV, 335 — Maia: Historia de Literatura — Diccionario Universal Portuguez Illustrado, VI, 11 — (Dezais de escripto o artigo sobre o livro Felinto Olyrico de Theophilo Braga)

XXV

26 de outubro de 1802 = O Lusitano
D. Luizuel.

« Branco, violento, leudal, era
o genuino tygo do jilho segun-
do de casa fidalga: fadista, ma-
rialva, laureino, supersticioso,
leudo, nullo como intelligen-
cia; mas com um tam de no-
bresa, um velho heroismo ingé-
nito, gerando de gela educacão,
godo seu objecto indiguo de
santificacões. »

Oliveira Leantes: Portugal
Castro e o Reino - I, 36

« — Ah! meus leões portuguezes! ...
" unamos corações, vontades e até os corpos
" em roda do Throno onde está milagrosamen-
" te assentado o fiador e mantenedor de toda
" a grandidade religiosa e civil, o vingador
" das affrontas e vilgências que se fizeram

" ao Throno portuguez, o Protector da Santa
 " Religião dos nossos maiores... nesse tão
 " amado e quasi idolatrado Soberano!... »⁽¹⁾

Este quasi idolatrado soberano a quem em
 tão violenta agitação os portuguezes se
 referia o terrivel frade Fr. Fortunato de S. Boaventura
 em 1831, era um rapaz novo, de gra-
 nça gentil, esgobado, com « uns grandes
 " olhos negros gemmeos, »⁽²⁾ valeroso, sabien-
 do domar um cavallo como zicar um toiro
 preferindo o campo aos requintes da cârde,
 forte e destemido.

Este rapaz, cheio de vida e força, de cara
 escauhada, que o frade dizia ser o fiador e
 o mantenedor dos brios portuguezes, era um
 infante da casa de Bragança cujo nome
 ainda hoje é por muitos adorado e quasi ido-
 latrado: era o infante D. Miguel.

⁽¹⁾ A Bandeira-nua — periodico moral e poli-
 tico — por Fr. Fortunato de S. Boaventura —
 n.º 5 (1831), p. 10-11.

⁽²⁾ D. Quaresma: Hist.ª de Portugal, II, 264

D. Miguel foi, durante muito tempo, um desajado. O seu carácter, a sua personalidade eram de molde a torná-lo tão querido que a sua memória ficou viva durante muito e muito tempo.

Tinha nascido a 26 de outubro de 1802, pouco depois da vergençosa guerra com a Espanha e em meadas do período agitado da nossa história conturbado pelo período das invasões francesas.

Tinha seis cinco annos quando foi para o Brasil arrastado por esse medo favoroso de Bonaparte que fez fugir a corte real de Portugal. Lá, no Brasil, creado e salta, agermano amiguado pela mãe cujo temperamento italiano mais ou menos lerdano, fazia o que lhe parecia, incluída a sua ventura em divertimentos baixos, acompanhava gente de nále, os cozinheiros do rei, os boliceros, os moços de estrebaria.

Nas ruas do Rio de Janeiro, juntamente com o irmão D. Pedro, « corria a chi-

« coste quem he não tirava o calço ou se
 « não algava quando gava;» ⁽¹⁾ largava o
 galgo, e desfilado, fugindo dos seus mestres
 ou das gessas com quem tivesse de ter
 uma certa reverencia; juntava amigos de
 ragaçadas e imitava o zurrar do burro
 e o ladrar dos cães para dizer — no meio
 do galgo do que ouvia — que era as-
 sim que o « Segurador com mandava »,
 que era assim que « fallavam os deputados
 do congresso » ⁽²⁾ e por fim á noite reunia
 os lacaios e cantava-lhes alegremente as
 aventuras do dia, quantos burgueses chi-
 coteara, quantas feigas tinha feito, quan-
 tos cavallos estairara, quantos escravos de
 S. Christovam violara brutalmente!

« Que frases! que maneiras! que ges-
 tos! Quem não diria desde o primeiro ti-
 « rocínio — com mandava em li canal do

⁽¹⁾ Anago: Hist.º de Revol. de Setembro, I, 12

⁽²⁾ Referido em Boletim: Historia de Portugal
IX, p. 18..

"Temo — que em sua Real Pessoa havia
 "o germe de minha surta de Calígulas?"⁽¹⁾
 . Foi assim creado o Infante, como diz
 o Sr. Coler, «ao Deus-dará.»⁽²⁾ A influ-
 encia do mãe, nelle, era bastante grande
 e acostumado a ver o genro regeito e a
 genro importancia que davam a seu gae
 fey com que o tratasse sempre desabrida-
 mente, e com que nunca fosse seu ami-
 go.

Era um rapaz assim, no vigor dos
 vinte annos que Portugal viu á sua
 frente para destruir a obra generosa dos
 honras de 1820. Era um rapaz assim,
 sem cabeça para se governar, tendo como
 conselheiros honras de baixa esgêcie —
 o Sedves, o Pains Ragueiro, o Cambe-
cas, o Raymundo, o Chicoria — dei-
 cendo-se influenciaz dos ministros

⁽¹⁾ Referido em Coler: Historia de Portugal
 IX, p 17.

⁽²⁾ Coler: Idem, IX, 15.

raucoramente absolutistas, que um dia agreecer a querer reguenerar e o manter os antigos brios dos portuguezes.

O infante D. Miguel foi um joguete nas mãos do pau partido, um executor das ordens de sua mãe. Foi elle que saltou para a rua, á frente da turba multada dos algariguados e que fez a Villa-jancada para libertar o rei; foi elle a quem accusaram de cúmplice no assassinio do duque de Loulé; foi elle que á frente de um bando de camizinos galgou pelas ruas de Lisboa — feito alguasil, como diz Oliveira Martins ⁽¹⁾ — durante a abrilada; ⁽²⁾ foi elle que depois voltou galgado quatro annos no meio de palvas, de requiegos, de te-deus e de discursos como um novo D. Sebastião, libertar a patria agrimeida; e foi elle que, seis an-

⁽¹⁾ Ver no vol. II. das Novas annos Historico
o cap. XXIII : ad abrilada

⁽²⁾ Hist.ª de Portugal - II, 265

nos dias foi exilado tristemente em
seguida a uma camargueira infeliz, para
longe da patria.

E' que D. Miguel era um prodecto um
gaulo estereotipado; «era um demago-
go de antigas cidades perdidas no meio, de
reculo inimigo»⁽¹⁾ e a revolucao de 20 de
abril tão facilmente deixou gerem a
reina generosa a gemer com forças ga-
ras em breve rebandar de novo mais for-
te, ainda que mais falsa.

O terrivel padre José Meadinho, dizia
em 1830, no seu fervor miguelista:

«Bo'a brigada
Salva o Rei, salva a Patria e salva o Povo
E a honra nacional que e' mais que tudo»⁽²⁾

Contudo, apesar de todas estas causas, o
liberalismo avançava e o Porto resistia;

⁽¹⁾ O. Martins: Hist. de Portugal, II, 265

⁽²⁾ Epitapho de Hercules - Elogio dramatico
..... - p. 15 (1830, 1 fo. 80)

o povo ia compreendendo o progresso; o di-
 reito da Santa-Alliança ia faltando a
 pouco e pouco até que um dia, no verão
 de 1834, o príncipe a quem os inimigos
 chamavam balizete e outros nomes foi
 reduzido á ultima extremidade, no rigor
 dos seus 32 annos, assignou a sua gerda,
 foi para o exilio e deixou ao mundo au-
 licioso — com peiores qualidades que as
 suas, falso e máo e menos legitimo ao
 throno do que elle — a triste gloria de im-
 plantar em Portugal o regimen que tem
 trazido á ruina e á ignominia a gloriosa
 raza de Almeida.

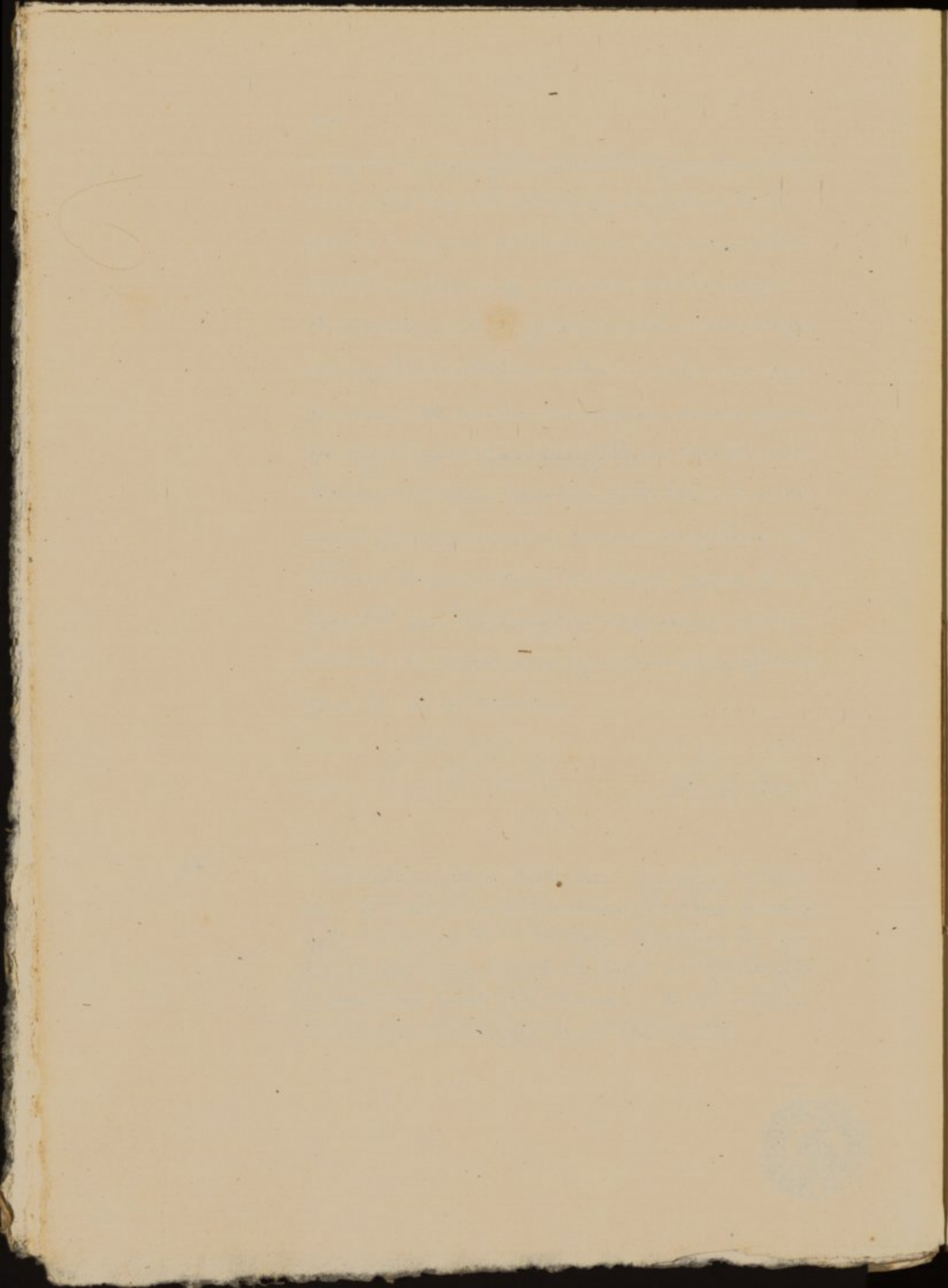
==

{20 - X - 205}

Bibliographia: B. Coler: Historia de Portu-
 gal, IX, cap. I — O. Martins: Historia de Portu-
 gal, liv. VII, cap. IV — Arriaga: Historia do Rev-
 lucão de Setembro, liv. I, cap. I — T. d'Almeida:
Descrição geral e historica... II vol. — Pina
 Monteiro: Portugal desde 1826 a 1834.



= Allegria =



I

AditamentoNo. cap. III

Bibliographia: Colson: Historia de Portugal,
 IX, 179; X p. 318-319 e 330 — O. Martins: Portu-
 gal Contemporaneo: I: 11, 19, 67, 112, 234, 247,
 326, 331, 382 e 404; II: 40-46, 59, 144, 283, 294-86.

No. cap. VIII

Bibliographia: Commemorative, 6039

No. cap. IX

Bibliographia: Eduardo Neresinho: O Heros
 do Chaimite.

II= Bibliographia =

- Almeida { Fortunato d' } — O Infante de Sagres —
Lisboa, 1894 — 1 vol.
- Andrade { Francisco d' } — Chronica do muito alto e muito poderoso rey ... d. João o III ...
Coimbra, 1796 — 4 vol.
- Andrade { Jacintho Freire d' } — Vida de D. João de Castro, quarto visorrei de India.
Lisboa, 1815 — 1 vol.
- Aragão { M. C. Teixeira de } — Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis regentes e governadores de Portugal.
Lisboa, 1877-80 — 3 vol.
- Ariaga { José d' } — Historia da Revolução de dezembro
Lisboa ... — 3 vol.
- Azevedo { Athanasio Rodrigues d' } — Os dades da terra qdo dauctor Gaspar Fructuoso ... ma-

manuscrito do século XVI au-
notado por Alvaro Rodrigues
d'Almeida

Funchal, 1873 - 1 vol. g.

Myriana { James James de } - Chronica de
El-rey D. João I

Lisboa, 1898 - 1 vol.

Baena { Sancho de } - Mansinho d'Albuquerque
que - estudo genealógico no
Diário Ilustrado, n.º especial.

Baena { Sancho de } - Vasco de Gama - estudo
genealógico-biográfico, no
Diário Ilustrado, n.º de ce-
nário de Índia (1898)

Barbosa { Genesio Soares } - Grammatica
Philosophica da lingua portu-
guesa . . .

Lisboa, 1830 - 1 vol.

Braga { Theophilo } - Curso de Historia de
Litteratura portuguesa.

Porto, 1886 - 1 vol.

Braga { Theophilo } - Bandas e o portuense
to nacional

Porto, 1891 - 1 vol.

Braga { Theophilo } - James Frainc d'Almeida
de - no fasc. VIII de 2.º vol. de
Plutarco Portuguez.

Braga { Theophilo } - Bocage - no fasc. IX, de
1.º vol. de Plutarco Portuguez.

- Braga [Theophile] - Bocage, sua vida e
o ciclo litterario
 Porto, 1876 - 1 vol.
- Braga [Theophile] - Garrett e o romantico.
umo -
 Porto, 1904 - 1 vol.
- Brandão [Lefyrius] - Monumentos e
letras de Santarém
 Lisboa, 1883 - 1 vol.
- Castello-Branco [Camillo] - Almeida-Gar-
rett, na Nova Seleta Portu-
guesa [ed. de 1896, p. 138-140]
- Castello-Branco [Camillo] - D. Francisco
Manuel de Lello, prefacio
na Carta de Guia de Basados
 Porto, 1898 - 1 vol.
- Castello-Branco [Camillo] - Cancioneiro
alegre. -
 Porto, 1888 - 2 vol.
- Castello-Branco [Camillo] - Bohemia do
Injuncto -
 Porto, 1903 - 1 vol.
- Castello-Branco [Camillo] - O olho de vi-
dro. Romance historico
 Lisboa, 1904 - 1 vol.
- Castilho - Vivos e mortos - Agraciaes
memorias, litterarias e artis-
ticas.
 Lisboa, 204 - 2 vol.

- Chagas { João } - A Samba, artigo no
n.º 105, de 1102, na Paródia.
- Chagas { M. Pinheiro } - Historia de Portugal
gal - popular e illustrada.
Lisboa, 1899-204 - 8 vol.
- Chagas { M. Pinheiro } - Leigas de Histo-
ria gonguessa - II: O abba-
de Faria
Lisboa, 1893 - 1 vol.
- Chagas { M. Pinheiro } - As Decadas - no
Archivo Pitagorico, vol. IX, pag.
211 e seg.^{tes}
- Coleu { J. Barbosa } - Historia de Portugal -
Lisboa, 204-05 - 2 vol.
- Cordeiro { Luciano } - Duas galaxias - á
branca de D. Pedro I. de Por-
tugal
Lisboa, 1895 - 1 vol.
- Costa { D. Antonio de } - Historia do mare-
chal Salazar - {1.ª tomo}-
Lisboa, 1879 - 1 vol.
- Costa { D. Antonio de } - Historia daestruc-
ção popular.
- Dérij { Ferdinand } - Portugal gonguesso ou
descriçáo historica deste
reino.
Lisboa, 1846 - 4 vol.
- Dias { Carlos Malheiro } - Cartas de Lisboa, I.
Lisboa, 1905 - 1 vol.

Dumas {Alexandre} — O bande de lous.
de Christo.

Lisboa, 18... — 5 vol.

Figueiredo {D. B. Borges de} — Coimbra au
King e moderate.

Lisboa, 1886 — 1 vol.

Garrett {Almeida} — Viagens na minha
terra —

Lisboa, 1804 — 1 vol.

Garrett {Almeida} — D. Brancos — Joanna.

Lisboa, 1804 — 1 vol.

Garrett {Almeida} — Memorias biograficas:

memoria historica de J. Xa-
vier Almeida da Silva.

Lisboa, 1804 — 1 vol.

Gayo {Silva} — Maris — Exposicao das le-
itas civis...

Lisboa, 1868 — 1 vol.

Herculano {Alexandre} — Fernao Lopez —
no tomo V do Ogusculos

Lisboa, 1881 — 1 vol.

Herculano {Alexandre} — Garcia de Resen-

de — no mesmo vol.º do

Ogusculos.

Herculano {Alexandre} — D. Francisco Lu-

mel de Mello — no vol. IV do

Panorama, p 176-284

Herculano {Alexandre} — Almeida da

Silva au la revolucion

- portugaise — no vol. II do
Opusculo.
 Leal (Pinto) — Portugal antigo e moderno.
 Lisboa, 1873-2o — 12 vol.
 Lopes (Faria) — Chronica de D. João I —
 Lisboa, 1897 — 7 vol.
 Macedo (Joachim Manuel de) — Meus biogra-
phico brasileiro
 Rio de Jan.º — 1876 — 3 vol.
 Maia (Dall'Im Maria d'Oliveira) — Historia
da Literatura. — 2.ª ed.
 Porto, 1892, + 1 vol.
 Manique (Franc.º Ant.º de Bualde de Pina) —
Portugal desde 1828 a 1834 —
 Lisboa, 1872 — 1 vol.
 Maria (Fr. Francisco de Sando.) — Meus His-
torico, Diario Portuguez. . . .
 Lisboa, 1764 — 3. vol.
 Martius (Oliveira) — Historia de Portugal
 Lisboa, 1801 — 2 vol.
 Martius (Oliveira) — Historia da civilização
iberica —
 Lisboa, 1801 — 1 vol.
 Martius (Oliveira) — O Brasil e as colônias
portuguezas
 Lisboa, 1804 — 1 vol.
 Martius (Oliveira) — Os Filhos de D. João I —
 Lisboa, 1802 — 2 vol.
 Martius (Oliveira) — Portugal antigo.